

Coletânea de  
**Poemas e  
Canções**

para embalar os  
movimentos da vida

2023



Coletânea de  
**Poemas e**  
**Canções**  
para embalar os  
movimentos da vida



2023

Lutadores e lutadoras,

O Movimento Camponês Popular apresenta a Coletânea de poemas e canções para embalar os movimentos da vida este livro de poemas e letras de canções é para animar nossas lutas, momentos de formação e as variadas agitações de nossas cotidianas.

Esta coletânea tem a produção artística de nossa gente, assim como de poetas, compositores e compositoras conhecidos, que já acalentam nossa vida.

A poema ou letra de canção tem o objetivo de encontrarmos palavras revoltosas e inspiradoras. É uma coletânea para a militância empunhar em todos os momentos, da reflexão em um agradecimento à denúncia em uma mística ou no enfrentamento.

São poemas e canções que vão nos incomodar, ou por não concordar com seu conteúdo, ou por explicitar a crueza da realidade de poetas e da classe trabalhadora, em suas diversas conjunturas.

A nossa vida é mística e a mística é mistério que precisa ser alimentado para reanimar nosso desejo de rebeldia e reconstrução de uma sociedade sensível, colorida, justa e igualitária. Como afirmou o poeta Paulo Leminski, “Na luta de classe, todas as armas são boas: pedras, noite e poemas”.

Acreditamos na rebeldia dos versos, das vozes, dos instrumentos e das danças, em suas concepções sagradas que carregam a história e memória da diversidade de nossa gente.

Esta coletânea é para nos embalar no exercício de esperar. Cada poema e cada verso é para que possamos lembrar da construção coletiva de nossa poesia como lutadores e lutadoras, em defesa da produção de alimentos saudáveis como cultivo de relações humanizadoras.

O MCP é feito por um povo que sonha, canta, dança, escreve poemas e canções. Então, que sejamos uma coletânea viva de poesia para nós, para outros e para o mundo.

**Movimento Camponês Popular – MCP**

## SUMÁRIO

### I PARTE – POEMAS - 11

Cambão Autoria: Francisco Julião - <b>13</b>	As sementes crioulas Autoria: Tábata Neves Rosa - <b>20</b>	Do povo buscamos a força Autoria: Agostinho Neto - <b>32</b>	Afetividade e sexualidade Autoria: Consuelo Lins - <b>43</b>
15 Anos Do Movimento Camponês Popular Autoria: Maria Jacione da S.Freitas - Pará - <b>13</b>	Semeia sempre Autoria: desconhecida - <b>22</b>	Elogio da dialética Autoria: Bertolt Brecht - <b>32</b>	Apesar das acontecências do banzo. Autoria: Conceição Evaristo - <b>43</b>
Chamado camponês Autoria: Maria Jacione da S.Freitas - Pará - <b>14</b>	(Poema sem título) Autoria: Rafaela Cavalcante – Pernambuco - <b>23</b>	Elogio do Revolucionário Autoria: Bertold Brecht - <b>33</b>	Todas as vidas Autoria: Cora Coralina - <b>44</b>
(Poema sem título) Autoria: Rafaela Cavalcante – Pernambuco - <b>15</b>	Terra e Produção Autoria: Diva Sousa - Pará - <b>24</b>	É proibido Autoria: Pablo Neruda - <b>33</b>	Vocês já pararam para pensar o que é ser mulher camponesa? Autoria: Tábata Neves Rosa - <b>45</b>
Movimento Camponês Popular Autoria: Raimundo Ferreira – Pará - <b>16</b>	Luta camponesa Autoria: Manoel Anderson Costa Do Carmo - <b>25</b>	Eu Sei, Mas Não Devia Autoria: Clarice Lispector - <b>35</b>	Mulheres Autoria: Pablo Neruda - <b>46</b>
O Camponês e a Devastação Autoria: Joaquim Pereira dos Santos - <b>16</b>	Esperançar. Autoria: Raimundo Ferreira - Pará - <b>26</b>	Mais ou menos Autoria: Chico Xavier - <b>36</b>	Esperança Autoria: Mahmud Darwich - <b>46</b>
O Poeta Da Roça Autoria: Patativa do Assaré - <b>16</b>	Movimento: Tambores da Resistência, MST PE Autoria: Morim - <b>26</b>	Metal e sonho Autoria: Pedro Tierra - <b>37</b>	Os vampiros Autoria: Miguel Tiago - <b>46</b>
Sou do campo. Autoria: Edir Augusto Dias - Pará - <b>17</b>	Covardia declarada, Autoria: Keylla Trindade - Pará - <b>27</b>	Nossos Inimigos Dizem Autoria: Bertold Brecht - <b>37</b>	Esgota-se o tempo Autoria: Miguel Tiago - <b>47</b>
Comunicação popular. Autoria: Thay Rocha – Sergipe - <b>19</b>	Rompendo o silêncio Autoria: Márcio Jandir – Pará - <b>28</b>	Novo tempo. Autoria: Ivan Lins e Victor Martins - <b>38</b>	Aos que lutam Autoria: Bertold Brecht - <b>47</b>
O dever do sertanejo Autoria: Joaquim Pereira dos Santos - <b>20</b>	Permanente Autoria: Márcio Jandir – Pará - <b>29</b>	O passo seguinte Autoria não identificada - <b>38</b>	Privatizado Autoria: Bertold Brecht - <b>47</b>
	Modo de vida ribeirinha. Autoria: Lene Valente, 2020 - Pará - <b>29</b>	Os homens da terra Autoria: Vinicius de Moraes - <b>39</b>	Rondó da liberdade Autoria: Carlos Marighella - <b>48</b>
	Clamor Pela Amazônia . Autoria: Lene Valente, 2020 - Pará - <b>30</b>	Os dias da comuna Autoria: Bertold Brecht - <b>40</b>	Um olhar sobre a utopia Autoria: Eduardo Galeano - <b>48</b>
		Certidão de óbito Autoria: Conceição Evaristo - <b>42</b>	A economia Autoria: Pedro Munhoz - <b>49</b>
		A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres. Autoria: Conceição Evaristo - <b>42</b>	

Antes Autoria: Pedro Munhoz - <b>49</b>	Credo Autoria: Milton Nascimento e Fernando Brant - <b>59</b>	Canção óbvia Autoria: Paulo Freire - <b>73</b>	Menimelímetros Autoria: Luz Ribeiro - <b>82</b>
Construir Autoria: Pedro Munhoz - <b>50</b>	Hoje não vou desistir. Autoria: José Luís Nunes Martins - <b>59</b>	Ser humano Autoria: Pepe Mujica - <b>73</b>	Poema Autoria: Piê - <b>85</b>
Escuto a sabedoria, reparto o conhecimento Autoria: Pedro Munhoz - <b>50</b>	Poesia do nosso jeito de fazer formação. Autoria: Cepis - <b>60</b>	Bandeira Autoria: Julia Iara Araújo - <b>74</b>	Licença aqui Autoria: Lucas Afonso - <b>86</b>
Não desista Autoria: Mario Benedetti - <b>51</b>	Até que nossos sonhos se toquem. Autoria: Ausenda Hilário - <b>62</b>	A pedagogia dos aços Autoria: Pedro Tierra - <b>74</b>	A fome Autoria: Pedro Munhoz - <b>89</b>
Luta permanente Autoria: Sandra Marli da Rocha Rodrigues - <b>52</b>	Liberdade Autoria: Paul Éluard - <b>62</b>	Que a universidade se pinte de Povo! Autoria: adaptação livre realizada pelo CCJC-MST/MS - <b>76</b>	É tempo de colher Autoria: Ademar Bogo - <b>90</b>
Nossa arma, nossa semente Autoria: Davy Paixão - <b>53</b>	Odeio os indiferentes Autoria: Antônio Gramsci - <b>64</b>	Dança de gente Autoria: Julia Iara Araújo - <b>76</b>	O canto da Liberdade Autoria: Adilson de Apiaim - <b>90</b>
Transgressões Autoria: Mario Benedetti - <b>54</b>	Ofertório. Autoria: Dom Pedro Casaldáliga - <b>65</b>	Liberdade Autoria: Cecília Meireles - <b>77</b>	Educando a Pedagogia Autoria: Adilson de Apiaim - <b>90</b>
O Tempo Autoria: Carlos Drummond de Andrade - <b>55</b>	Contratados Autoria: Agostinho Netto - <b>67</b>	Não há vagas Autoria: Ferreira Gullar - <b>78</b>	Suor da Esperança Autoria: Adilson de Apiaim - <b>91</b>
Quando os trabalhadores perderem a paciência Autoria: Mauro Iasi - <b>55</b>	Aspiração Autoria: Agostinho Netto - <b>68</b>	Rua e nua Autoria: Aracy Cachoeira - <b>79</b>	Estatuto da Terra Livre. Autoria: Elemar Luciano Pereira Bilha - <b>91</b>
É proibido Autoria: Pablo Neruda - <b>56</b>	Junto ao vosso canto. Autoria: Dom Pedro Casaldáliga - <b>69</b>	O arame é uma peste! Autoria: Charles Trocate - <b>79</b>	O Estatuto do Homem Autoria: Thiago de Mello - <b>92</b>
Na vida Autoria: Pablo Neruda - <b>57</b>	Canção atual Autoria: Jacinta Passos - <b>70</b>	Cortejo Autoria: Ana Cláudia - <b>80</b>	Chapéu de Palha Autoria: Elemar Luciano Pereira Bilha - <b>94</b>
A terra dos posseiros de Deus Autoria: Patativa do Assaré - <b>59</b>	Amor, sonhos, trincheiras Autoria: Trocate e Lumpion - <b>71</b>	Filhos e filhas da esperança Autoria: Moisés Ribeiro - <b>80</b>	Geraizeiros das Gerais Autoria: Idalino de Vargem Grande do Rio Pardo - <b>94</b>
	Da paz. Autoria: Marcelino Freire - <b>71</b>	Construir Autoria: Pedro Munhoz - <b>81</b>	Aula de voo Autoria: Mauro Iasi - <b>96</b>

Louvor do Revolucionário  
Autoria: Bertold Brecht - **97**

Garganta . Autoria: Roberta  
Estrela D'Alva - **97**

Vermelho  
Autoria: Mariana Félix - **98**

Aninha e suas pedras  
Autoria: Cora Coralina - **100**

Utopia  
Autoria: Meimei Bastos - **100**

No derradeiro suspiro  
Autoria: Bráulio Bessa - **101**

Coração nordestino  
Autoria: Bráulio Bessa - **102**

Fome de educação  
Autoria: Bráulio Bessa - **103**

Aquela que não te pertence  
Autoria: Bell Puã - **104**

Cordel fora do armário  
Autoria: Laura Conceição - **105**

Descendente de guerreiros  
Autoria: Negafya - **106**

Matriarcal cunhã. Autoria: Renata  
Machado Tupinambá - **106**

Oração do Milho  
Aurora: Cora Coralina - **107**

## **II PARTE – LETRAS DE CANÇÕES - 109**

Hino do camponês  
Letra: Francisco Julião / Música:  
Geraldo Menucci - **111**

O sistema caçador  
Letra: Magno Gomes e Josiane  
Nascimento – Pará / Música:  
Magno Gomes - **111**

Construção. Composição: Chico  
Buarque - **112**

Como Nossos Pais  
Composição: Belchior - **114**

Eu quero é botar meu bloco na  
rua  
Composição: Sergio Moraes  
Sampaio - **115**

Asa branca  
Composição: Humberto Teixeira /  
Luiz Gonzaga - **115**

Andar com fé  
Composição: Gilberto Gil - **116**

Pra não dizer que não falei das  
flores. Composição: Geraldo  
Vandré - **117**

Canção da América  
Composição: Fernando Brant /  
Milton Nascimento - **118**

Luar do Sertão. Composição:  
Catulo da Paixão Cearense /  
João Pernambuco - **119**

Planeta Água. Composição:  
Guilherme Arantes - **120**

Carcará. Composição: João Vale  
/ Gianfrancesco Guarnieri / Carlos  
Lyra - **121**

Canta canta, minha gente  
Composição: Martinho da Vila -  
**121**

Tocando em frente  
Composição: Almir Sater / Renato  
Teixeira - **122**

Paciência  
Composição: Dudu Falcão /  
Lenine - **123**

Minha alma (a paz que eu não  
quero)  
Composição: Lauro Farias /  
Marcelo Lobato / Xandão /  
Marcelo Yuka / Falcão - **124**

Chão de Giz  
Composição: Zé Ramalho - **125**

Somos quem podemos ser  
Composição: Humberto  
Gessinger - **126**

Anunciação  
Composição: Alceu Valença - **127**

O Cio da Terra  
Composição: Chico Buarque /  
Milton Nascimento - **127**

De geração e geração.  
Composição: Banda Mãe Terra -  
**128**

A viagem  
Autoria não identificada - **128**

Pai Nosso Dos Mártires  
Composição: Cirineu Kuhn - **129**

A Internacional  
Composição: Eugène Pottier /  
Pierre Degeyter / Neno Vasco -  
**130**

Ai Que Saudade D'Ocê  
Composição: Vital Farias - **131**

Canto das Três Raças  
Composição: Mauro Duarte /  
Paulo César Pinheiro - **132**

Disparada  
Composição: Geraldo Vandré /  
Theo de Barros - **133**

O Dia Em Que o Morro Descer e  
Não For Carnaval  
Composição: Wilson Das Neves /  
Paulo César Pinheiro - **133**

Oração Latina  
Composição: César Teixeira - **134**

Maria, Maria  
Composição: Fernando Brant /  
Milton Nascimento - **135**

Xote Ecológico  
Composição: Luiz Gonzaga /  
Aguinaldo Batista - **136**

A Vitória do Trigo  
Composição: Vaine Darde - **136**

Terra Tombada  
Composição: José Foturna /  
Carlos Cezar - **137**

Só a Luta Faz Valer  
Composição: Zé Pinto - **138**

Ordem e Progresso  
Composição: Zé Pinto - **139**

Riacho do Navio  
Composição: Luiz Gonzaga / Zé  
Dantas - **140**

Procissão dos Retirantes  
Composição: Martim Cesar /  
Pedro Munhoz - **141**

Farinhada  
Composição sem autoria  
identificada - **142**

O Que Vale É o Amor  
Composição: Zé Vicente - **142**

(Sem título)  
Composição: Álefe Passarin - **142**

É Bonita De Mais  
Composição: Zé Vicente - **144**

Baião Das Comunidades  
Composição: Zé Vicente - **144**

Anunciação  
Composição: Alceu Valença - **145**

Sem Medo De Ser Mulher  
Composição: Zé Pinto - **146**

Terra E Raiz  
Composição: Zé Pinto - **147**

Florio  
Composição: Zé Pinto - **147**

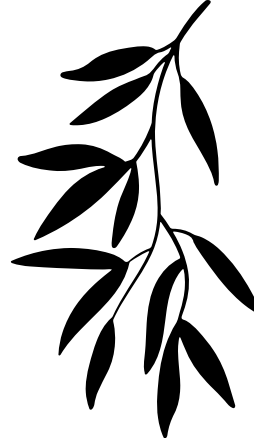
O Que É, o Que É?  
Composição: Gonzaguinha - **148**

Coração Civil  
Composição: Fernando Brant /  
Milton Nascimento - **150**

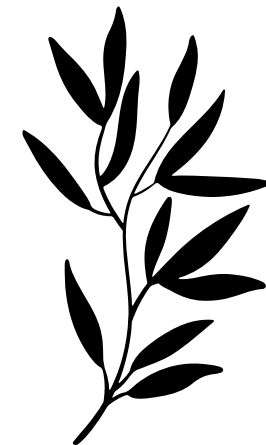
Axé - irá chegar. Composição  
sem autoria definida - **150**

Mamãe Oxum  
Composição: Chico César - **151**

O Lavrador  
Composição: Cecílio Nena /  
Niceas Drumont - **152**



## Primeira Parte: Poemas



## **Cambão**

**Autoria: Francisco Julião**

Agitador, sim! Como é possível conceber a vida sem agitação? Porque o vento agita a planta, o pólen se une ao pólen de onde nasce o fruto e se abotoa a espiga que amadurece nas searas. O gameto masculino busca o óvulo porque há uma causa que o agita. Se o coração não se agita, o sangue não circula e a vida se apaga. Que dizer da bandeira que se hasteia ao mastro e não se agita? É uma bandeira morta. Qual é, por excelência, o mérito tão grande de Bartolomeu de Las Casas? Haver agitado de maneira extraordinária o problema do índio durante sua larga e fecunda existência. É agitando que se transforma a vida, o homem, a sociedade, o mundo. Quem nega a agitação, nega as leis da natureza, a dialética, a ciência, a justiça, a verdade, a si próprio. Sabe o físico que para manter a água cristalina tem de agitá-la antes de lhe derramar o sulfato de alumínio que toma as partículas de impureza e desce com elas para o fundo. Manda o médico que se agite certos remédios no momento de tomá-los e o farmacêutico chega a escrever nas bulas este aviso: 'Agite antes de usar'. O crime não está em agitar, mas em permanecer imóvel. Uma sociedade que não se agita é como um charco, suas instituições se estagnam e apodrecem. Inútil, portanto, é tentar reprimir a agitação, envolvendo-a nas malhas do libelo acusatório. Tudo passa sobre a face da terra e debaixo das estrelas, os impérios, as tiranias, os carrascos. Mas a agitação nunca passará. Nem que haja a consumação dos séculos de que falam os profetas bíblicos. É que ela, a agitação, se nutre de uma paixão. A paixão da verdade.

---

## **15 Anos Do Movimento Camponês Popular**

**Autoria: Maria Jacione da S.Freitas - Pará**

Em 2008, nasceu o movimento camponês popular  
Ele nasceu em Goiás para lutar,  
Pautado pela produção de comida saudável,  
É um movimento sem dúvida memorável.

É um movimento de diálogo e escuta  
Junto com os camponeses está sempre em luta.  
Em defesa da nossa soberania alimentar,  
Nossa bandeira não podemos baixar.



Somos uma bonita organização,  
Juntamos mão com mão,  
Para defender nossa nação,  
De goiás ao Pará com a mesma emoção.

Vamos lá camponês é hora de nos motivar,  
Há muito nessas terras o que plantar;  
Vamos plantando e alimentando com confiança  
Pois em alimentar o povo é nossa esperança!

---

### **Chamado camponês**

**Autoria: Maria Jacione da S.Freitas - Pará**

Vamos lá meu querido povo camponês,  
Vamos acabar com a fome de uma vez;  
Vamos plantar arroz, milho e feijão,  
Vamos organizar a plantação.

Depois da plantação vamos fazer mutirão,  
E juntos nessa corrente de união  
Com toda garra e utopia  
Vamos fazer ciranda e poesia.

Vamos juntos gritar a palavra de ordem,  
Que não aceitaremos nesse país a desordem.  
Queremos a defesa da Amazônia e dos povos tradicionais,  
Não aceitaremos a exploração dos mercados internacionais.

Vamos dizer em tom alto para toda nossa gente,  
Que nós camponeses somos donos da semente,  
Que comprar sementes envenenadas só é negócio.  
Para os donos do agronegócio.

### **(Poema sem título)**

**Autoria: Rafaela Cavalcante - Pernambuco**

O movimento camponês popular  
Tem a semente crioula como guia  
Bem consagrado e cheio de encantaria  
Em seu caminho de guiança  
Nos mostra o passo em dança  
E a luta em poesia  
Andaremos unidos por soberania  
No movimento sagrado da esperança

Ao pisar o pé eu sinto o chão  
Terra abundante da existência  
Caminha, sente a aparência  
Esse mundo clama por justiça  
Para afastar a ganância e cobiça  
Vamos juntos semear  
Soberania alimentar e poder popular  
Andaremos unidos por equidade  
No movimento sagrado do planejar

Laçamos na terra as Sementes da Vida  
Embrião do universo em harmonia  
Símbolo da grande empatia  
Percebem que tudo é mais profundo?  
A semente é um espelho do mundo  
Dos mais elevados sentimentos  
Andaremos unidos pela diversa sabedoria  
No movimento sagrado do pensamento

O raio de sol desperta o agir  
Corpo, mente e espírito a servir  
Caminhar, lutar e deixar fluir  
Semear, colher e partilhar  
Vamos juntos aprendendo a caminhar  
Unindo o amor a motivação  
A resiliência a ação  
Guiados pelas sabedorias germinais  
Andaremos unidos pela vida  
No movimento sagrado das sementes

**Movimento Camponês Popular**  
**Autoria: Raimundo Ferreira –**  
**Pará**

Igual sementes crioulas  
Plantadas com muito amor  
Assim nasceu o MCP  
Cresceu e se multiplicou.

Na luta do povo  
Junto as comunidades  
Construindo um país novo  
Com justiça e igualdade .

Por autonomia camponesa  
Soberania Alimentar  
O movimento se articula  
Para os direitos conquistar.

Educação do campo  
E moradia popular.  
São pautas do movimento  
Para junto ao Estado cobrar;

Comida saudável no prato  
Direito do povo trabalhador  
Que precisa da política do Estado  
Para usar a terra a seu favor.

Produzir sem veneno  
E as sementes conservar  
É compromisso Camponês  
Que o capital quer manipular.

---

**O Camponês e a Devastação**  
**Autoria: Joaquim Pereira dos**  
**Santos**

Estou muito assustado  
Camponesa minha irmã

Neste mundo devastado!  
Como será o amanhã?

Com o processo arrastando  
As belezas naturais,  
Até o chão tá balançando  
Amanhã já terá mais.

Aos poucos vão acabando  
Até mesmo os passarinhos  
Vão morrendo, vão mudando,  
Certamente não tem ninhos.

Frondosos ipês floridos  
Por tão pouco vão ao chão,  
Os miúdos são cortados  
Reduzidos a carvão.  
Vão as flores desaparecendo  
E os riachos secarão.  
Vamos com o MCP buscar uma  
solução.  
Que até mesmo o poeta  
Já perdeu a inspiração.

---

**O Poeta Da Roça**  
**Autoria: Patativa do Assaré**

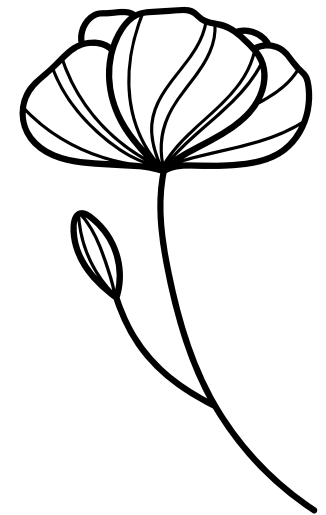
Sou fio das mata, cantô da mão  
grosa  
Trabaio na roça, de inverno e de  
estio  
A minha chupana é tapada de  
barro  
Só fumo cigarro de paia de mio.  
Sou poeta das brenha, não faço  
o papé  
De argum menestrê, ou errante  
cantô  
Que veve vagando, com sua  
viola,

Cantando, pachola, à percura de amô.  
Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu seio o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estudá.  
Meu verso rastero, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo da roça e dos eito  
E às vezes, recordando feliz mocidade,  
Canto uma sodade que mora em meu peito.

---

**Sou do campo**  
**Autoria: Edir Augusto Dias - Pará**

Sou do campo  
Das águas das florestas  
Da borda mais afastada do tempo  
Sou olho d'água limpa fria sombreada  
Onde encho a cabaça  
Onde a lua enamorada  
Se mira como Uiara  
Sou do campo  
Das beiras de estradas  
Lamacentas ou empoeiradas  
Onde num campinho  
Mulheres jogam futebol  
Na tarde o sol atrás da mata caindo  
Sou da roça  
Plantar roçar tirar mandioca  
Ralar espremer a massa  
Forno quente  
Fazer a cheirosa farinha d'água  
Sou da ilha  
Beira de um rio que me beira  
Xirimbabo camarão peixe cozido  
No fogão de lenha  
A casco despescar matapi  
Maré cheia  
As lendas do fundo do rio  
Correm nas minhas veias



Sou do campo  
Semeado que fui no quilombo  
Livre das garras dos senhores  
Dos horrores das senzalas  
Criado com caça e fruta do mato  
Nato batuqueiro dos sambas de cacete  
Em curvidados e festejos santos  
Sou de todos os campos  
Águas matas e estradas  
Índio ribeirinho quilombola  
Faxinaleiro caiçara caipira boia fria  
Fundos de pastos onde me criei  
Boiadeiro roceiro, valei me nosso senhor  
Sou das lutas perdidas  
Das fileiras das Ligas  
Camponesas seringueiro castanheiro posseiro  
Sem-terra e suas bandeiras  
De coco de babaçu quebradeira  
Sou do campo  
Das águas das florestas  
Aprendiz mestre amigo irmão companheiro  
Onde a morte vem de encomenda  
Onde a vida é mais rasteira  
E o sol amarelo brilha  
No dorso curvado dos cortadores de cana  
Carregando lenha  
Mas a voz da revolta  
Se faz se ergue se lança  
Contra barragens chacinas grilagens  
Contra o latifúndio amargo  
E a grande empresa estrangeira  
E o Estado armado e sorrateiro  
Sou do campo o território  
De quem aprende a ser planta  
Bicho inseto visagem  
Mito que vive na gente  
Lutas que herdamos não sabemos  
De quando  
Ancestrais com os seus cantos  
Dentro do dentro de nós  
Sou do campo a força

Da tradição que se renova  
O verso a prosa da esperança  
E outra coisa mais bela ainda  
Mais forte que a morte da gente  
Que luta por um lote de terra pobre  
Mas vivo que o sonho da gente  
Que vive as margens de tudo  
E em harmonia com o mundo  
Que cultiva no coração  
Um novo dia  
Sou do campo  
Das águas e das florestas  
A resistência sem nome  
Que vale mais que toda riqueza  
Porque é dela que vem a certeza  
Do novo e  
Da nossa existência  
Enquanto povo.

---

### **Comunicação popular**

**Autoria: Thay Rocha**

É a voz que vem do povo  
Que fala de sua luta e de sua dor  
Que denuncia as injustiças e as opressões  
Que celebra as conquistas e as lições

É a arte que vem do povo  
Que canta de sua fé e de seu amor  
Que expressa sua cultura e sua identidade  
Que valoriza sua história e sua diversidade

É a educação que vem do povo  
Que ensina de sua sabedoria e de seu valor  
Que aprende com a natureza e com a comunidade  
Que pratica a agroecologia e a solidariedade

Comunicação popular é resistência e esperança  
É diálogo e participação  
É informação e transformação  
É poesia e inspiração

## **O dever do sertanejo**

**Autoria: Joaquim Pereira dos Santos**

Meu amigo, meu irmão.  
Como é bom ser camponês  
Como é bom ser brasileiro  
Eh companheiro verdadeiro sertanejo

Águas puras das veredas  
Vão brotando em turbilhão  
As montanhas dão as quedas  
Irrigando a amplidão  
Eh companheiro como é belo esse sertão

O cerrado é frutuoso  
Lá na mesa cresce pão  
O poeta ansioso vai buscar inspiração  
Eh camponês, como é belo esse sertão.

Nossa rede é muito forte  
Vigilantes batalhões  
Entre todos, não a corte  
É a paz e proteção  
Eh companheiro, como é lindo esse sertão  
Defender a natureza  
Essa é a nossa missão  
Conservar com fortaleza  
Pra futura geração  
O MCP com firmeza para as futuras criações.

---

## **As sementes crioulas**

**Autoria: Táбата Neves Rosa**

Camponês, as Sementes Crioulas são tuas,  
Camponês, as Sementes Crioulas é um pedaço teu,  
Roubar-te as Sementes é como te roubar um pedaço do teu corpo,  
Tirar as Sementes de teus cuidados é tirar a tua dignidade, a tua liberdade,  
A tua identidade, os teus saberes,  
É te tirar o conhecimento mais valioso que teus ancestrais deixaram,

Tirar as Sementes de teus cuidados é como tirar a tua própria vida.  
É tirar teus sonhos, tuas expectativas, é tirar parte de teus sabores.  
Tuas vontades, é tirar o que é de mais bonito da terra, é te tirar o alimento.  
E tirar de ti e de todos outros homens e mulheres a liberdade de viver.  
É tirar tua voz, teu grito.  
É querer tirar tua missão de produzir comida, de matar a fome de todos os povos.  
Camponesa, as Sementes Crioulas é tua,  
É tua como de ninguém, é tua porque se cultivada, multiplica muitas vezes e vira semente outra vez,  
Assim como você camponesa, responsável para gerar tantas outras vidas.  
Jovens as Sementes Crioulas são tuas,  
Elas carregam o poema, a música, a ousadia e a rebeldia que você carrega,  
Mesmo em solo duro, se plantada resiste e insisti em se multiplicar.  
Arrancar as Sementes daqui, dos teus cuidados, é  
É decidir o teu futuro,  
É te arrancar o que te mantém em pé,  
Te sustenta com vida,  
Roubar-te as Sementes é arrancar as forças dos teus braços  
E tu camponês não poder lavrar a tua terra.

E assim eles fizeram, aqueles ladrões de vida, ladrões de história, ladrões de saberes.  
Vieram aqui no teu quintal, no teu fumeiro,  
Arrobaram a tua casa e pegaram o que tu camponês, o que tu camponesa tinha de mais especial, Tuas Sementes,  
Vieram na calada da noite, sem que tu camponês percebesse,  
Depois começaram a vir no clarão do dia,  
Cada hora e cada vez que eles vinham,  
Se especializavam melhor em como nos roubar em silêncio.  
Eles lá, os ladroes dos sentimento teu camponês,  
Modificaram as sementes do teu paiol,  
Fazendo aquelas Sementes de Vida,  
Fazendo aquelas Sementes que te representava,  
Virarem símbolo do capital no campo, símbolo do alimento contaminado,  
Das sementes modificadas geneticamente.  
Aquilo que para ti camponês representava alimento saudável, fartura, dispensa cheia, alegria,

Sentimento, paixão, partilha, festas,  
Para eles camponês significa dinheiro, ganância, capital internacional,  
lucro acima da vida.

Por isso camponês atice a tua memória,  
Lembrem da tua dignidade em tempos atrás,  
Levanta-te de teu acento e não aceites que apanhem o restinho de  
Sementes que ainda estão em teu cuidado.  
Que elas possam ser o fogo que sobrado se esparrame e multiplique  
em cada canto, onde tenha gente como agente, que acredita que as  
Sementes não se mata, como não se mata o sol, que as Sementes  
não se mata como não se mata a lua e a sua dança.

---

### **Semeia sempre**

**Autoria: desconhecida**

No campo, tu és um semeador.  
Não podes fugir a responsabilidade de semear.  
Não digas que o solo é árido, que não chove frequentemente,  
Que o sol queima, ou que a semente não serve.  
Não é a tua função julgar a terra e o tempo.  
Tua missão é semear. A semente é abundante!  
Um pensamento, um sorriso, um olhar carinhoso, uma palavra suave,  
Um gesto de compreensão,  
Um copo de água são sementes que germinam facilmente.  
Não semeies descuidadamente  
Como quem cumpre uma missão superficial ou forçada.  
Semeia com interesse, com amor, com atenção,  
Como quem encontrou nisso o motivo central de sua felicidade.  
E ao semear, não penses: quanto receberei em troca?  
Quanto demorará a colheita?  
Recorda que não semeias para te envaidecer, para receberes  
agradecimentos.  
Tu semeias porque não podes estar ocioso,  
Porque não podes viver sem dar e sem doar-te.  
És dono de ti mesmo, da vida e do Universo!  
Tua semente, pois, não cairá no vazio.  
Sem esperar recompensa, tu a receberás.  
Sem esperar riquezas, tu enriquecerás.  
Sem contar com a colheita, tudo se multiplicará.  
E isso, porque tu semeias no Reino onde dar é receber,  
Onde perder a vida é encontrá-la, onde gastar servindo é aumentar.

Semeia, semeia sempre, em todo terreno, em todo tempo, em  
Todo lugar a boa semente. Com amor e interesse: como se estivesse  
semeando o próprio coração.

No campo tu és uma semeadora.

---

### **(Poema sem título)**

**Autoria: Rafaela Cavalcante**

A monocolorida paisagem  
Se multiplica na mente  
De muita gente inteligente  
Mas o que se sente é obscuro  
Carregam em si um coração imaturo  
De uma vida quadrada e sem esperança  
Trata-se de uma grande aliança  
De ditadores frustrados

Tateando a história dos tempo  
Encontro a terra ainda quando plena  
Os moradores eram os indígenas  
Comiam e plantavam sua missão  
Escuta aplicada e aguçada  
A todos os seres atenção  
Carregavam em sua mão um cajado  
Cantando um toré arretado  
Sentindo a lei da imensidão

Para pisar nessa terra com coerência  
É preciso honrar os ancestrais  
E todos os seus traços culturais  
Contidos em cada ação  
Por isso eu te peço atenção  
E te pergunto... Como tu se alimenta?

Se tu pode escolher então se atenta  
Pois o que tu consome tu apoia  
Sente o poder na tua mão e na memória  
Firma o pé e dá passos abrangentes  
Diga não as coisas que degradam o ambiente  
Aos governantes  
Peço política que contemple

Trabalhos, campesinos, agricultores  
Dê poder de escolha a quem não tem  
Tire toda forme e toda dor  
Da desigualdade lancinante  
Então diga ao povo que avance!  
Pois quem faz essa lua é a gente

A todos e todas um tom resiliente  
Para poder seguir firme na jornada  
Palavra falada é ação  
Nas veredas desta caminhada  
Palavra falada é ação  
Nas veredas desta caminhada

---

### **Terra e Produção**

**Autoria: Diva Sousa - Pará**

A terra é lugar de plantar e cultivar;  
Produtos saudáveis para nos alimentar;  
O povo do campo e da cidade, juntos pra lutar;  
Por soberania alimentar e poder popular.

Camponesa e camponês de pés fincado no chão;  
Por meio das mãos calejadas produzem, o arroz, milho e feijão;  
Precisam da ação do Estado com políticas de valorização;  
Pois, sem condições de trabalho não haverá produção.

O povo camponês, o homem e a mulher  
São fortes e resistentes, pois da terra não arredam o pé;  
Com todas as dificuldades não desistem da enxada;  
Faça sol ou faça chuva seguem sua empreitada.

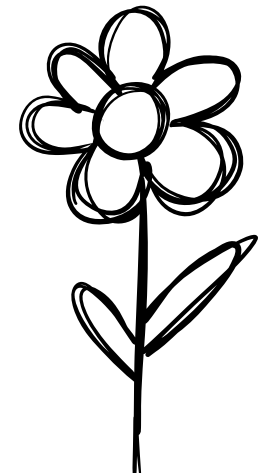
Na cabeça carrego a memória de um passado opressor;  
Mas, com muitos ensinamentos de vida e seu valor;  
Dos guardiões das sementes: da mãe, pai ao avô;  
Celebro todo conhecimento para um futuro libertador.

Foi de lá que eu vim e lá quero está,  
Construindo o movimento com luta popular;  
Seguindo em marcha, para o Estado pressionar;  
Por melhorias de vida e condições de plantar.

### **Luta camponesa**

**Autoria: Manoel Anderson Costa Do Carmo**

O alimento que te nutre  
Que colocas todos os dias na mesa  
É resultado da lida  
De cada camponês, cada camponesa  
Porém esqueceste teu povo  
Que se esforça arduamente  
Pra alimentar tua gente  
E o bom e o melhor do campo  
Não ficam com o pequeno produtor  
Vão para o grande empresário  
Ou mesmo o latifundiário  
Que às vezes por ganância  
Invadiu, matou, destruiu, desmatou  
A esperança desse povo sonhador  
E quem és tú Brasil moderno?  
Em que se planta sonho de progresso  
Está agora com uma mania  
Uma ideia tão vazia  
Que o agrotóxico resolve?  
Diz pra mim como é que pode?  
E tua justiça tardia  
Que não pune como deveria  
Quem acha que o campo é terra sem lei?  
Só queremos te lembrar Brasil  
Que o trabalhador do campo  
Também tem os seus direitos  
E respeitá-los é o único jeito  
De te ver melhor pra todos  
Cadê a justa força da lei?  
Como aceitar a violência  
Contra o trabalhador camponês?  
Que trabalha de sol a sol  
Ainda tendo que enfrentar  
A revolta da mãe natureza  
Provocada em maior parte  
Por quem só enxerga suas riquezas  
Resta a nós unirmos forças  
E lutar sem recuar  
Persistir sem desistir



Pra um novo amanhã alcançar  
E que o camponês sonhador  
Siga seu compromisso  
De plantar muita esperança  
Pra colher no rosto desse bravo povo  
A beleza de sincero sorriso

---

### **Esperançar**

**Autoria: Raimundo Ferreira - Pará**

Se morrer em mim a esperança  
Eu com ela morrerei  
Esperança última que morre  
Com Esperança viverei  
Não esperar por simples espera  
Como bem disse Paulo Freire  
Esperançar buscando em fim  
Esperançar sempre lutando  
Em favor da humanidade  
Defendendo a vida  
A democracia e liberdade  
Só viveremos em paz  
Quando houver justiça e igualdade.  
Guarde bem na sua memória  
Somos povo em movimento  
Protagonizando nossa história  
Esperançar de um novo tempo.  
O amor vencerá o ódio  
Seja firme e persistente  
Desejas um futuro bom? Construa agora no presente

---

### **Movimento: Tambores da Resistência, MST PE**

**Autoria: Morim**

Calo, não  
Eu era de um povo quieto.  
Eu era de um povo quieto.  
E acovardaram meu coração.  
Disseram preu calar a boca.  
Mas agora, eu não me calo não.

Eu era tido astuto  
Eu era tido matuto.  
Enfim disseram que era fajuto.  
Mas foi na constituição  
Que a gente virou cidadão  
E se firmou nosso estatuto.

Agora, pela semente e pelo pão.  
Pelo calo da foice e de facão meu,  
Quem não se cala sou eu.  
Agora, pelo talho da lei e do sangue grosso,  
Pela força da fé e do saber nosso  
Mais se calar eu não posso!

---

### **Covardia declarada**

**Autoria: Keylla Trindade - Pará**

Esfacelaram-nos os sonhos  
Rasgam-nos as vestes já pouco protetoras das leis  
Que pouco a pouco,  
Lentamente com suor e sacrifício lutamos para comprar  
À escarnio e zombaria nos expõe diariamente mundo a fora  
De nossa gente se diz, coitados!  
Dos jovens tiram os sonhos  
Dos idosos, a tranquilidade.  
Das crianças, o futuro.  
Do indígena, a floresta.  
Do agricultor, a terra.  
Do negro, a cota.  
LGBT'S nem vez têm, não são vistos como gente.  
De todos, os direitos, a dignidade, a esperança.  
De corte em corte estamos virando picadinho.  
Nessa “carnificina no trem da meia noite”.  
Aos ricos, regalias.  
Aos pobres, distância, falta de oportunidade, de remédio, estudo...  
Para a infância, trabalho.  
Para as mulheres, cozinha.  
Na mão do homem de “bem”, arma.  
Os livros? Não prestam, não servem, doutrinam, dizem.  
Na boca dos professores, mordança.

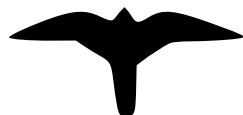
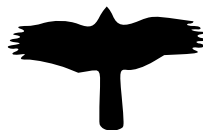
A covardia declarada, ódio sem fim por igualdade.  
Fartam-se, deleitam-se, regozijam-se tirando o pouco do pobre  
trabalhador que nada tem.  
Os que denunciam, criticam, alertam sofrem zombaria, desprezo.  
Por quem? Pelos poderosos?  
Não! Pior!  
Pelos que igualmente são amputados os direitos.  
Decadência, retrocesso, covardia!

---

### **Rompendo o silêncio**

**Autoria: Márcio Jandir – Pará**

Tambores soam  
Vozes se alteram  
Passos se ajustam  
Abraços se complementam  
Sorrisos se confortam  
Bandeiras e hinos se  
Sincronizam  
E as simples ruas  
Não são mais as mesmas  
Ruas  
E nas praças  
Nos somaremos aos  
Intransigentes  
Consciências não mais  
Conformam-se com  
Proporções de quietude  
Utopias se tornam  
Transparentes  
O horizonte se torna  
Presente  
Os mártires confirmam-se  
Para sempre  
A juventude torna-se  
Renascente  
E assim triunfam os  
Insurgentes.



### **Permanente**

**Autoria: Márcio Jandir – Pará**

Fizemos...  
Fizemos da noite  
O ato permanente  
De incitação e marcha  
Dos insurgentes

Das noites monótonas  
As fogueiras permanentes da  
Conspiração

Das noites acidentadas  
A “guerra de posição”  
De brigadas convictas

Das noites de blackout  
O circuito de leitura  
Revolucionário nas fabricas

Das noites de chuva intensa  
A produção clandestina  
De panfletos e artigos

Das noites órfãs  
A leitura exaustiva de “A Mãe”

Das noites de economia  
Complexa os conscientes  
“Sábados comunistas”

Das noites de desilusão e  
Baixa  
O trem do agitprop

Das noites dispersas  
A união da juventude  
Comunista

Das noites complexas  
A projeção permanente  
De madrugada e triunfar

Fizemos, fazemos, faremos  
Permanentemente

---

### **Modo de vida ribeirinha**

**Autoria: Lene Valente, 2020 -  
Pará**

É pelas margens dos rios  
Que vivo a peregrinar  
Nas idas e vindas  
Ponho-me a observar  
Tantas riquezas naturais  
Deste nosso lugar

Apesar de que já houve  
Muitas modificações  
Das ações do homem  
E de suas intervenções  
Mas mesmo assim  
Somos os anfitriões

Em biodiversidade  
E em riqueza natural  
De água doce temos  
Uma quantidade sem igual  
Somos Amazônia  
A maior floresta mundial

Pelos Rios e igarapés  
É que somos destacados  
Pelo modo de vida ribeirinha  
Somos caracterizados  
Povos das águas e das florestas  
Assim somos identificados

O regime das águas  
Norteia a vida na região  
Enchentes e vazantes ditam  
O ritmo de vida da população  
Que mora nas suas margens  
E tece uma bela relação



Rios e igarapés são fontes  
De alimentos e subsistência  
Por onde traçamos caminho  
De lutas e resistência  
Mergulhados nos saberes  
Da nossa experiência

Nas travessias da realidade  
Sobre as águas transitamos  
Na intimidade com a natureza  
Sobre os desafios mergulhamos  
E sobre as dificuldades da vida  
A nossa luta reforçamos

São os rios que nos levam  
Ao encontro com os saberes  
Interligados com as águas  
Materializamos nossos afazeres  
E na natureza identificamo-nos  
Enquanto seus seres

A água está totalmente ligada  
A sobrevivência local  
Através da concreta relação  
Com a atividade laboral  
Retratando aspectos econômicos  
Histórico e sociocultural

Assim fica evidente que os rios  
São territórios por nós habitados  
E em constantes movimentos  
Por nós são demarcados  
Com carinho, muito afeto  
E cheios de significados

É nos cursos das águas  
A que a nossa rotina se alinha  
E pelas margens dos rios  
O nosso povo todo dia caminha  
E assim se dá o modo de vida  
Da população ribeirinha.

### **Clamor Pela Amazônia** **Autoria: Lene Valente, 2020 -** **Pará**

Desta nossa floresta  
Que a nós sempre foi honesta  
O que nos resta?

Um solo degradado  
Por erosão afetado  
E um povo conectado

Uma fauna em aflição  
Espécies em extinção  
Por pura ambição

As árvores na mata  
O homem desmata  
Explora e devasta

A dor da queimada  
O golpe da derrubada  
Ninguém faz nada

Rios poluídos  
Leitos agredidos  
Por projetos desmedidos

Pessoas adoecendo  
Animais morrendo  
E o globo aquecendo

Ô! Amazônia querida  
Patrimônio da nossa vida  
Como estás tão sofrida!

Vítima e algoz  
De uma crueldade feroz  
Calando tua voz

Lideranças executadas  
Brutalmente assassinadas

E terras legalmente grilladas

Meu clamor é por justiça  
Por esta terra Mestiça  
Onde há tanta cobiça

E no momento presente  
Clamo a nossa gente  
A fazer uma corrente

Unidos ao grito da terra  
Desta floresta que berra  
Agredida pelo motosserra

Vamos salvar a Amazônia  
Das práticas errôneas  
Deste governo barganha.

---

### **Do povo buscamos a força** **Autoria: Agostinho Neto**

Não basta que seja pura e justa a nossa causa  
É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós.

Dos que vieram e conosco se aliaram  
Muitos traziam sombras no olhar, intenções estranhas.  
Para alguns deles a razão da luta era só o ódio  
Um ódio antigo, centrado e surdo como uma lança.

Para alguns outros era uma bolsa, bolsa vazia  
(Queriam enchê-la de coisas sujas, inconfessáveis)

Outros viemos  
Para nós lutar é ver aquilo que o povo quer ver realizado  
É ter a terra onde nascemos  
É sermos livres para trabalhar  
É ter para nós o que criamos

Lutar, para nós, é um destino  
É uma ponte entre a descrença e a certeza do mundo novo

Na mesma barca nos encontramos  
Todos concordam - vamos lutar. Lutar para quê?  
Para dar vazão ao ódio antigo?  
Ou para ganharmos a liberdade  
E termos para nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos  
Quem há de ser o timoneiro?  
Ah, as tramas que eles teceram!  
Ah, as lutas que aí travamos!

Mantivemo-nos firmes  
No povo buscamos a força e a razão  
Inexoravelmente, como uma onda que ninguém trava.

Vencemos  
O povo tomou a direção da barca.  
Mas a lição lá está, foi aprendida:  
Não basta que seja pura e justa a nossa causa.  
É necessário que a pureza e a justiça  
Existam dentro de nós

---

### **Elogio da dialética** **Autoria: Bertolt Brecht**

A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.  
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.  
Só a força os garante.  
Tudo ficará como está.  
Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.  
No mercado da exploração se diz em voz alta:  
Agora acaba de começar:  
E entre os oprimidos muitos dizem:  
Não se realizará jamais o que queremos!  
O que ainda vive não diga: jamais!  
O seguro não é seguro. Como está não ficará.  
Quando os dominadores falarem  
Falarão também os dominados.  
Quem se atreve a dizer: jamais?  
De quem depende a continuação desse domínio?

De quem depende a sua destruição?  
Igualmente de nós.  
Os caídos que se levantem!  
Os que estão perdidos que lutem!  
Quem reconhece a situação como pode calar-se?  
Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.  
E o “hoje” nascerá do “jamais”.

---

### **Elogio do Revolucionário** **Autoria: Bertold Brecht**

Quando aumenta a repressão, muitos desanimam.  
Mas a coragem dele aumenta.  
Organiza sua luta pelo salário, pelo pão  
E pela conquista do poder.

Interroga a propriedade:  
De onde vens?  
Pergunta a cada ideia:  
Serves a quem?

Ali onde todos calam, ele fala  
E onde reina a opressão e se acusa o destino,  
Ele cita os nomes.  
À mesa onde ele se senta  
Se senta a insatisfação.  
A comida sabe mal e a sala se torna estreita.  
Aonde ele vai há revolta  
E de onde o expulsam  
Persiste a agitação.

---

### **É proibido** **Autoria: Pablo Neruda**

É proibido chorar sem aprender,  
Levantar-se um dia sem saber o que fazer  
Ter medo de suas lembranças.

É proibido não rir dos problemas

Não lutar pelo que se quer,  
Abandonar tudo por medo,

Não transformar sonhos em realidade.  
É proibido não demonstrar amor  
Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor.  
É proibido deixar os amigos

Não tentar compreender o que viveram juntos  
Chamá-los somente quando necessita deles.  
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,  
Fingir que elas não te importam,

Ser gentil só para que se lembrem de você,  
Esquecer aqueles que gostam de você.  
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,  
Não crer em Deus e fazer seu destino,

Ter medo da vida e de seus compromissos,  
Não viver cada dia como se fosse um último suspiro.  
É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar,

Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos se  
Desencontraram,  
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.  
É proibido não tentar compreender as pessoas,  
Pensar que as vidas deles valem mais que a sua,

Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.  
É proibido não criar sua história,  
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,

Não ter um momento para quem necessita de você,  
Não compreender que o que a vida te dá, também te tira.  
É proibido não buscar a felicidade,  
Não viver sua vida com uma atitude positiva,  
Não pensar que podemos ser melhores,  
Não sentir que sem você este mundo não seria igual.

## **Eu Sei, Mas Não Devia** **Autoria: Clarice Lispector**

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de  
E a não ter outra vista que não as janelas ao redor.  
E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.  
E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as  
cortinas.  
E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender cedo à luz.  
E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a  
amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está  
na hora.  
A tomar o café correndo porque está atrasado.  
A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem.  
A comer sanduíche porque não dá para almoçar.  
A sair do trabalho porque já é noite.  
A cochilar no ônibus porque está cansado.  
A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje  
não posso ir.  
A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta.  
A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e de que  
necessita.  
E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar.  
E a pagar mais do que as coisas valem.  
E, a saber, que cada vez pagará mais.  
E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro,  
Para ter com que pagar nas filas em que se cobra.  
A gente se acostuma à poluição.  
Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro.  
À luz artificial de ligeiro tremor.  
Ao choque que os olhos levam na luz natural.  
Às bactérias de água potável.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer.  
Em doses pequenas, tentando não perceber, vai  
Afastando uma dor aqui, um ressentimento ali,  
Uma revolta acolá.

Se a praia está contaminada a gente molha só os pés e sua no resto do corpo.

Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.

Se o trabalho está duro à gente se consola pensando no fim de semana.

E se no fim de semana não há muito o que fazer

A gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele.

Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para poupar o peito.

A gente se acostuma para poupar a vida.

Que aos poucos se gasta,

E que gasta de tanto se acostumar,

E se perde de si mesma.

---

### **Mais ou menos**

**Autoria: Chico Xavier**

A gente pode morar numa casa mais ou menos,

Numa rua mais ou menos,

Numa cidade mais ou menos,

E até ter um governo mais ou menos.

A gente pode dormir numa cama mais ou menos,

Comer um feijão mais ou menos,

Ter um transporte mais ou menos,

E até ser obrigado a acreditar mais ou menos no futuro.

A gente pode olhar em volta e sentir

Que tudo está mais ou menos. Tudo bem.

O que a gente não pode mesmo,

Nunca, de jeito nenhum,

É amar mais ou menos,

É sonhar mais ou menos,

É ser amigo mais ou menos,

É namorar mais ou menos,

É ter fé mais ou menos,

É acreditar mais ou menos.

Senão, a gente corre o risco

De se tornar uma pessoa mais ou menos.

---

### **Metal e sonho**

**Autoria: Pedro Tierra**

Organizar a esperança, conduzir a tempestade

Romper os muros da noite, criar sem pedir licença

Um mundo de liberdade

Trabalhar a dor, trabalhar o dia

A flor, irmão, e a coragem de acender a rebeldia!

No clamor das oficinas, moldamos metal e sonho

Banhada em sal e suor, forjamos

A ferramenta Central dos trabalhadores.

Convocar todos os sonhos e a mãos das companheiras

De espera e de flor, tecendo nossas bandeiras

Na trama de cada dor

Arrastar todas as cercas que as enxadas voltarão

Terra mãe de lavrar e dividir o Sertão liberto como outro mar.

Levantar os oprimidos que os tiranos tremerão

E aos palácios destruídos, avançaremos unidos

Passo da multidão.

Retomamos a memória, na batalha das cidades

História já não há quem nos detenha

Nós somos a tempestade.

---

### **Nossos Inimigos Dizem**

**Autoria: Bertold Brecht**

Nossos inimigos dizem: a luta terminou.

Mas nós dizemos: ela começou.

Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.

Mas nós sabemos: nós a sabemos ainda.

Nossos inimigos dizem: mesmo que ainda se conheça a verdade

Ela não pode mais ser divulgada.  
Mas nós a divulgaremos.  
É a véspera da batalha.  
É a preparação de nossos quadros.  
É o estudo do plano de luta.  
É o dia antes da queda de nossos inimigos.

---

### **Novo tempo**

**Autoria: Ivan Lins e Victor Martins**

No novo tempo, apesar dos castigos  
Estamos crescidos, estamos atentos  
Estamos mais vivos, prá nos socorrer  
No novo tempo, apesar dos perigos  
Da força mais bruta, da morte que assusta  
Estamos na luta, prá sobreviver.  
Prá que nossa esperança seja mais que vingança  
Seja sempre um caminho que se deixa de herança.

No novo tempo, apesar dos castigos  
De toda fadiga, de toda injustiça  
Estamos na briga, prá nos socorrer.  
No novo tempo, apesar dos perigos  
De todos os pecados, de todos os enganos  
Estamos marcados, prá sobreviver.

No novo tempo, apesar dos castigos  
Estamos na cena, estamos na rua  
Quebrando as algemas, prá nos socorrer.  
No novo tempo, apesar dos perigos  
A gente se encontra, cantando na praça  
Fazendo pirraça, prá sobreviver.

---

### **O passo seguinte**

**Autoria não identificada**

O passo seguinte não é o próximo  
O passo seguinte é o necessário,  
Para termos a certeza

De que continuaremos  
caminhando juntos,  
Unidos pelos mesmos ideais de  
luta,  
Pelos mesmos sentimentos de  
liberdade  
O passo seguinte não é o  
próximo.  
O passo seguinte é a nossa  
vontade  
De dar todos os próximos passos  
seguintes.

---

### **Os homens da terra**

**Autoria: Vinicius de Moraes**

Senhores Barões da terra  
Preparai vossa mortalha  
Porque desfrutais da terra  
E a terra é de quem trabalha  
Bem como os frutos que encerra  
Senhores Barões da terra  
Preparai vossa mortalha.  
Chegado é o tempo de guerra  
Não há santo que vos valha:  
Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— União contra granada!  
— Reforma contra metralha!

Senhores donos da Terra  
Juntais vossa rica tralha  
Vosso cristal, vossa prata  
Luzindo em vossa toalha.  
Juntais vossos ricos trapos  
Senhores Donos de terra  
Que os nossos pobres farrapos  
Nossa juta e nossa palha  
Vêm vindo pelo caminho

Para manchar vosso linho  
Com o barro da nossa guerra:  
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde  
O operário e o camponês;  
Foi ele quem fez o forno  
Onde assa o pão que comeis  
Com seu martelo e seu torno  
Sua lima e sua torquês,  
Foi ele quem fez o forno  
Onde assa o pão que comeis.

Nosso pão de cada dia  
Feito em vossa padaria  
Com o trigo que não colheis;  
Nosso pão que forja e funde  
O camponês e o operário  
No forno onde coze o trigo  
Para o pão que nos vendeis

Nas vendas do latifúndio  
Senhor latifundiário!  
Senhor Grileiro de terra  
É chegada a vossa vez  
A voz que ouvis e que berra  
É o brado do camponês  
Clamando do seu calvário  
Contra a vossa mesquinhez.

O café vos deu o ouro  
Com que encheis vosso tesouro  
A cana vos deu a prata  
Que reluz em vosso armário  
O cacau vos deu o cobre  
Que atirais no chão do pobre  
O algodão vos deu o chumbo  
Com que matais o operário:  
É chegada a vossa vez  
Senhor latifundiário!

Em toda parte, nos campos

Junta-se a nossa outra voz  
Escutai, Senhor dos campos  
Nós já não somos mais sós.  
Queremos bonança e paz  
Para cuidar da lavoura  
Ceifar o capim que dá  
Colher o milho que doura,  
Queremos que a terra possa  
Ser tão nossa quanto vossa  
Porque a terra não tem dono  
Senhores Donos da Terra.  
Queremos plantar no outono  
Para ter na primavera  
Amor em vez de abandono  
Fatura em vez de miséria.

Queremos paz, não a guerra  
Senhores Donos de Terra ...  
Mas se ouvidos não prestais  
Às grandes vozes gerais  
Que ecoam de serra em serra  
Então vos daremos guerra  
Não há santo que vos valha:  
Não a foice contra a espada  
Não o fogo contra a pedra  
Não o fuzil contra a enxada:  
— Granada contra granada!  
— Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada  
A nossa guerra não falha!

---

### **Os dias da comuna**

**Autoria: Bertold Brecht**

Considerando nossa fraqueza os senhores forjaram  
Suas leis, para nos escravizarem.  
As leis não mais serão respeitadas  
Considerando que não queremos mais ser escravos.  
Considerando que os senhores nos ameaçam  
Com fuzis e com canhões



Nós decidimos: de agora em diante  
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Consideramos que ficaremos famintos  
Se suportarmos que continuem nos roubando  
Queremos deixar bem claro que são apenas vidraças  
Que nos separam deste bom pão que nos falta.  
Considerando que os senhores nos ameaçam  
Com fuzis e canhões  
Nós decidimos, de agora em diante  
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que existem grandes mansões  
Enquanto os senhores nos deixam sem teto  
Nós decidimos: agora nelas nos instalaremos  
Porque em nossos buracos não temos mais condições de ficar.  
Considerando que os senhores nos ameaçam  
Com fuzis e canhões  
Nós decidimos, de agora em diante  
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que está sobrando carvão  
Enquanto nós gelamos de frio por falta de carvão  
Nós decidimos que vamos toma-lo  
Considerando que ele nos aquecerá  
Considerando que os senhores nos ameaçam  
Com fuzis e canhões  
Nós decidimos, de agora em diante  
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que para os senhores não é possível  
Nos pagarem um salário justo  
Tomaremos nós mesmos as fábricas  
Considerando que sem os senhores, tudo será melhor para nós.  
Considerando que os senhores nos ameaçam  
Com fuzis e canhões  
Nós decidimos: de agora em diante  
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que o que o governo nos promete  
Está muito longe de nos inspirar confiança

Nós decidimos tomar o poder  
Para podermos levar uma vida melhor.  
Considerando: vocês escutam os canhões  
Outra linguagem não conseguem compreender  
Deveremos então, sim, isso valerá a pena  
Apontar os canhões contra os senhores!

---

### **Certidão de óbito**

**Autoria: Conceição Evaristo**

Os ossos de nossos antepassados  
Colhem as nossas perenes lágrimas  
Mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,  
Negras estrelas tingidas de sangue,  
Elevam-se das profundezas do tempo  
Cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas  
E a qualquer descuido da vida  
A morte é certa.  
A bala não erra o alvo, no escuro  
Corpo negro bambeia e dança.  
A certidão de óbito, os antigos sabem,  
Lavrada desde os negreiros.

---

### **A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres**

**Autoria: Conceição Evaristo (Em memória de Beatriz Nascimento)**

A noite não adormece nos olhos das mulheres  
A lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa  
memória.  
A noite não adormece nos olhos das mulheres há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas virgulam o lapso  
De nossas molhadas lembranças.  
A noite não adormece nos olhos das mulheres vaginas abertas  
Retêm e expulsam a vida  
Donde Ainás, Nzingas, Ngambeles e outras meninas luas

Afastam delas e de nós os nossos cálices de lágrimas.  
A noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas pois do nosso  
sangue-mulher de nosso líquido lembradiço em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico pacientemente cose a rede de nossa milenar  
resistência.

---

### **Afetividade e sexualidade**

**Autoria: Consuelo Lins**

Tentaram nos convencer que éramos DIVINAS  
E nos negaram os BENS da TERRA  
Tentaram nos convencer que éramos SANTAS  
E nos negaram o prazer da VIDA  
Tentaram nos convencer que éramos ESCRAVAS  
E nos negaram a LIBERDADE  
Agora tentam nos convencer que somos mais competentes  
E ganhamos menos por TRABALHO IGUAL  
E tentam nos convencer que devemos ser PODEROSAS  
E brigamos com os COMPANHEIROS.  
Somos simplesmente mulheres.  
E isto só, já é uma imensidão  
Mulheres do ventre à mente, unidas e conscientes  
Juntando nossa luta, à luta de nossa gente.

---

### **Apesar das acontecências do banzo**

**Autoria: Conceição Evaristo**

Apesar das acontecências do banzo  
Há de nos restar a crença  
Na precisão de viver  
E a sapiente leitura  
Das entre-falhas da linha-vida.

Apesar de ...  
Uma fé há de nos afiançar  
De que, mesmo estando nós  
Entre rochas, não haverá pedra  
A nos entupir o caminho.

Das acontecências do banzo  
a pesar sobre nós,  
Há de nos aprumar a coragem.  
Murros em ponta de faca (valem)  
Afiar os nossos desejos  
Neutralizando o corte da lâmina.

Das acontecências do banzo  
Brotará em nós o abraço a vida  
E seguiremos nossas rotas  
De sal e mel  
Por entre salmos, Axés e aleluias.

---

**Todas as vidas**  
**Autoria: Cora Coralina**

Vive dentro de mim  
Uma cabocla velha  
De mau-olhado,  
Acocorada ao pé  
Do borralho,  
Olhando para o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum, Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
A lavadeira  
Do Rio Vermelho  
Seu cheiro gostoso  
D'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
Pedra de anil.  
Sua coroa verde  
De São Caetano.

Vive dentro de mim  
A mulher cozinheira

Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga, toda pretinha  
Bem cacheada de picumã Pedra  
pontuda  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.  
Vive dentro de mim  
A mulher do povo.  
Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
Desabusada,  
Sem preconceitos,  
De casca-grossa,  
De chinelinha,  
E filharada.

Vive dentro de mim  
A mulher roceira.  
- Enxerto de terra,  
Trabalhadeira  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos,  
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
A mulher da vida...  
Minha irmãzinha...  
Tão desprezada,  
Tão murmurada...  
Fingindo ser alegre  
Seu triste fado  
Todas as vidas  
Dentro de mim:  
Na minha vida –  
A vida mera

**Vocês já pararam para pensar o  
que é ser mulher camponesa?**  
**Autoria: Tábata Neves Rosa**

A mulher camponesa é como  
qualquer outra mulher.  
Ela trabalha,  
Ela arruma,  
Ela chora,  
Ela sorri,  
Ela ama,  
Ela se preocupa,  
Ela pensa,  
Ela educa,  
Ela borda,  
Ela Costura,  
Ela Cozinha.  
A mulher camponesa,  
Como qualquer outra,  
Sonha,  
Chora,  
Namora,  
Tem esperança,  
Gosta de receber flores, presente,  
E de receber elogios,

A mulher camponesa,  
É bela como qualquer outra  
mulher, e gostam de coisas  
diferentes,  
Umam gostam de batom  
vermelho, outras de batom claro e  
outras que nem de batom gosta.  
Umam usam fitas no cabelo,  
usam cabelos soltos, outra faz  
coquinho,  
Algumas têm cabelos longos,  
bem longos, outras, curtos,  
Umam gostam de saias curtas,  
longas e já outras gostam de  
calça, vestido...

Umam gostam de saltos, outras  
gostam de botina,  
Tem mulheres a mais tranquilas,  
Outras mais esquentadas!!

No que as mulheres camponesas  
se diferenciam das demais?

A mulher camponesa tem  
uma história construída na  
produção, aquilo que nenhum ser  
humano sobrevive sem, nem a  
operária, nem a madame, nem a  
presidenta.

Ela tem responsabilidade com  
a produção de alimentos, mas  
não é qualquer alimento! Elas  
produzem alimentos saudáveis,  
que gera vida. Isso já é uma  
imensidão.

Somos nada mais do que  
responsáveis pela vida de tantos  
homens e mulheres.

E vocês aqui Maria, Benedita,  
Luzia, Raquel e outras tantas  
Mulheres camponesas de

todo o Brasil somos ainda  
mais especiais, pois estamos  
organizadas na luta pelos  
direitos, pela emancipação, pelo  
protagonismo das mulheres,  
pela permanência no campo,  
com renda e qualidade de  
vida. Já somos muitas, mas  
quando estamos unidas nos  
multiplicamos ainda mais.

Viva as Mulheres Camponesas!



## **Mulheres**

**Autoria: Pablo Neruda**

Elas sorriem quando querem gritar.  
Elas cantam quando querem chorar.  
Elas choram quando estão felizes.  
E riem quando estão nervosas.  
Elas brigam por aquilo que acreditam.  
Elas levantam-se para injustiça.  
Elas não levam “não” como resposta quando  
Acreditam que existe melhor solução.  
Elas andam sem novos sapatos para  
Suas crianças poder tê-los.  
Elas vão ao medico com uma amiga assustada.  
Elas amam incondicionalmente.  
Elas choram quando suas crianças adoecem  
E se alegram quando suas crianças ganham prêmios.  
Elas ficam contentes quando ouvem sobre  
Um aniversario ou um novo casamento.

---

## **Esperança**

**Autoria: Mudama Darwin**

Enquanto em vossos pratos haja um pouco de mel espantem as  
moscas dos pratos a fim de conservar o mel.  
Enquanto hajam cachos de uva nos vinhedos, expulsem as raposas,  
guardiões de vinhedos,  
A fim de que amadureça a uva.  
Enquanto fique em suas casas uma toalha... e uma porta, protejam do  
vento os pequenos  
A fim de que os filhos durmam. Vento...frio... fechem as portas  
enquanto em suas artérias haja sangue. Não o delapidem  
Pois em vocês há recém nascidos... enquanto haja fogo na lareira e  
uma polegada de terra... Resistam.

---

## **Os vampiros**

**Autoria: Miguel Tiago**

Não nos basta saber Que nos roubam o pão, Que contra nós

Conspiram escondidos

Os parasitas e os assassinos. Não nos basta saber  
Que morrem de fome os nossos irmãos, E que os homens livres  
morrem na prisão. Não nos basta saber que os vampiros  
Morrem quando param de chupar-nos o sangue. É preciso querer e  
fazer com que eles parem.

---

## **Esgota-se o tempo**

**Autoria: Miguel Tiago**

Já não há tempo para que a poesia se dê ao luxo  
De passear nos bosques encantados e nos egos poluídos  
Dos intelectuais de escrivantina.  
Já não há tempo para que os versos se ostentem, Bem rimados,  
construídos, bem rimados, bonitos Nos corações vazios da burguesia.  
É urgente que as palavras ganhem o peso das pedras  
Se revoltem com os que vivem sem poesia e sem pão.  
Não há tempo para brincar aos poetas.  
Só nos resta tempo para que se não nos acabe o tempo,  
Para que gritemos ainda que não abdicamos do futuro,  
Sem propriedade privada e com muito tempo para o amor.

---

## **Aos que lutam**

**Autoria: Bertold Brecht**

Há aqueles que lutam um dia; e por isso são bons;  
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;  
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;  
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os  
imprescindíveis.

---

## **Privatizado**

**Autoria: Bertold Brecht**

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de  
pensar.  
É da empresa privada o seu passo em frente,  
Seu pão e seu salário. E agora não contente querem

Privatizar o conhecimento, a sabedoria,  
O pensamento, que só à humanidade pertence.

---

### **Rondó da liberdade**

**Autoria: Carlos Marighella**

É preciso não ter medo,  
É preciso ter a coragem de dizer.  
Há os que têm vocação para escravo,  
Mas há os escravos que revoltam contra a escravidão.  
Não ficar de joelhos,  
Que não é racional renunciar a ser livre.  
Mesmo os escravos por vocação  
Devem ser obrigados a ser livres,  
Quando as algemas forem quebradas  
É preciso não ter medo,  
É preciso ter a coragem de dizer.  
O homem deve ser livre...  
O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo,  
E pode mesmo existir até quando não se é livre.  
E no entanto ele é em si mesmo  
A expressão mais elevada do que houver de mais livre  
Em todas as gamas do humano sentimento.  
É preciso não ter medo,  
É preciso ter a coragem de dizer.  
Reinvenção

---

### **Um olhar sobre a utopia**

**Autoria: Eduardo Galeano**

Ela sempre está onde está o horizonte.  
Se me aproximo dois passos, ela avança dois passos.  
Se caminho dez passos, ela se apressa em deslocar-se dez passos  
mais adiante.  
Mesmo que eu continue caminhando  
Não consigo alcançá-la jamais.  
Então, para que serve a utopia?  
Só para isto, nada mais: para caminhar.

### **A economia**

**Autoria: Pedro Munhoz**

A razão de tudo isso,  
Onde tudo principia,  
É o fim, meio e começo,  
Mercado, consumo e preço,  
Isto é Economia.

Preste muita atenção,  
Quem explora a mais-valia,  
Compra a força do teu braço,  
É o dono do pedaço,  
É quem dita a Economia.

A razão de tudo isso,  
Que a gente não sabia,  
Nem tudo é o que parece,  
Pra Deus uma prece,  
Mas quem manda é a Economia.

Preste muita atenção,  
Ninguém fala, ninguém pia,  
É o jogo de interesse,  
É se nada pertencesse,  
Ao mundo da Economia.

A razão de tudo isso,  
Dia a dia, após dia,  
Poderosos viram feras,  
Organizam suas guerras,  
Pra salvar a Economia.

Preste muita atenção,  
O jornal não noticia,  
Futebol, droga e novela,  
Tá no rádio, tá na tela,  
Tudo é Economia.

A razão de tudo isso,  
De João e de Maria,

O amor dos namorados,  
Mesmo depois de casados,  
Lá está a Economia.

Preste muita atenção,  
O que chamam de Democracia,  
Politica de eleição,  
Nome, cargo e função,  
Decidem a Economia.

A razão de tudo isso,  
Nos exige maestria,  
Quem faz a roda girar,  
É preciso questionar:  
- Quem pilota a Economia???

Preste muito atenção,  
Vai saber quem gerencia,  
No mundo capitalista,  
Sem dinheiro, não insista,  
Pensam assim a Economia.

Minha mãe foi quem falou,  
Espantada co'a minha tia,  
Ela gasta sempre mais  
E vive correndo atrás,  
Fruto da Economia.

---

### **Antes**

**Autoria: Pedro Munhoz**

Antes que o barco afunde,  
que o endereço mude,  
que ninguém escute,  
que se ligue o "mute",  
ainda há tempo de se conversar.  
Antes que não haja clima,  
que não rime a rima,  
que caia por cima,  
feito chuva fina,

ainda há tempo de se conversar.  
Antes de bater a porta,  
do choro que corta,  
da palavra morta,  
quando nada importa,  
ainda há tempo de se conversar.  
Antes do gosto amargo,  
do último afago,  
lamentando estragos  
e olhares vagos,  
ainda há tempo de se conversar.  
Se o amor se foi,  
não tem nada, pois,  
amar é mais que dois,  
é nosso caminhar.  
Se tudo acabou,  
nada apagou,  
pouco que restou  
é recomeçar.

---

### **Construir**

**Autoria: Pedro Munhoz**

Haverá um tempo  
em que poetas abraçarão as a  
estrelas  
para festejar a colheita dos bons  
frutos.  
Haverá um tempo  
em que canções nascerão  
não mais para serem esquecidas  
e sim para celebrar a vida em  
plenitude.  
Haverá um tempo  
em que homens e mulheres  
dançarão na chuva,  
quando todos os seres vivos  
entenderão o milagre do simples.  
Haverá um tempo  
em que a História não se repetirá  
num cotidiano vulgar.

A cadencia do Universo  
será marcada pelo coração  
e em cada um de nós  
o ato da criação nascerá  
como fruto de todos os dias.

---

### **Escuto a sabedoria, reparto o conhecimento**

**Autoria: Pedro Munhoz**

Vejo a vida e a razão  
Buscando a razão da vida,  
Tão moderna e primitiva,  
A pedra, o fogo e o avião.  
Busco sempre a compreensão  
Pra o devido entendimento,  
Aprender com os elementos,  
Dia e noite, noite e dia.  
Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.  
Sabedoria quem tem?  
O benzedor, o feiticeiro,  
Na poção do raizeiro  
O lenitivo do bem.  
No estudo que não tem  
Domina o procedimento,  
A palavra, o benzimento,  
A dor que nos alivia.  
Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.  
Quando nasceu a palavra,  
Alguém pode nos dizer?  
Quem ajudou a escrever,  
A quem pertence esta lavra?  
Antes mesmo veio a fala,  
Gesto, som e movimento,  
Organizou o pensamento,  
O olhar da Poesia.  
Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.

O contador de histórias,  
O pintor de outras eras,  
Jornalista das cavernas,  
Nas paredes da memória.  
Nunca sonhou com a glória  
Sequer reconhecimento  
Foi passando ensinamentos,  
Rupestre filosofia.  
Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.  
Quem deu a medida certa,  
Dois mais um que virou três,  
Quem contou de um a dez,  
Par ou impar, nada resta?  
Quem fez da curva uma reta,  
Imaginando monumentos,  
Sem o ferro e o cimento,  
Sabia por que sabia?  
Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.  
A terra, a semente e o pão,  
A escuridão e a luz,  
Na bússola que conduz,  
Vento, vela, embarcação.  
O atrito e a explosão,  
A calma e o discernimento,  
A intuição e o tempo,  
Quando um cego já dizia:  
- Escuto a sabedoria,  
Reparto o conhecimento.

---

### **Não desista**

**Autoria: Mario Benedetti**

Não desista, você ainda está a  
tempo de reunir e  
começar de novo, aceitar suas  
sombrias, enterrar  
seus medos, liberando o lastro,  
retomar o voo.

Não desista que a vida é isso,  
portanto, continuar  
a viagem, perseguir os seus  
sonhos, quebrar o tempo,  
executando os escombros e  
descobrir o céu.

Não desista, por favor, não  
desista, queimar apesar  
do frio pois ainda há fogo em sua  
alma, ainda há vida  
em seus sonhos e porque eu amo  
você.

Porque não há feridas que não  
curam com o tempo.  
Tente abrir as portas, eliminar os  
bloqueios, deixando  
as suas paredes protegidas, viver  
a vida e aceitar o  
desafio, recuperar o riso, tente  
cantar, baixar a guarda  
e estender as mãos, reimplantar  
as suas asas para tentar  
novo vôo, para celebrar a sua  
vida e pegar os céus.

Não desista, por favor, não ceda,  
apesar do frio não  
queimar, ainda há fogo em sua  
alma, ainda há vida em  
seus sonhos, porque cada dia é  
um novo começo.

Porque este é o momento e o  
melhor tempo.  
Porque você não está sozinho.  
Porque eu te amo.

## Luta permanente

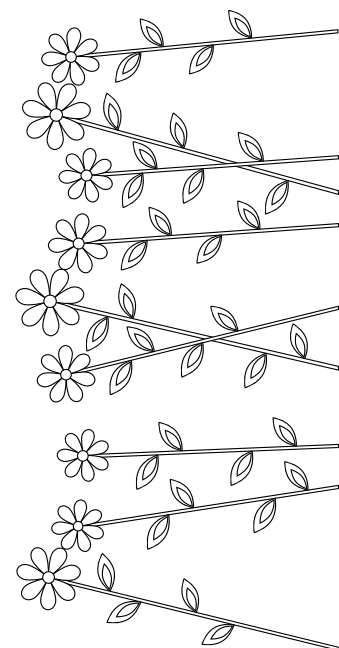
**Autoria: Sandra Marli da Rocha Rodrigues**

Para lutar de forma organizada,  
É preciso entender que o sistema tem estratégia planejada.  
Em tempos modernos a criança tem sua infância roubada,  
Pela moda e pela mídia, adulto em miniatura é transformada.  
A juventude manipulada e pela lógica do consumo hipnotizada.  
Com perda de rumo e identidade, está subjugada,  
A mercê da violência, hoje tão naturalizada.  
Violência é violência, não importa qual,  
Física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial.  
Todas deixam suas marcas e causam um grande mal.  
Padrões de beleza racistas e sexistas,  
São pilares que sustentam a cultura patriarcal,  
E o sistema capitalista.  
Nosso corpo a nós pertence, não está a disposição,  
Dos valores do sistema e da mercantilização.  
A mulher tem o direito de não aceitar o padrão.  
Viver livre de estereótipos, discriminação, violência e exploração.  
Lutar contra o sistema, entender na teoria,  
E se fortalecer, na prática do dia a dia,  
Valorizar as ferramentas que constroem a resistência,  
E promovem autonomia.  
A força se traduz na preservação e resgate das sementes,  
Sementes de vida e de esperança,  
De que podemos construir a mudança.  
Da mesma forma o artesanato é preciso valorizar,  
Fruto do trabalho, conhecimento e da habilidade popular.  
O artesanato é a arte de transformar,  
Produtos da biodiversidade, com muita criatividade,  
Que além de embelezar, suprem necessidade.  
Valorizar o conhecimento e a experiência,  
Formar a consciência, conspirar com inteligência,  
Para a sociedade transformar.

## Nossa arma, nossa semente

**Autoria: Davy Paixão**

Sinto cheiro de terra  
Doce aroma de terra molhada  
Quando criança sonhava  
Com terra conquistada  
Sob a lona preta  
As margens de qualquer estrada  
Vivendo sempre amedrontado  
Por estrondo de bombas e fuzil  
Crescemos lutando  
Aprendendo a não temer  
Quando víamos o trator derrubando  
Nossos frutos na hora de colher.  
Essa terra onde queríamos  
Plantar pra sobre viver,  
e alimentar esse povo  
que não tinha o que comer.  
A terra pede, suplica que a cultivemos  
Semeando a vida  
Onde só havia dor  
Plantando com alegria  
Regando com muito amor.  
A barraca que está  
ao longe de lona erguida,  
é minha casa, meu lar  
para além da cerca rompida.  
Dói ainda quando começo a lembrar  
Senas de casas, barracos de nossas vidas  
Trator, polícia, armas e cachorros  
Destruindo nosso sonho,  
Arrancando nosso choro.  
Ver o feijão que cultivamos  
Onde nunca se plantou alimento  
Ser arrancado e queimado  
As margens do acampamento.  
A cada despejo a cada mudança  
Renasce a força, a revolta e a esperança  
A reocupação nunca tarda e também não falha  
Precisamos plantar novamente



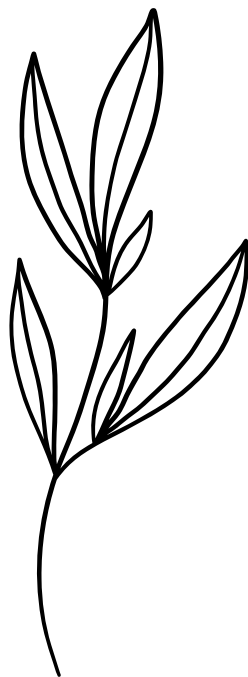
Refazer o que perdemos  
Vingando as balas do comandante  
Com uma cova e três sementes.  
Se me perguntam se fico triste  
Por ter vivido assim,  
sob a lona escaldante?  
Cresci e não me arrependo  
É no barraco que se cria  
Forjando com rebeldia  
É a lona que transforma,  
o sem-terrinha em militante.  
O cheiro da terra amada  
Nunca saiu da minha mente  
O sonho da terra arada  
Esperando o carinho da semente .  
Plantar com ousadia  
Pra colher um novo dia  
O pão que alimenta a gente.

---

### **Transgressões**

**Autoria: Mario Benedetti**

Todo mandato é minucioso e cruel  
Eu gosto  
Das frugais transgressões  
Por exemplo inventar o bom amor  
Aprender nos corpos e em seu corpo  
Ouvir a noite e não dizer amém  
Traçar  
Cada um o mapa de sua audácia  
Mesmo que esqueçamos de esquecer  
É certo  
Que que a recordação nos esquece  
Obedecer cegamente deixa cego  
Crescemos somente na ousadia  
Só quando transgrido uma ordem  
O futuro se torna respirável  
Todo mandato é minucioso e cruel  
Eu gosto das frugais transgressões.



### **O Tempo**

**Autoria: Carlos Drummond de Andrade**

Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias,  
a que se deu o nome de ano,  
foi um indivíduo genial.  
Industrializou a esperança,  
fazendo-a funcionar no limite da exaustão.  
Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar  
e entregar os pontos.  
Aí entra o milagre da renovação  
e tudo começa outra vez, com outro número  
e outra vontade de acreditar  
que daqui para diante tudo vai ser diferente.  
Para você, desejo o sonho realizado,  
o amor esperado,  
a esperança renovada.  
Para você, desejo todas as cores desta vida,  
todas as alegrias que puder sorrir,  
todas as músicas que puder emocionar.  
Para você, neste novo ano,  
desejo que os amigos sejam mais cúmplices,  
que sua família seja mais unida,  
que sua vida seja mais bem vivida.  
Gostaria de lhe desejar tantas coisas...  
Mas nada seria suficiente...  
Então desejo apenas que você tenha muitos desejos,  
desejos grandes.  
E que eles possam mover você a cada minuto  
ao rumo da sua felicidade.

---

### **Quando os trabalhadores perderem a paciência**

**Autoria: Mauro Iasi**

As pessoas comerão três vezes ao dia  
E passearão de mãos dadas ao entardecer  
A vida será livre e não a concorrência  
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Certas pessoas perderão seus cargos e empregos

O trabalho deixará de ser um meio de vida  
As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência  
Quando os trabalhadores perderem a paciência

O mundo não terá fronteiras  
Nem estados, nem militares para proteger estados  
Nem estados para proteger militares prepotências  
Quando os trabalhadores perderem a paciência

A pele será carícia e o corpo delícia  
E os namorados farão amor não mercantil  
Enquanto é a fome que vai virar indecência  
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Quando os trabalhadores perderem a paciência  
Não terá governo nem direito sem justiça  
Nem juizes, nem doutores em sapiência  
Nem padres, nem excelências

Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca sem que o humano se  
oculte na aparência a necessidade e o desejo serão o termo de  
equivalência quando os trabalhadores perderem a paciência.

Quando os trabalhadores perderem a paciência  
Depois de dez anos sem uso, por pura obscelescência  
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:  
“declaro vaga a presidência”!

---

### **É proibido**

**Autoria: Pablo Neruda**

É proibido chorar sem aprender,  
Levantar-se um dia sem saber o que fazer  
Ter medo de suas lembranças.

É proibido não rir dos problemas  
Não lutar pelo que se quer,  
Abandonar tudo por medo,

Não transformar sonhos em realidade.

É proibido não demonstrar amor  
Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor.  
É proibido deixar os amigos  
Não tentar compreender o que viveram juntos  
Chamá-los somente quando necessita deles.  
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,  
Fingir que elas não te importam,

Ser gentil só para que se lembrem de você,  
Esquecer aqueles que gostam de você.  
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,  
Não crer em Deus e fazer seu destino,

Ter medo da vida e de seus compromissos,  
Não viver cada dia como se fosse um último suspiro.  
É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar,

Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos se  
desencontraram,  
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.  
É proibido não tentar compreender as pessoas,  
Pensar que as vidas deles valem mais que a sua,

Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.  
É proibido não criar sua história,  
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,

Não ter um momento para quem necessita de você,  
Não compreender que o que a vida te dá, também te tira.  
É proibido não buscar a felicidade,

Não viver sua vida com uma atitude positiva,  
Não pensar que podemos ser melhores,  
Não sentir que sem você este mundo não seria igual.

## **Na vida**

**Autoria: Pablo Neruda**

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito,  
repetindo todos os dias os mesmos trajetos,  
quem não muda de marca,  
não arrisca vestir uma cor nova  
e não fala com quem não conhece.  
Morre lentamente quem faz  
da televisão o seu guru.  
Morre lentamente quem  
evita uma paixão,  
quem prefere o escuro ao invés do claro e  
os pingos nos “is” a um redemoinho de emoções, exatamente a que  
resgata  
o brilho nos olhos, o sorriso nos lábios e  
coração ao tropeços.  
Morre lentamente quem  
não vira a mesa quando está infeliz no trabalho,  
quem não arrisca o certo pelo incerto,  
para ir atrás de um sonho.  
Morre lentamente quem  
não se permite,  
pelo menos uma vez na vida, ouvir conselhos sensatos.  
Morre lentamente quem  
não viaja, não lê, quem não ouve música,  
quem não encontra graça em si mesmo.  
Morre lentamente quem  
passa os dias queixando-se  
da sua má sorte, ou da chuva incessante.  
Morre lentamente quem destrói seu amor próprio,  
quem não se deixa ajudar.  
Morre lentamente quem abandona um projeto antes  
de iniciá-lo,  
nunca pergunta sobre um assunto que desconhece  
e nem responde quando lhe perguntam sobre algo que sabe.  
Evitemos a morte em suaves porções,  
recordando sempre que  
estar vivo exige um esforço muito maior que o simples  
ar que respiramos.  
Somente com infinita paciência conseguiremos a verdadeira  
felicidade.

## **A terra dos posseiros de Deus**

**Autoria: Patativa do Assaré**

Esta terra é desmedida  
e devia ser comum,  
Devia ser repartida  
um toco pra cada um,  
mode morar sossegado.  
Eu já tenho imaginado  
Que a baixa, o sertão e a serra,  
Devia sê coisa nossa;  
Quem não trabalha na roça,  
Que diabo é que quer com a terra?

---

## **Credo**

**Autoria: Milton Nascimento e Fernando Brant**

Acendendo a Esperança e apagando a escuridão  
Vamos caminhando pelas ruas de nossa cidade  
Viver derramando a juventude pelos corações  
Tenha fé no povo que ele resiste  
Tenha fé no povo que ele insiste  
E acorda novo, forte, alegre, cheio de paixão.  
Vamos caminhando de mãos dadas com a alma nova  
Viver semeando a liberdade em cada coração  
Tenha fé no povo que ele acorda  
Tenha fé no povo que ele assusta.  
Caminhando e vivendo coma alma aberta  
aquecidos pelo sol que vem depois do temporal  
Vamos, companheiro, pelas ruas de nossa cidade  
Cantar semeando um sonho que vai ter de ser real  
Caminhemos pela noite com a Esperança

---

## **Hoje não vou desistir**

**Autoria: José Luís Nunes Martins**

Ainda não é hoje que vou desistir. Ontem não desisti e hoje também  
não vou desertar.  
Há momentos na vida em que é essencial deixar tudo o que não  
importa para trás e fixarmo-nos apenas no que tem valor.

O caminho de cada um de nós deve ser sonhado e construído no escuro... rumo à luz que não se vê, mas que se tem a certeza de que existe, pois não há sombra sem luz.

Todos temos muitas montanhas para subir e estrelas para agarrar, mas é sempre bom ter presente todos os caminhos que já percorremos, os adversários contra os quais lutamos e todas as adversidades que, apesar de terem dado mais força aos nossos medos, ainda não nos conseguiram derrotar.

Somos livres, mas responsáveis por assumir as consequências das nossas escolhas. Uma escolha covarde torna-nos covardes. Uma escolha corajosa faz de nós corajosos e dá-nos mais força.

Por vezes é mesmo preciso arriscar dar um passo adiante por onde não há chão... Se o caminho é por aí, então será só por aí que devemos ir. Olhar adiante e não para baixo. Nem mesmo se cairmos, porque nós não somos do abismo, mas do céu.

Ser amigo é cuidar de quem está a atravessar um mau momento. Amar quem está a precisar de cuidado, não quem nos pode retribuir em dobro... isso é investimento, negócio, mas não é amor.

Manter um coração sensível num mundo cruel é algo heroico. Não é uma fraqueza, mas antes o sinal de que a mais bela e forte das forças nos anima.

Pode até acontecer que alguém desista de mim, mas não eu.

Sei, com certeza, que vou ficar bem... mesmo que ainda não seja hoje!

---

### **Poesia do nosso jeito de fazer formação**

**Autoria: Cepis**

Ao longo desses longos anos...  
Sonhamos pequeno e sonhamos grande.  
Incentivamos lutas de rua, de urna e conspirações;  
Espalhamos canções e pregamos a revolução...

Tivemos erros, certamente,  
mas nenhuma dúvida sobre o acerto,  
Na luta, contra toda forma de opressão:

nem caridade, nem vingança –  
Apenas a emancipação da classe oprimida.  
Aprendemos que, na vida,  
Há uma imensa fome, de pão e de beleza,  
que só com paixão, ciência e arte, se pode saciar.  
E que o ser humano, homem ou mulher,  
De todo os ventos, de todas as cores e crenças,  
Ao rebelar-se, já faz sua primeira revolução.

Aprendemos que a Educação  
Anuncia e propaga que,  
Com a força e o pensamento,  
De pessoas, de multidões e de povos  
A vida pode ser bem melhor... e será!  
Aprendemos que formar  
É multiplicar, problematizar, qualificar,  
Sem sectarismo, mas com firmeza,  
O velho e o novo saber popular...

E que só o educador, crítico e cúmplice,  
(Pois, não há neutralidade no ato de educar)  
Ajuda cada grupo, a dar um passo à frente.

Temos consciência que educador  
É exemplo, semente e espelho  
Daquilo que ajuda a desvendar.  
Pois, o valor que mora na semente,  
Se reproduz na planta  
e, no fruto, que ela dá.  
Aprendemos que não se pode esquecer  
Que os inimigos do povo  
continuam implacáveis,  
Assumidos ou travestidos.  
E que, em formas duras e palatáveis,  
Abocanham os frutos do trabalho  
E cercam a porção que se levanta.

Porém, maior que o ódio do capital,  
É a justeza de nossa causa e de nossa luta,  
Que, animada pelo exemplo  
de tanta gente apaixonada,



Pulsa subversiva, em nossas veias,  
Em nossas mentes e em nossos corações.  
Aprendemos, enfim, que  
Para recriar a vida, sempre,  
Para despertar novas paixões,  
Para sintonizar o cotidiano com o sonho,  
E fazer a parte fermentar o todo...  
É preciso entregar-se, com dedicação,  
E ter esse jeito louco de amar o povo.  
Sem o vulcão dessa mística,  
Não dá pra educar, pra viver,  
Pra vencer, pra ser feliz...

---

**Até que nossos sonhos se toquem**

**Autoria: Ausenda Hilário**

Havemos de rir do vento, Havemos de entranhar nas mãos A  
constância de sermos justos, Havemos de cultivar o chão Onde  
nascem primaveras. Havemos de sonhar à chuva E dançar como  
alquimia Na hora da insurreição,  
Havemos de tirar dos olhos a solidão E dar nome à utopia,  
Havemos de rasgar querelas E escondê-las atrás do sol. Havemos de  
saltar muros inquietos E fazer filhos na outra margem. Havemos de  
nos dar aos rodos Até que nossos sonhos se toquem!

---

**Liberdade**

**Autoria: Paul Éluard**

Nos meus cadernos de escola Nesta carteira nas árvores Nas areias e  
na neve Escrevo teu nome

Em toda página lida Em toda página branca Pedra sangue papel cinza  
Escrevo teu nome

Nas imagens redouradas Na armadura dos guerreiros E na coroa dos  
reis Escrevo teu nome

Nas jungles e no deserto Nos ninhos e nas giestas No céu da minha  
infância Escrevo teu nome

Nas maravilhas das noites No pão branco da alvorada Nas estações  
enlaçadas Escrevo teu nome

Nos meus farrapos de azul No tanque sol que mofou No lago lua  
vivendo Escrevo teu nome

Nas campinas do horizonte Nas asas dos passarinhos E no moinho  
das sombras  
Escrevo teu nome

Em cada sopro de aurora Na água do mar nos navios Na serrania  
demente Escrevo teu nome

Até na espuma das nuvens No suor das tempestades Na chuva  
insípida e espessa Escrevo teu nome

Nas formas resplandecentes Nos sinos das sete cores E na física  
verdade Escrevo teu nome

Nas veredas acordadas E nos caminhos abertos Nas praças que  
regurgitam Escrevo teu nome

Na lâmpada que se acende Na lâmpada que se apaga Em minhas  
casas reunidas Escrevo teu nome

No fruto partido em dois de meu espelho e meu quarto Na cama  
concha vazia Escrevo teu nome

Em meu cão guloso e meigo Em suas orelhas fitas Em sua pata  
canhestra Escrevo teu nome

No trampolim desta porta Nos objetos familiares Na língua do fogo  
puro Escrevo teu nome

Em toda carne possuída Na frente de meus amigos Em cada mão que  
se estende Escrevo teu nome

Na vidraça das surpresas Nos lábios que estão atentos Bem acima do  
silêncio Escrevo teu nome

Em meus refúgios destruídos Em meus faróis desabados Nas paredes

do meu tédio Escrevo teu nome  
Na ausência sem mais desejos Na solidão despojada  
E nas escadas da morte Escrevo teu nome

Na saúde recobrada No perigo dissipado Na esperança sem  
memórias Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra Recomeço minha vida Nasci pra te  
conhecer E te chamar

Liberdade

---

### **Odeio os indiferentes**

**Autoria: Antônio Gramsci**

Odeio os indiferentes  
A indiferença é o peso morto da história  
É a fatalidade, é aquilo que confunde os programas  
Mesmo os mais bem construídos  
Há fatos que amadurecem nas sombras  
Porque poucas mãos sem qualquer controle a vigiá-las  
Tecem a teia da vida coletiva  
Mas os fatos que amadureceram vêm à superfície  
E então parece ser a fatalidade a arrastar tudo e todos  
Parece que a história não é mais do que um gigantesco fenômeno  
natural  
Uma erupção, um terremoto, de que são todos vítimas:  
Quem se mostrou ativo e quem foi indiferente.  
Estes então zangam-se, queriam eximir-se às consequências  
Alguns choramingam piedosamente, outros blasfemam obscenamente  
Mas nenhum ou poucos põem esta questão:  
Se eu tivesse também cumprido o meu dever, teria sucedido o que  
sucedeu? Sou militante, estou vivo  
Sinto nas consciências dos que estão comigo  
Pulsar a atividade da cidade futura que estamos a construir  
Vivo, sou militante. Por isto odeio os indiferentes

### **Ofertório**

**Autoria: Dom Pedro Casaldáliga**

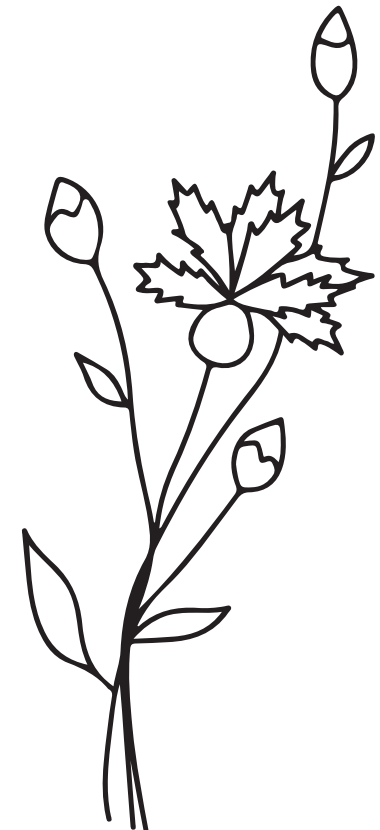
**Texto em colaboração com Pedro Tierra**

Na cuia das mãos  
trazemos o vinho e o pão,  
a luta e a fé dos irmãos,  
que o Corpo e o Sangue do Cristo serão.

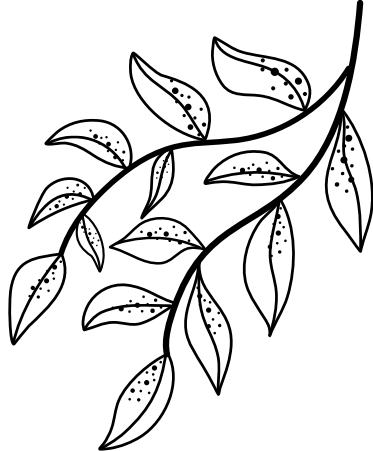
O ouro do Milho  
e não o dos Templos,  
o sangue da Cana  
e não dos Engenhos,  
o pranto do Vinho  
no sangue dos Negros,  
o Pão da Partilha  
dos Pobres Libertos.

Trazemos no corpo  
o mel do suor,  
trazemos nos olhos  
a dança da vida,  
trazemos na luta,  
a Morte vencida.  
No peito marcado  
trazemos o Amor.  
Na Páscoa do Filho,  
a Páscoa dos filhos  
recebe, Senhor.

Trazemos nos olhos,  
as águas dos rios,  
o brilho dos peixes,  
a sombra da mata,  
o orvalho da noite,  
o espanto da caça,  
a dança dos ventos,  
a lua de prata,  
trazemos nos olhos  
o mundo, Senhor!



—Na palma das mãos trazemos o milho,  
a cana cortada, o branco algodão,  
o fumo-resgate, a pinga-refúgio,  
da carne da terra moldamos os potes  
que guardam a água, a flor de alecrim,  
no cheiro de incenso, erguemos o fruto  
do nosso trabalho, Senhor! Olorum!



O som do atabaque  
marcando a cadência  
dos negros batuques  
nas noites imensas  
da África negra,  
da negra Bahia,  
das Minas Gerais,  
os surdos lamentos,  
calados tormentos,  
acolhe Olorum!

—Com a força dos braços lavramos a terra  
cortamos a cana, amarga doçura  
na mesa dos brancos.

— Com a força dos braços cavamos a terra,  
colhemos o ouro que hoje recobre  
a igreja dos brancos.

—Com a força dos braços plantamos na terra,  
o negro café, perene alimento  
do lucro dos brancos.

—Com a força dos braços, o grito entre os dentes,  
a alma em pedaços, erguemos impérios,  
fizemos a América dos filhos dos brancos!

A brasa dos ferros lavrou-nos na pele,  
lavrou-nos na alma, caminhos de cruz.  
Recusa Olorum o grito, as correntes  
e a voz do feitor, recebe o lamento,  
acolhe a revolta dos negros, Senhor!

—Trazemos no peito  
os santos rosários,  
rosários de penas,  
rosários de fé  
na vida liberta,  
na paz dos quilombos  
de negros e brancos  
vermelhos no sangue.  
A Nova Aruanda  
dos filhos do Povo  
acolhe, Olorum!

Recebe, Senhor  
a cabeça cortada  
do Negro Zumbi,  
guerreiro do Povo,  
irmão dos rebeldes  
nascidos aqui,  
do fundo das veias,  
do fundo da raça,  
o pranto dos negros,  
acolhe Senhor!

Os pés tolerados na roda de samba,  
o corpo domado nos ternos do congo,  
inventam na sombra a nova cadência,  
rompendo cadeias, forçando caminhos,  
ensaíam libertos a marcha do Povo,  
a festa dos negros, acolhe Olorum!

---

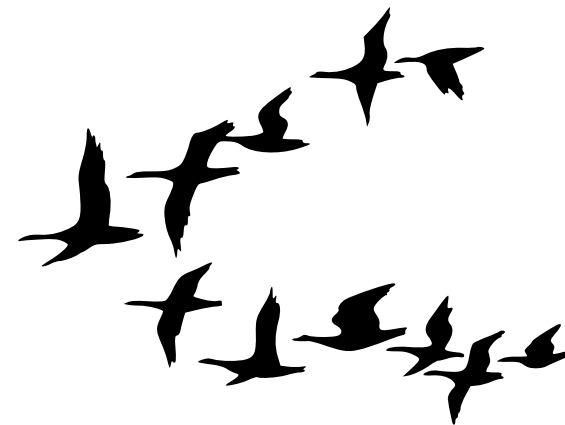
### **Contratados**

**Autoria: Agostinho Netto**

Longa fila de carregadores domina a estrada  
com os passos rápidos

Sobre o dorso levam pesadas cargas

Vão



olhares longínquos corações medrosos braços fortes

sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus  
e vão cheios de saudades e de receio mas cantam

Fatigados  
esgotados de trabalhos mas cantam

Cheios de injustiças  
calados no imo das suas almas e cantam

Com gritos de protesto mergulhados nas lágrimas do coração e  
cantam

Lá vão  
perdem-se na distância  
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!  
eles cantam...

---

### **Aspiração**

**Autoria: Agostinho Netto**

Ainda o meu canto dolente e a minha tristeza  
no Congo, na Geórgia, no Amazonas  
Ainda  
o meu sonho de batuque em noites de luar  
ainda os meus braços ainda os meus olhos ainda os meus gritos  
Ainda o dorso vergastado o coração abandonado a alma entregue à fé  
ainda a dúvida  
E sobre os meus cantos os meus sonhos os meus olhos os meus  
gritos  
sobre o meu mundo isolado o tempo parado  
Ainda o meu espírito  
ainda o quissange a marimba a viola o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco  
Ainda a minha vida oferecida à Vida ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho o meu grito  
o meu braço a sustentar o meu Querer  
E nas sanzalas nas casas  
no subúrbios das cidades para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas onde os negros murmuram:  
ainda  
O meu desejo transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.

---

### **Junto ao vosso canto**

**Autoria: Dom Pedro Casaldáliga**

Meu silêncio seja  
meu poema, irmãos,  
junto ao vosso Canto.

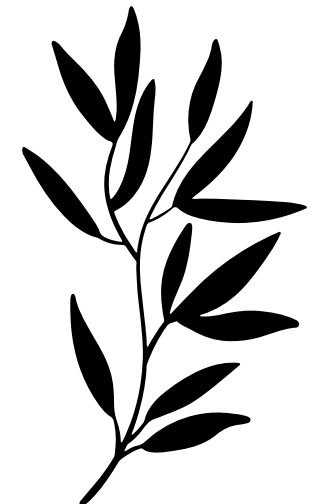
Seja minha ausência  
como um voo de garças  
abraçando a Tarde,  
nesse voo de garças  
que invadiu o Dia  
com o vosso Canto.

Velhos de Esperança  
— tantas Luas cheias —  
eu o Araguaia  
já nos conhecemos,  
rios de um só rio  
ajeitando o curso  
entre Deus e o Povo.

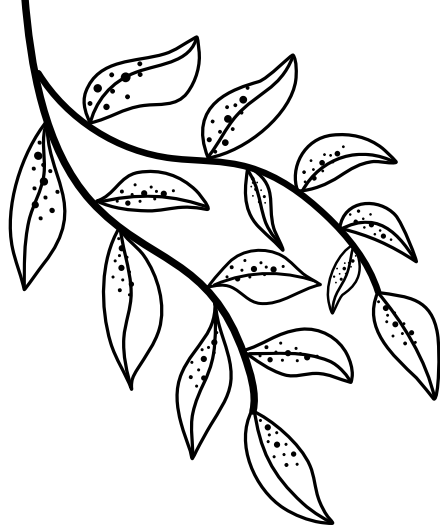
Junto ao vosso Canto,  
boca coletiva,  
seja meu silêncio  
posto de joelhos  
uma escuta nova.

Quero ouvir o Povo!

Quero ouvir o grito



das Crianças mortas  
comandando a Vida.  
Quero ouvir as covas  
dos Peões do trecho  
soletrando vivos  
os perdidos nomes.  
Quero ouvir os Pobres  
num clamor de enxadas  
conquistando a Terra.  
Quero ouvir a dança  
das Aldeias novas  
nas antigas flautas  
acordando o Mundo.



Toda minha sede,  
cuia de silêncio,  
beba em vosso Canto  
o Araguaia Novo,  
luta nas enchentes,  
festa no banzeiro,  
Povo, Povo, Povo!

---

### **Canção atual**

**Autoria: Jacinta Passos**

Plantei meus pés foi aqui amor, neste chão.  
Não quero a rosa do tempo aberta nem o cavalo de nuvem  
não quero as tranças de Julieta.  
Este chão já comeu coisa tanta que eu mesma nem sei,  
bicho pedra lixo lume  
muita cabeça de rei. Muita cidade madura  
e muito livro da lei. Quanto deus caiu do céu tanto riso neste chão,  
fala de servo calado pisado  
solução de multidão.  
Coisas de nome trocado  
– fome e guerra, amor e medo –  
Tanta dor de solidão.  
Muito segredo guardado aqui dentro deste chão. Coisa até que  
ninguém viu ai! tanta ruminção quanto sangue derramado vai  
crescendo deste chão.  
Não quero a sina de Deus nem a que trago na mão. Plantei meus pés

foi aqui amor, neste chão.

### **Amor, sonhos, trincheiras**

**Autoria: Trocate e Lumpion**

Um pássaro rasgando asas A cortar a montanha de papel E eu a  
poetizar a beleza Que meu coração viu  
Trago flores e bandeiras Amor, sonhos, trincheiras Arando a terra de  
alegria Que na vida fui buscar  
Tome em tuas mãos A livritude de minhas mãos  
Aurora desse sonho que nos faz caminhar  
O vermelho que a rosa Bela flor nos deu  
Pão e vinho sem cadeia, Liberdade, como ceia.

---

### **Da paz**

**Autoria: Marcelino Freire**

Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou.  
Paz é coisa de rico.  
Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba  
nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais.  
Secou.  
A paz é uma desgraça. Uma desgraça. Carregar essa rosa.  
Boba na mão. Nada a ver. Vou não.  
Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar.  
Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão.  
A paz não resolve nada.  
A paz marcha. Para onde marcha?  
A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator? Se quiser, vá você,  
diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima.  
A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora  
marcada. Vem governador participar. E prefeito.  
E senador. E até jogador. Vou não. Não vou. A paz é perda de tempo.  
E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão.  
Sem contar a costura.  
Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é?  
Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu  
domingo.  
A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo?  
Um bando de gente. Dentro dessa fila demente.  
A paz é muito chata. A paz é uma bosta.

Não fede nem cheira.  
A paz parece brincadeira.  
A paz é coisa de criança.  
Tá uma coisa que eu não gosto: esperança.  
A paz é muito falsa.  
A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara.  
Sabe a madame?  
A paz não mora no meu tanque.  
A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue.  
Já disse. Não quero.  
Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata.  
Não saio. Não movo uma palha. Nem morta.  
Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar.  
A paz está proibida.  
A paz só aparece nessas horas.  
Em que a guerra é transferida. Viu?  
Agora é que a cidade se organiza.  
Para salvar a pele de quem? A minha é que não é.  
Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém.  
Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou.  
Sabe de uma coisa: eles que se lasquem.  
É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei.  
Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou?  
Vou fazer mais o quê, hein? Hein?  
Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim?  
Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo.  
Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia.  
Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe?  
Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim.  
Ai que dor! Dor. Dor. Dor.  
A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É.  
Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada.  
Sabe, não sabe? A paz é que não deixa.

## **Canção óbvia**

**Autoria: Paulo Freire**

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti.  
Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens  
Suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas;  
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais,  
meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.  
Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer.  
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos:  
É perigoso agir É perigoso falar É perigoso andar  
É perigoso, esperar, na forma em que esperas, porquê esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,  
com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam.  
Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.

---

## **Ser humano**

**Autoria: Pepe Mujica**

Queridos, recordemos, que ninguém é mais que ninguém  
Recordemos de tantos e tantas que ficaram pelos caminhos da América  
Nada é mais bonito que a vida!  
Mas na vida se tem que defender a liberdade! É possível esparramar a vida pelo universo. A vida humana.  
Mas para isso temos que começar a pensar como espécie  
Não só como país.  
A generosidade é o melhor negócio para a humanidade.  
Nunca haverá um mundo melhor  
Se não lutarmos para melhorar a nós mesmos. Faça da sua vida a aventura

De não apenas sonhar por um mundo melhor Mas lutar por ele  
Gastar uma vida lutando por ele! Isso significa que temos que  
De corpo e alma, servir e viver com os valores da maioria  
E quando a maioria melhorar, melhorará você. Mas não antes!  
Então, por favor companheiros, levantem a  
cabeça,  
Vocês não têm por que deixar de serem brasileiros, Mas tem que ser  
Latino Americano e depois  
humano. Humano!

---

### **Bandeira**

**Autoria: Julia Iara Araújo**

A morte repousa no seio da memória E todos os que morreram no  
sangue, Permanecerão vivos na lembrança. Todos os gritos que  
ceifaram o Silêncio da impunidade  
E ecoaram no alto da guerrilha, Hoje são nossas canções de  
liberdade.  
Todos os corpos que encheram os campos de batalha,  
Hoje são pilares da nossa luta. Todas as palavras exiladas,  
Hoje são o caminho das nossas ideias. E toda a tentativa de pôr entre  
o povo E a vitória, uma cerca,  
Serão pra nós um pé a mais pra marchar. Em nome da revolução!  
Em nome dos que estão vivos, Depois de perderem o sopro!  
Levantemos! Gritemos e marchemos!  
Arranquemos do horizonte perdido Nossa casa e nossa história,  
Curemos os nossos feridos E proclamemos nosso triunfo! E  
brindemos todos...  
Porque todos os sorrisos que Foram esmagados pela tirania, Hoje,  
são emblemas do nosso sonho.

---

### **A pedagogia dos aços**

**Autoria: Pedro Tierra**

Candelária, Carandiru, Corumbiara, Eldorado dos Carajás...

Há cem anos Canudos, Contestado, Caldeirão...

A pedagogia dos aços golpeia no corpo essa atroz geografia...

Há uma nação de homens excluídos da nação.  
Há uma nação de mulheres excluídas da vida.  
Há uma nação de homens calados,  
excluídos de toda palavra. Há uma nação de mulheres combatendo  
depois das cercas.  
Há uma nação de homens e mulheres sem rosto,  
soterrado na lama, sem nome,  
soterrado pelo silêncio. Sem terra

banhados pelo sangue.

Eles rondam o arame das cercas  
alumiados pela fogueira dos acampamentos.

Elas rondam o muro das leis e ataram no peito uma bomba que pulsa:  
o sonho da terra livre.

O sonho vale uma vida? Não sei. Mas aprendi da escassa vida que  
gastei: a morte não sonha.

A vida vale um sonho? A vida vale tão pouco do lado de fora da  
cerca...

A terra vale um sonho? A terra vale infinitas reservas de crueldade, do  
lado de dentro da cerca.

Hoje, o silêncio pesa  
como os olhos de uma criança depois da fuzilaria.

Candelária, Carandiru, Corumbiara,  
Eldorado dos Carajás não cabem na frágil vasilha das palavras...

Se calarmos, as pedras gritarão...

### **Que a universidade se pinte de Povo!**

**Autoria: adaptação livre realizada pelo CCJC-MST/MS, da poesia palestina Persistiremos e frase do Che “que a universidade se pinte de povo”.**

E o que temos a dizer sobre a universidade? Que a universidade se pinte de negro, Se pinte de mulato,  
Se pinte de índio,  
Não só entre os alunos, mas também entre os professores.  
Que se pinte de operário, camponês, trabalhador,  
Que se pinte de povo!  
Porque o conhecimento não é propriedade de ninguém e pertence ao povo!  
A este povo que persiste, como uma muralha.  
Famintos, Nus, Provocadores,  
Declamando poemas,  
NÓS SOMOS ESTE POVO!  
Os guardiões das sombras, das sementes e das germinações,  
Semeamos ideias, como fermento nas massas,  
Nossos nervos são de gelo, Mas nossos corações vomitam fogo! Se tivermos sede:  
Espremeremos pedras. E comeremos terra  
Quando estivermos famintos, Mas não iremos embora!  
E nem seremos avarentos com o nosso sangue!  
Aqui temos um passado e um presente E na luta está o nosso futuro!  
E se ainda querem saber o que temos a dizer sobre a universidade:  
Que a universidade se pinte de negro,  
Se pinte de mulato, Se pinte de índio,  
Não só entre os alunos, mas também entre os professores.  
Que se pinte de operário, camponês, trabalhador, Que se pinte de povo!  
Porque o conhecimento não é propriedade de ninguém e pertence ao povo!

---

### **Dança de gente**

**Autoria: Julia Iara Araújo**

Afogados na maresia de miséria,  
Corpos jogados ao chão,  
Um massacre,

Mas os massacres são os dias,  
Estão nos massacrando a mente,  
Enterrando gente,  
Fazendo tremer o chão,  
Pois faremos tremer o mar (REVOLUÇÃO)  
mar de gente, mar de sangue.  
Se liberdade é a busca,  
Matar a fome também é.  
Estamos no labirinto dos medos,  
Mas tem gente de facão na mão,  
De sonho na mão,  
De filho na mão,  
De enxada na mão,  
De...vento...na...mão!

Se barraco pra dormir é a busca,  
Dormir em casa sua também é.  
Estamos em terra de fazendeiro,  
E ele tem arma e capanga na mão,  
já tem gente com facão,  
de sonho na mão,  
de filho na mão,  
de enxada na mão,  
de...medo...na...mão!

Se banhar de rio é a busca,  
Vender peixe também é.  
Se vender livro é a busca,  
Saber ler também é. Se cantar alto é a busca...  
Se plantar é a busca...  
Se for coragem a busca...  
Ser Sem Terra também é!

---

### **Liberdade**

**Autoria: Cecília Meireles**

A palavra Liberdade  
vive na boca de todos:  
quem não a proclama aos gritos,  
murmura-a em tímido sopro.



E os seus tristes inventores  
Já são réus – pois se atreveram  
a falar em Liberdade  
(que ninguém sabe o que seja)  
Liberdade – essa palavra  
que o sonho humano alimenta:  
que não há ninguém que explique,  
e ninguém que não entenda!

---

### **Não há vagas**

**Autoria: Ferreira Gullar**

O preço do feijão  
não cabe no poema.  
O preço do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás a luz o telefone  
a sonegação do leite da carne do açúcar do pão  
O funcionário público não cabe no poema com seu salário de fome  
sua vida fechada em arquivos.

Como não cabe no poema o operário  
que esmerila seu dia de aço e carvão  
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,  
está fechado: “não há vagas”

Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira

### **Rua e nua**

**Autoria: Aracy Cachoeira**

Menino travesso de ideias santas, distorcidas,  
Visitante do lixo companheiro,  
Uma olhada ligeira no berço sujo  
Onde voltará a dormir pela madrugada  
Se alguém não o fizer dormir para sempre.  
Em nome da segurança  
De quem não pode correr risco.  
Menino de sonhos castrados,  
Parido na rua,  
Por uma realidade, crua e nua,  
De moral, ternura e justiça!!!

---

### **O arame é uma peste!**

**Autoria: Charles Trocate**

As entranhas da terra,  
Cansadas de serem violadas  
Pelo discurso  
Pelo vácuo dos arames,  
Estão abertas!  
E lá sangra  
grito dos despossuídos  
E a mão camponesa acena  
Sua hora!  
arado irá vingar-lhes  
Revirar seu manto  
E o crepúsculo da vida...  
Tudo planto  
Porque o caos envergonha os cios  
Porque defronte a minha frente  
Está o arame  
Cometendo assassinato!  
E milhões de cifras rondando impunes  
Tudo planto  
Porque o poema não é apolítico  
Porque na minha mão vai  
Uma bandeira



E as ferramentas de compor  
Notas de justiça...  
Porque seguro abertamente  
A flor grávida de rebeldia!

---

### **Cortejo**

**Autoria: Ana Cláudia**

Olhas o corpo que passa  
Com tua foice na mão  
Com tua enxada nas costas  
Olhas e voltas pro chão  
Este chão que produzes  
Que é teu meio de vida  
Sendo a tua perdição.

Olhas sem compreender  
Comentas sem entender  
Quem matou aquele irmão  
Irmão na sina e na saga  
Um nó no peito de trava  
Quem deu cabo àquela vida  
Que só a vida buscava?

Se não abrires teus olhos  
Se não tiveres a terra  
Se não entrares na guerra  
Começada por outras mãos  
Tu serás sem duvidar  
Mais um que a morte sugou  
Olhando a vida passar.

---

### **Filhos e filhas da esperança**

**Autoria: Moisés Ribeiro**

Já nos feriram o rosto  
Já nos machucaram a alma  
Já nos abriram o peito com a lança da violência



Já tentaram nos roubar os sonhos, as utopias, as  
alegrias  
Já tentaram nos fazer esquecer as lutas, as vitórias, os mártires e  
também as derrotas

Já tentaram nos roubar o companheirismo, a indignação, a lealdade  
Já tentaram nos roubar a memória, apagar nossos passos e esconder  
nossa história

Mas somos filhos e filhas da esperança, herdeiros das lutas e das  
resistências  
da beleza, da solidariedade e da amizade

Então gritemos juntos, façamos ouvir nossas vozes nas praças, nas  
estradas, nos viadutos e tribunais anunciando o novo tempo que já se  
faz urgente

Sim, gritemos todos, pois somos companheiros, lutadores e  
construtores de sonhos e utopias, de esperanças e alegrias

Somos filhos e filhas da esperança que em levante de fúria rompe  
as cercas do latifúndio e abre o horizonte da nova história que se  
avizinha

Somos filhos e filhas da esperança, pois quando muitos tombam,  
outros tantos já se levantam e empunham a bandeira dos sonhos e da  
ternura, da indignação e da rebeldia

Somos filhos e filhas da esperança  
Da esperança que não perece jamais.

---

### **Construir**

**Autoria: Pedro Munhoz**

Haverá um tempo  
em que poetas abraçarão as a estrelas  
para festejar a colheita dos bons frutos.  
Haverá um tempo  
em que canções nascerão  
não mais para serem esquecidas

e sim para celebrar a vida em plenitude.  
Haverá um tempo  
em que homens e mulheres  
dançarão na chuva,  
quando todos os seres vivos  
entenderão o milagre do simples.  
Haverá um tempo  
em que a História não se repetirá  
num cotidiano vulgar.  
A cadencia do Universo  
será marcada pelo coração  
e em cada um de nós  
o ato da criação nascerá  
como fruto de todos os dias.

---

### **Menimelímetros**

**Autoria: Luz Ribeiro**

os meninos passam liso  
pelos becos e vielas  
você que fala becos e vielas  
sabe quantos centímetros cabe em um menino?

sabe de quantos metros ele despenca quando uma bala perdida o  
encontra?  
sabe quantos nãos ele já perdeu a conta?

quando ceis citam quebrada nos seus tccs e teses  
ceis citam as cores das paredes  
natural tijolo baiano?  
ceis citam os seis filhos que dormem juntos?  
ceis citam o geladinho que é bom por que custa 1,00?  
ceis citam que quando ceis chegam pra fazer  
suas pesquisas seus vidros não se abaixam?

.... num citam, num escutam  
só falam  
falácia!

é que ceis gostam mesmo do gourmet da quebradinha

é um sarau, um sambinha  
mas entrar na casa dos menino  
que sofrem abuso de dia  
não cabe nas suas linhas

suas laudas não comportam os batuques dos peitos lage vista pro  
córrego  
seu corretor corrige a estrutura de madeirite

quando eu me estreito no beco feito pros meninos “p”  
de (in)próprio  
eu me perco  
e peço por não saber nada  
por não saber geografa  
invejo tanto esses menino mapa

percebe, esses menino desfilam moda  
havaiana azul e branca e preta número 35 / 40 e todos  
que é tamanho exato pro seu pé número 38

esses meninos tudo sem educação que dão bom dia, abrem até  
portão  
tão tudo fora das grades escolares

tão sem escola  
nunca teve reforço  
de ninguém  
mas reforça a força e a tática  
do trafico mais um refém

os menino sabem nem escrever  
mas marcam os beco tudo  
com caquinhos dos tijolo  
pcc, vê?

num vê!

esses meninos que num tem nem carinho  
são muitas vezes pés no chão  
num tem carrinho preso no barbante

pensa que bonito  
se fosse peixinho fora d'água  
a desbicar no céu  
mas é réu na favela  
lhe fizeram pensar alto  
voa, voa ... aviazinho  
o menino corre, corre, corre  
faz seus corres ...  
podia ser até flecha, adaga, lança  
mas é lançado fora  
vive sempre pelas margens

na quebrada do menino passa nem onibus pro centro da capital  
isso me parece um sinal  
é tipo uma demarcação de onde ele pode chegar

e os menino malandrão faz toda a lição  
acorda cedo e dorme tarde  
é chamado de função  
queria casa  
mas é fundação.

tem prestígio, não tem respeito  
é sempre o suspeito de qualquer situação

ceis já pararam pra ouvir alguma vez o sonho dos menino?  
é tudo coisa de centímetros  
um pirulito  
um picole  
um pai uma mãe  
um chinelo que lhe caiba nos pés

e quando retinto o menino  
mais fácil de ser extinto  
seus centímetros  
não suportam 9 mililitros  
esses meninos  
sentem metros!



## Poema

### Autoria: Piê

Oito anos na prisão ou oitenta tiros  
Aqui é sempre assim 8 ou 80  
Não tem meia curva nem meia palavra  
Não se apaga tinta nessa terra de preto e branco  
Não cabe cinza  
É sempre 8 ou 80 tiros  
8 ou 80 gritos  
Depende da cor de quem passa na rua  
Às vezes nada  
Silêncio. Apagamento

Ensina seu filho a não confiar em farda  
Se ele for curumim ou preto  
Fica nessa berlinda  
Medo do quartel  
Medo do bandido  
Medo da morte  
Medo da vida  
Vida inteira baseada no medo  
Eu não confio em quem me aponta arma  
Eu não confio em quem me aponta dedo  
Eu não posso prever daonde que os tiros tão vindo  
Então se eu sou preto  
Automaticamente  
8 ou 80 também  
Já reparou que o 8 cai vira o infinito?  
Igual a dor dos outros números  
Dos outros três que estavam dentro do carro  
Dos sete anos de idade que tinham um filho  
80 cuspe na nossa cara  
80 dedo apontado debochando  
80 buraco no carro branco  
80 buraco pra um coração negro, negro  
Como quem não volta mais  
Aqui é 8 ou 80 eu não tenho tempo  
Pra relativizar racismo  
De suportar as ferraduras dos velhos  
De sorrir, de permitir a mão deles nos meus cabelos  
De olhar pra esses cara com medo

De deixar que eles escrevam o enredo  
De assistir eles engolindo tiro por tiro a existência do povo preto  
É 8 ou 80  
Olha o tamanho do desespero e não se permita esquecer  
Acidental é a volta do peso da mão da história  
Nas costas de quem tá cuspidando pro alto há mais de 400 anos  
Vocês tão é me tirando  
Cês tão é nos tirando do tempo  
É 8 ou 80  
Foi de ódio, foi de propósito  
Foi por negócio e por genocídio negro  
E eu não esqueço.

---

**Licença aqui**  
**Autoria: Lucas Afonso**

Licença aqui,  
O que vou falar é de coração  
Na humildade, como sempre  
Não sou dono da razão

Cada um tem seu olhar  
Vou passar minha visão  
Não me convence  
Que alguém vai trazer paz com arma na mão

Pra cima de noiz?  
Não! Para!  
Noiz sabe a cor e a direção  
Que as ar arma tão apontada

Já tem uns dias, né?  
Não pagar de Loko  
Fundo do poço tem escada  
Dá pra descer maus um pouco

Não vou pagar pra ver  
Irmão, imagina a loucura:  
Seu filho chegando tarde  
A rua toda escura

Vem descendo apagada  
Bem devagar viatura  
E levam seu moleque  
Que não merecia uma dura

O que cê vai fazer?  
Qual vai ser sua postura?  
Lembrando que votou num louco  
Favorável à tortura?

Noiz se perdeu, não é possível, tio  
Noiz tava em outro nível  
Hoje debato no WhatsApp  
Se racismo é admissível?

Tá de brincadeira  
Quer mel na mamadeira?  
Quebrada é fel, pagou de Hitler  
É só na madeira

Deus é mais! Faz isso não!  
Me faz passar vergonha não.  
Salário tem que ser igual  
Se os dois fazem a mesma função

Noiz tem que ser honesto  
Faz a reflexão  
Mulher não tem que ganhar menos  
Por causa da gestação

Dá uma atenção!  
Cuidado com a mão que cê beija  
E com a intenção de quem destila ódio  
Dentro da igreja

Esquecemos os princípios?  
Independente da crença  
Não conheço religião  
Que cultua a violência

Não perca sua essência  
Nosso legado é eterno

Vamos fazer a diferença  
Com caneta e caderno

Sem ditadura, censura  
Noiz quer acesso à cultura  
Ao invés do leito da cela  
Ir pra sala de leitura  
Não cai em ideia furada  
Noiz sabe a realidade  
Não precisamos de acesso à arma  
Queremos quebrada lá na faculdade

Acessando os conhecimentos  
Entendendo a história do Brasil  
Quem sabe noiz fica mais ligeiro  
E para de crer em qualquer fakenews

Não vende o seu valor, eu juro  
Nosso silêncio tem um custo  
Na justiça, em cima do muro  
É o lado do injusto

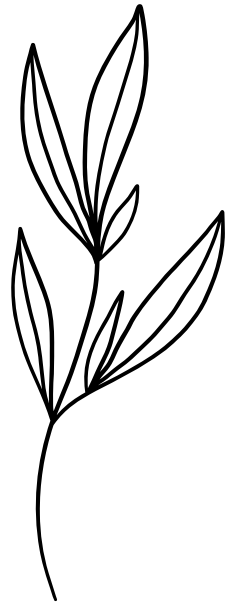
Por favor, me ouça  
Nossa voz tem força  
Não vai na ideia de quem suja  
Mas não lava uma louça.

Eu tô na rua  
Na luta  
Me perguntaram  
Se compensa

Se eu não tenho medo  
De morrer no meio da desavença  
“Bagulho tá loko, Luquinhas  
Pior do que você pensa

Mataram Moa, Marielle  
Já não ficam só na ofensa”

Tão ensinando crianças  
A fazer a arma com o dedo



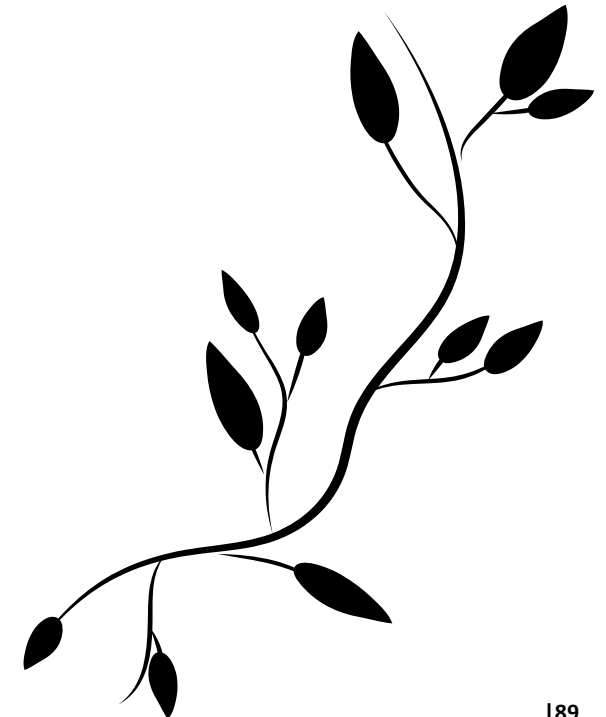
Ao mesmo tempo  
Meus amigos tão morrendo muito cedo  
Eu tenho muito a perder  
Mas vou te contar um segredo  
Minha esperança inda tá aqui  
Eles levaram só meu medo.

---

### **A fome**

**Autoria: Pedro Munhoz**

A fome que temos  
é fome de tudo,  
é quando a fome,  
é a fome do mundo.  
A fome que temos,  
a mesa vazia,  
sem livros, sem nome,  
a fome vigia.  
A fome que temos,  
de prato e canção,  
de trato, com fome  
de educação.  
A fome que temos,  
palavra e esmola.  
E dela morremos,  
sem pão, sem escola.  
A fome da fome,  
da inanição,  
que mata, consome,  
na escuridão.  
A fome do homem,  
mulher e criança.  
O fogo da fome,  
da ignorância.  
A fome que temos,  
a fome não espera.  
Quem gera esta fome,  
come com ela.



**É tempo de colher**  
**Autoria: Ademar Bogo**

Há momentos na história  
Em que todas as vitórias  
Parecem fugir da gente  
Mas vence quem não desanima  
E busca em sua autoestima  
A força pra ser persistente  
Regando o deserto da  
consciência  
Um novo ser nasceu,  
É hora de ir em frente  
companheiro  
Você é o guerrilheiro  
Que a história nos deu.  
Regamos o deserto da  
consciência  
Um novo ser nasceu  
É hora de ir em frente,  
companheira  
Você é a guerrilheira  
Que a história nos deu.

---  
**O canto da Liberdade**  
**Autoria: Adilson de Apaiim**

Só canta a beleza das fores  
Quem souber sentir o perfume de  
suas pétalas...

Só canta a organização  
Quem souber o valor desta  
pertença

Só canta a vida  
Quem souber viver como gente

Só canta o coração do socialismo  
Quem souber ser socialista de  
coração.

Meu canto é de liberdade

Só canta a identidade camponesa  
Quem souber amar esse campo

Só canta a educação do campo  
Quem souber trabalhar o campo  
como espaço de vida.

Na soleira desta estrada  
De mãos calejadas  
Levanta-se do chão aprisionado a  
Semente...

E no desacampar das beiras  
periféricas  
Mesmo com o peito espedaçado  
Pela gusa fumaça Ibérica

Meu canto se faz estridente  
Nas fornalhas do capital  
Faz sangrar as veias da ganância  
Pra nascer a resistente gente...

São seres que lutam embaixo  
De barracões de lona preta  
E nos clarões das estradas...  
Vilipendiados e tenebrosas

No caminho brota a vanguarda à  
frente  
Que acredita em campos férteis...  
E no imenso chão em algum lugar  
Na costeira da mata Amazônica  
Germina o canto que libertará...

---  
**Educando a Pedagogia**  
**Autoria: Adilson de Apaiim**

Itinerante é forma  
É causa e conteúdo de educar  
É escola em movimento,

Que contagie a alegria de ocupar  
Ocupar o latifúndio do saber  
Cantando o nosso gesto de  
libertar.

Aprende-se e se ensina  
Uma nova educação  
Ocupando a esperança  
Semeando terra e pão  
Democratizando terra e letras  
Em prol da libertação...

Itinerante é exemplo  
De amor e compaixão  
É sobrevivência de nossa gente  
Que faz uma nova criação  
Determina uma consciência  
No caminho da revolução.

Os seus filhos educadores  
Deixam aqui a mensagem  
Com muita força e coragem  
Educam-se pelo solo do itinerário  
Construindo na luta  
Uma nova sociedade

---  
**Suor da Esperança**  
**Autoria: Adilson de Apaiim**

Sou semente marginal  
Que pulsa em movimento  
Na tumultuada margem  
Das ações periféricas...

Sou parte dos abismados  
Dos condenados da terra  
Marcho pelos campos e poemas  
E meu grito é o amanhecer

Sou vida e arena

Força que se levanta  
Estradas cercas e noites...  
Minha vida se escreve na pedra  
Vou lavrando pelas sendas  
Sei que vou pelo que sou...  
O que nasce do solo fértil  
Germina do suor da esperança...

---  
**Estatuto da Terra Livre**  
**Autoria: Elemar Luciano Pereira  
Bilha**

No gesto simples e decidido do  
camponês de ocupar a terra  
tendo os pés no chão porque  
para ele a terra é sagrada,  
se juntássemos o barulho do  
vento, a melodia dos pássaros  
e o murmúrio das águas e  
traduzíssemos em palavras a  
natureza diria assim:

Artigo I: fica decretado que o  
camponês é um ser que ama e  
cuida de tudo que o rodeia, cada  
ser vivo é seu próximo, por isso  
falará com as plantas e as regará  
cuidando como a um menino  
recém-nascido.

Artigo II: Fica decretado  
que o camponês é um ser  
contemplativo, e como tal deve  
ouvir e apreciar a alvorada dos  
pássaros para ele preparada,  
acompanhar o desenvolvimento  
da planta, e o crescimento das  
crianças brincando em terra nova.

Artigo III: Fica decretado que as  
mães não mais precisam doar

seu alimento ao filho e ficar sem comer, com a terra livre todos se alimentarão com fartura.

Artigo IV: Fica autorizado ao camponês a qualquer momento o uso da cor verde lhe devolvendo a identidade de filho da terra irmão do vento e das árvores assegurando-lhe o direito inquestionável de a defender.

Artigo V: Por decreto irrevogável fica acertado que o camponês poderá passear à luz da lua, se orientando por ela sem se preocupar com o toque de recolher.

Artigo VI: Fica acertado que o camponês deve andar sempre de cabeça erguida, pés no chão e que os zunidos das ferramentas expressam a melodia de uma liberdade final.

PARÁGRAFO ÚNICO: Em parágrafo único fica acertado que o camponês poderá, a qualquer hora, expressar sua cultura tocar violão na varanda da casa, os calos das mãos trarão consonância à melodia.

Artigo VII: Fica acertado que as crianças deverão aprender a aprender, se as portas das escolas se fecharem rabiscaremos histórias sobre a terra livre, porque ocultar o saber é como andar no caminho da utopia de olhos fechados.

(Baseado nos estatutos do homem de Tiago de Melo com a realidade dos assentamentos)

---

## **O Estatuto do Homem**

**Autoria: Thiago de Mello**

### Artigo Primeiro

Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

### Artigo Segundo

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

### Artigo Terceiro

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

### Artigo Quarto

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do

homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

### Parágrafo único

O homem, confiará no homem como um menino confia em outro menino.

### Artigo Quinto

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

### Artigo Sexto

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

### Artigo Sétimo

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor.

Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

### Artigo Oitavo

Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.

### Artigo Nono

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

### Artigo Décimo

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

### Parágrafo único

Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

### Artigo Décimo Primeiro

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais compra o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

### Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso e das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.



## **Chapéu de Palha**

**Autoria: Elenar Luciano Pereira Bilha**

Tá vendo o herói da roça, na cidade leva vaia  
Dizem que é o chapéu de palha  
Que o torna homem tão grosso  
Mas este rosto enrugado une o presente ao passado  
E fez muito mais seu moço

Trabalhava no roçado agricultor de verdade  
Abanava o filho pequeno com este chapéu, traz saudade  
Pra que vai tapiá o chapéu pra fazendeiro ou doutor  
Ele que estima este amigo que ajudou gerar o trigo  
Pra alimentar o agricultor

Pra germinar tu sofreste e adquiriste rebeldia  
A seca tentou te deter quando a terra te paria  
Hoje com os calos te tranço um a um juntando a palha  
Você que travou batalha com aquele sol tão tirano

Assim o agricultor fez tua copa e a aba foi exibida  
É assim também nossa vida ir forjando novos planos  
Unir etnias e raças assim como a palha entrelaça  
Criando a junção dos povos.

---

## **Geraizeiros das Gerais**

**Autoria: Idalino de Vargem Grande do Rio Pardo**

Até hoje inda me lembro como si fosse agora,  
aqui tudo era sertão,  
mas tudo era muito bom,  
tem algumas coisas na minha memória.  
Aqui tinha muitas lagoas,  
mais não tinha nenhuma represa,  
as águas corriam livremente,  
em meio a natureza.  
Animais corriam nas vargens,  
que às vezes ficavam atolados,  
porque tinha muita água  
os brejos era encharcado

Precisava muitas valas  
pra que fosse cultivado,  
a gente plantava pouco,  
mais tinha bons resultados.  
A gente andava pelos campos  
porque tudo era incomum,  
tinha cagaiteira, jatobá, rufão, articum,  
tinha coquinho, araçar, gabirola, muricir  
e de janeiro a meses de março  
a tão sonhada coleta do pequi.  
Até aí tudo bem, mas depois dos anos 70,  
apareceu empresários e fazendeiros  
comprando os direitos de posses,  
por micharia de dinheiro,  
tomando todo cerrado,  
mandando tirar o gado,  
daí pra cá foi desespero.  
Veio uma tal de Rural Minas, fazendo umas mediações,  
tomando toda fronteira, um tal de trator de esteira  
arrastando um correntão,  
não ficou nem sequer um pau em pé,  
jogaram tudo no chão.  
Mas a justiça de Deus não vai falhar  
Se o homem não se arrepender,  
um dia vai ter que pagar,  
Se não preservar a natureza e as águas vier a secar  
o nosso planeta sem água, criatura nem uma vai suportar.  
Mas ainda há tempo para pensar  
e preservar o meio ambiente.  
Não poluir os rios nem cortar as árvores  
Em beira de nascente,  
porque espírito de Deus pousava sobre as águas  
quando ainda não tinha gente.  
Meus amigos do assentamento  
sei que de tudo isso vocês estão conscientes.  
Vamos agora de mãos dadas  
lutar por uma terra que estava abandonada,  
plantando nela a semente,  
pedindo as bênçãos de Deus,  
para que a terra volte a dar os seus frutos novamente.

## **Aula de voo**

**Autoria: Mauro Iasi**

O conhecimento  
caminha lento feito lagarta.  
Primeiro não sabe que sabe  
e voraz contenta-se com o cotidiano orvalho  
deixado nas folhas vividas das manhãs.  
Depois pensa que sabe  
e se fecha em si mesmo:  
faz muralhas,  
cava trincheiras,  
ergue barricadas.  
Defendendo o que pensa saber  
levanta certezas na forma de muro,  
orgulhando-se de seu casulo.  
Até que maduro  
explode em voos  
rindo do tempo que imaginava saber  
ou guardava preso o que sabia.  
Voa alto sua ousadia  
reconhecendo o suor dos séculos  
no orvalho de cada dia.  
Mesmo o voo mais belo  
descobre um dia não ser eterno.  
É tempo de acasalar:  
voltar à terra com seus ovos  
à espera de novas e prosaicas lagartas.  
O conhecimento é assim:  
ri de si mesmo  
e de suas certezas.  
É meta da forma  
metamorfose  
movimento  
fluir do tempo  
que tanto cria como arrasa  
a nos mostrar que para o voo  
é preciso tanto o casulo  
como a asa.

## **Louvor do Revolucionário**

**Autoria: Bertold Brecht**

Quando a opressão aumenta  
Muitos se desencorajam  
Mas a coragem dele cresce.  
Ele organiza a luta  
Pelo tostão do salário, pela água do chá  
E pelo poder no Estado.  
Pergunta à propriedade:  
Donde vens tu?  
Pergunta às opiniões:  
A quem aproveitais?  
  
Onde quer que todos calem  
Ali falará ele  
E onde reina a opressão e se fala do Destino  
Ele nomeará os nomes.

Onde se senta à mesa  
Senta-se a insatisfação à mesa  
A comida estraga-se  
E reconhece-se que o quarto é acanhado.

Pra onde quer que o expulsem, para lá  
Vai a revolta, e donde é escorraçado  
Fica ainda lá o desassossego.

---

## **Garganta**

**Autoria: Roberta Estrela D'Alva**

A Garganta é a gruta que guarda o som.  
A Garganta está entre a mente e o coração.  
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de repente:  
um nó. E o que eu quero dizer...

Às vezes acontece um negócio esquisito:  
Quando eu quero falar eu grito,  
Quando quero gritar eu falo.  
O resultado?  
Calo.

Camadas e camadas de medo e amor recolhido.  
Fendas, rachaduras, suco, bolsas, adenoides, esfenoides,  
mariposas, borboletas.  
Dando adeus.  
Dando a Deus.

Por que às vezes eu ainda fico só, sem Vós?  
Sendo que tudo o que quero é estar com voz?  
Por que Vós é quem me dá tudo.  
É quem me dá a vida, o sustento e a alegria de cantar.  
Por isso um dia pedi que Vós sempre comigo estivesse.  
E um pensamento veio em resposta:  
Duvidar que dentro de mim há voz não é o mesmo que duvidar de  
Vós?

---

### **Vermelho**

**Autoria: Mariana Félix**

Amanda,  
seu batom vermelho me representa!  
Nas noites de gandaia  
Chama as amigas  
Não mede o tamanho das saias  
Vestida de tantas outras  
Das trans  
Das drag  
Das putas  
Das loucas  
Das butequieras  
Fabiana, seu batom vermelho me representa!  
Nas noites pacatas  
Em casa  
Carinha o lábio que não foi beijado  
O batom que não foi borrado  
Lembra enquanto penteia os cabelos  
Dos encontros, desencontros, do amor verdadeiro... que não veio!  
Veste o sonho mastigado  
Enquanto deita  
Luciana, seu batom vermelho me representa!  
Nos dias de dança

De briga  
De esquina  
De rua  
Quando você fica nua...  
Só com o batom vermelho  
Que não pede espelho  
Nos olhos do amor da noite ela se vê por inteiro  
Mariana...  
Que se esquiva no metrô, no trem  
Dos apertos  
Das encoxadas  
Das piadas  
Dos puxões no cabelo  
De batom vermelho!  
Pede espaço  
Grita alto  
Quero respeito!  
Abaixa essa mão!  
Não toque nos meus seios!  
Me deixa em paz com meu batom vermelho!  
Ela é pequenina  
Gigante por fora  
Por dentro menina  
Porta escancarada  
Sem chave  
Que todo sorriso entra  
Juliana, seu batom vermelho me representa!  
Ela é vermelho manifestação  
Vermelho erupção  
Vermelho sedução  
Vermelho coração  
Deixa ela ser vermelho  
No batom!  
Somos tantas  
Somos uma  
Somos luta!  
Sangrando a dor do parto  
No escuro do quarto  
Dos que foram embora  
Sem nem ao menos terem se importado  
Vou gritar alto!

Subir ou descer do salto, não importa  
Nem o batom vermelho  
Vou repetir pra que dessa vez  
Você me entenda!  
Ana, não é só seu batom  
Você me representa!

**Aninha e suas pedras**  
**Autoria: Cora Coralina**

Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.  
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entaves seu uso  
aos que têm sede.

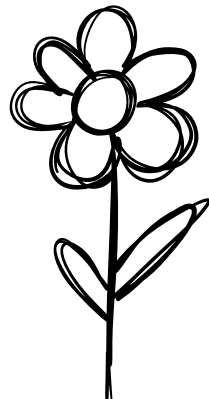
---

**Utopia**  
**Autoria: Meimei Bastos**

Aquela hora do dia  
quando nenhum lado te privilegia.

Não importa em que lado  
do ônibus cê sente  
ou a direção a que se desloca,  
o sol forte vai bater na tua cara.

Vivemos tempos ensolarados,  
daqueles de deserto,  
sem nenhuma miragem,  
temos areia nos olhos  
e quase nenhuma esperança.



Em tempos como este é ainda mais importante lutar.

Não somente contra o que nos arde,  
mas combatendo aquilo que  
momentaneamente nos cega.  
É preciso lutar!  
Ao lado e pelas  
muitas minorias  
que dia a dia  
enfrentam e  
resistem  
à escassez imposta.  
Na labuta diária há muito,  
muito mais do que se vê.

Há coisas nas entrelinhas  
que não foram escritas  
nem lidas,  
mas são verbo.

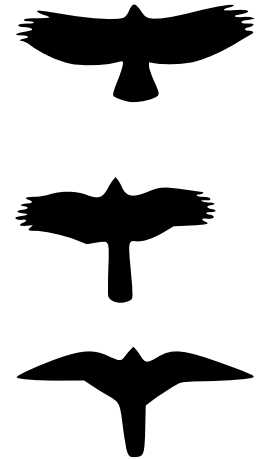
É preciso lutar  
para não se deixar abater.  
para que o horizonte esteja mais próximo  
para os nossos,  
pelos que ainda vão nascer.

---

**No derradeiro suspiro**  
**Autoria: Bráulio Bessa**

No trem que a morte conduz  
todo mundo é passageiro.  
Ninguém consegue fugir,  
ninguém corre mais ligeiro.  
E nessa breve viagem  
é melhor ter na bagagem  
pessoas do que dinheiro.

Se no final dessa vida,  
pouco antes de morrer,  
no derradeiro suspiro



you could choose:  
to hold someone's hand  
or a note of grief.  
What would be your choice?  
The answer is evident,  
for people who do not have people  
are like plants that do not have leaves.

---

### **Coração nordestino**

**Autoria: Bráulio Bessa**

Um cantor de viola  
fazendo verso rimado,  
toicim de porco torrado  
numa velha caçarola,  
um cego pedindo esmola,  
lamentando o seu destino,  
é só mais um Severino  
que não tem o que comer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

As conversas de calçada,  
os causos de assombração,  
em riba de um caminhão  
a mudança inesperada,  
galinha bem temperada  
sem usar tempero fino,  
quebranto forte em menino  
pra benzedeira benzer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Banho de chuva na biqueira,  
dindim de coco queimado,  
menino dependurado  
nos braços de uma parteira,  
manicure faladeira,  
o gado magro e mofino,  
novenas para o divino,  
pedidos para chover.

Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.  
Pracinhas pra namorar  
sem pular nenhuma etapa,  
cachaça no bar da tapa,  
cantadores pra rimar,  
um forrozim pra dançar,  
que também é nosso hino,  
quer dançar, eu lhe ensino  
até o suor descer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Quando a gente olha pro alto  
consegue enxergar a lua,  
caminhar no mêi da rua  
sem ter medo de assalto,  
um terreiro sem asfalto,  
sem concreto clandestino,  
um açude cristalino,  
um cheiro no bem querê.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Uma porca parideira  
com uns doze bacurim,  
gente boa e gente ruim,  
zoada no fim de feira,  
arapuca, baladeira,  
o chapéu de Virgulino,  
na bodega de Firmino  
tem de tudo pra vender.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Um bebo toma uma cana,  
cospe no pé do balcão,  
a luz de um lampião  
ilumina uma cabana,  
uma penca de banana  
na casa de Marcolino,

pirão grosso e caldo fino  
pra mode o cabra comer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Uma velha na janela  
reclamando de uma dor,  
casinhas de toda cor  
azul, verde, amarela,  
um pé de seriguela  
no quintal de Marcelino,  
no Mobral, Seu Jesuíno  
aprendendo a escrever.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Tem milho verde cozido,  
castanha feita na brasa,  
no oitão da minha casa,  
um bebo véi estendido,  
na outra esquina, perdido,  
mais um bebo, um dançarino,  
igreja tocando o sino  
no final do entardecer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

O gibão de um vaqueiro  
que é sua armadura,  
engenho de rapadura  
pega-pega no terreiro,  
um barrão lá no chiqueiro  
pra quem é chique, um suíno,  
o caminhão de Faustino  
cheio de manga pra vender.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

São milhões de pensamentos  
que não saem da cabeça,  
e antes que eu me esqueça

registro esses momentos  
com poesia e sentimentos  
desde os tempos de menino,  
talvez fosse o meu destino  
nascido pra escrever  
aquilo que faz bater  
um coração nordestino.

---

### **Fome de educação**

**Autoria: Bráulio Bessa**

Até quando o Brasil vai suportar  
ver seu povo carente de saber,  
tanta gente sem ler, sem escrever,  
sem escola decente pra estudar,  
pois até a merenda escolar  
alimenta a tal corrupção.  
Num lugar em que tudo dá no chão  
na escola deveria ter fatura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

Se o Brasil começasse a dar valor  
a quem nunca se sentiu valorizado  
invertendo o que ganha um  
deputado  
pela esmola que ganha um  
professor.  
Pode até me chamar de sonhador  
por sonhar que um dia essa nação  
passará por uma transformação  
e os livros serão a nossa cura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

Sobra tanta coragem pra lutar,  
o que falta é oportunidade.  
Sobra o sonho de entrar na  
faculdade  
pela falta do dinheiro pra pagar.

Falta tudo pra quem vê tudo faltar,  
sobra tudo pra quem tem tudo na  
mão.

Só não falta em tempo de eleição  
blá-blá-blá, lenga-lenga e muita  
jura.

Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

A caneta é capaz de transformar  
e mudar o destino de um povo.  
Quem viveu só comendo o puro  
ovo  
pode um dia provar do caviar.  
Já vi gente que, por ter como  
estudar,  
se mudou do barraco pra mansão.  
Batalhando com total dedicação  
conseguiu ter a vida menos dura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

Esse povo que tem tanto pra dar  
não recebe o que tem pra receber.  
Não consigo aceitar ou entender,  
ninguém venha querer me explicar.  
Eu não posso e nem vou me  
conformar  
com a cruz que carrega o cidadão  
pelo peso dessa desinformação  
castigado pela falta de cultura.  
Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

A nação que investe em sua gente  
nunca tem desperdício ou prejuízo.  
Observo atento e analiso:  
só se muda agindo diferente.  
O poder de um povo está na  
mente,  
é a chave que abre essa prisão,  
é a luz que aponta a direção

pra seguir por qualquer estrada  
escura.

Um país desnutrido de leitura  
só se salva comendo educação.

---

**Aquela que não te pertence**  
**Autoria: Bell Puã**

Tem várias faces e nomes  
acadêmica, poeta,  
nordestina, negra  
mas homem  
guarde essa minha face e nome:  
Aquela que não te pertence

Minha pertença não é  
para seus padrões racistas  
numa prisão, cozinha  
ou na mira da polícia  
aquela que não pertence a patrão  
nem senhor de engenho  
e muito menos pertença  
à escória do conhecimento

Eles querem que  
eu use língua formal  
e muitas metáforas  
que eu jogue o jogo da vida  
com suas táticas  
fazer rap?

Essa preta aí só me convence  
se com licença, por favor  
por obséquio, pra começar  
a lógica ocidental vem de  
Aristóteles  
e blá-blá-blá  
só converso de Nietzsche pra cima  
só escuto de Frank Sinatra  
a Sebastian Bach  
literatura marginal é coisa de

não intelectual? Vai vindo, vai  
além do Manifesto comunista e O  
capital

Vou de Platão  
e também vou de Racionais  
saio da caverna  
pra escutar fatos reais  
pode pá  
808 crew, Femigang, Alquimia  
sem masságe na mensagem  
no meu mundo das ideias  
mentalizo Sabotage  
o meu amor platônico  
é um mundo sem maldade  
rap é compromisso  
não é viagem!  
É verdade, Freud explica...  
Mas Criolo e Emicida  
escancaram a realidade!

---

**Cordel fora do armário**  
**Autoria: Laura Conceição**

Essa é minha história  
Incrível caso vim contar  
A poesia hoje me aflora  
Trouxe versos na sacola.  
Dizem que sou criativa  
Muita gente me incentiva  
Surgiu então um babado  
Pra desfazer malfalado  
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga  
Alguns amigos têm vergonha  
Se são minhas cama e fronha  
Então, por que te desagrada?  
Ó, pátria amada,  
Me diz, como entender?

Faça parar de doer  
Seus filhos estão amando  
E por isso estão sangrando  
Enquanto eu falo estão matando  
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho  
Falam pelos cotovelos  
Da minha roupa e do cabelo  
Pois ele eu transei com pano  
De que te importa quem eu amo?  
Excluíam-me quando criança  
Por meu peso na balança  
Cabelo encaracolado  
Mas com estilo desleixado  
Hoje a menina ainda dança  
São muitas meninas,  
Vivem em conflito interno  
Pois preferem usar terno  
Ou às vezes não ter vagina

Então, imagina  
Se amar ao ver espelhos  
Novo corte de cabelo  
Morte e vida severina  
Ainda retiram vidas  
No sertão de preconceito

Na sua mente não cresce flor  
Na minha alma crescem  
hematomas  
Esse é um poema de defesa, não  
apenas uma afronta  
Eu já tô mais do que pronta  
Mas eu não nasci pronta  
Tive que me lapidar  
Imagina quanta coisa eu não ouvi  
Por pouco não me vendi  
Me ensinaram a me odiar.  
Quero amar sem temer  
Liberdade ao meu corpo

Perante o mundo todo  
Não precisar se convencer  
Será que deu pra entender?  
Cansada de explicar,  
Quando isso vai acabar?  
Eu sou bem paciente  
Sou lésbica, não doente  
Então não tente me curar  
A mídia diz o que fazer  
Mas não sou massa de manobra  
A justiça uma hora cobra  
Ninguém vem me defender.  
Meu filho vai aprender  
A não cair em fina malha  
A traçar suas batalhas  
A não ser um otário  
E que dentro de armário  
Só as crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram  
Ontem se suicidaram  
Amanhã dirão adeus  
É letal a hipocrisia  
É mortal a transfobia  
Até quando matarão os meus  
Pra inflar o ego do seus?  
Meu Deus!

---  
**Descendente de guerreiros**  
**Autoria: Negafya**

Sou descendente de Zumbi e de  
Dandara,  
Sou mulher guerreira e injuriada.  
Venho aqui  
para cobrar tudo que  
nos foi  
negado há 500 anos. Racistas  
não passarão!

Racistas não passarão!  
Se preparem, brancos! Vou  
cobrar a minha mãe  
sendo estuprada  
nas senzalas  
nas madrugadas, vou cobrar meu  
pai sendo jogado do navio por  
tentar resistir  
à escravização.  
Se você não escutou, vou repetir:  
sou descendente  
de Zumbi, eu  
vou cobrar a  
morte de meus irmãos.  
Racistas não passarão! Se  
preparem, brancos!  
Porque sou descendente de  
Zumbi e Dandara, sou  
mulher  
guerreira e  
injuriada. Comece a rezar para o  
seu deus que eu  
queira usar um  
diploma e  
não uma arma para te derrotar  
nessa batalha.

---  
**Matriarcal cunhã**  
**Autoria: Renata Machado**  
**Tupinambá**

Vocês acham que podem me ver?  
Vocês acham que podem me ver?  
Sou penumbra  
luminosidade  
o canto do povo e sua liberdade  
na mão carrego afetividade  
sou o sangue que jorra da rua,  
fazenda e comunidade  
seu coração sangra de mentira

o meu é morto todos os dias e  
renasce  
não sou a índia potyra sou  
Aratykyra  
então pode atirar  
uma arma na minha cabeça  
não foi capaz de me matar  
eu disse atira, atira  
não importa quantas vezes eu  
tombar  
sempre vou retornar  
sou as marcas da violência  
sou as cicatrizes de viver  
sou o espelho de justiça da terra  
não da igreja  
sou tempestade que vai destruir o  
concreto  
e os frios olhares da cidade  
não sou o sono dos justos  
não durmo  
sobrevivo por todos prisioneiros  
do afeto  
sou todos que sentem dor, amor,  
raiva,  
compaixão  
sou quem caça os senhores de  
escravos  
sou todos que queimam e  
explodem nos  
cemitérios clandestinos da  
omissão  
exterminam e comem gente viva  
acham que podem costurar o  
tamanho da ferida?  
esperam que sejamos passivas,  
calmas,  
obedientes, silenciosas

mulheres não são humanas  
são onças, serpentes, águias

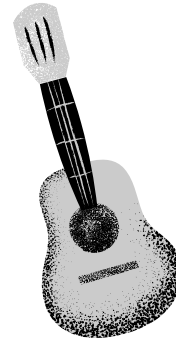
eu sou um animal não  
domesticado  
não faço o que querem  
sou devota do que desejo

difícil de seduzir ou induzir  
eu teço a teia dos sonhos  
sou uma guardadora de sementes  
árvore antiga de pé  
Ainda Aracy, mãe do dia, do  
amanhecer dos pássaros  
sou a fé que carregam no peito,  
para cantar,  
gozar e sentir  
eu compartilho encantaria  
é preciso saber me invocar  
para fazer o mundo como  
conhece desabar  
eu estou fora do tempo  
não tenho tempo  
tenho uma faca apontada para os  
meus olhos.

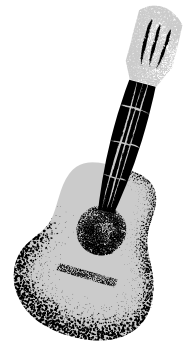
---  
**Oração do Milho**  
**Autoria: Cora Coralina**

Sou a planta humilde dos quintais  
pequenos e das lavouras pobres.  
Meu grão, perdido por acaso,  
nasce e cresce na terra  
descuidada. Ponho folhas e haste  
e se me ajudares Senhor, mesmo  
planta de acaso, solitária, dou  
espigas e devolvo em muitos  
grãos, o grão perdido inicial, salvo  
por milagre, que a terra fecundou.  
Sou a planta primária da lavoura.  
Não me pertence a hierarquia  
tradicional do trigo. E de mim, não  
se faz o pão alvo, universal.

O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.  
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.  
Sou de origem obscura e de ascendência pobre. Alimento de rústicos e animais do jugo.  
Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.  
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante. Sou a farinha econômica do proletário.  
Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha.  
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.  
Sou o cocho abastecido donde ruma o gado  
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.  
Sou o carcarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.  
Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor, que me fizeste necessária e humilde  
Sou o milho.



## Segunda Parte: Letras de Canções





**Hino do camponês**

**Letra: Francisco Julião**

**Música: Geraldo Menucci**

(setembro de 1960)

Companheiros, irmãos de  
sofrimento  
Nosso canto de dor sobe da terra.  
É a semente fecunda que o vento  
Espalha pelo campo e pela serra.

Estrilho:

A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada (bis)

Não queremos viver na  
escavidão  
Nem deixar o campo onde  
nascemos.  
Pela terra pela paz e pelo pão,  
Companheiros unidos  
venceremos.

Estrilho  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada (bis)

Hoje somos milhões de  
oprimidos,  
Sob o peso terrível do cambão.  
Lutando nós seremos redimidos:  
A reforma agrária é a salvação!

Estrilho  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada (bis)

Nossas mãos têm calos de  
verdade,  
Atestando o trabalho honrado e  
duro.  
Nossas mãos procuram a  
liberdade  
E a glória do Brasil para o futuro.

Estrilho  
A bandeira que adoramos  
Não pode ser manchada  
Com o sangue de uma raça  
Presa ao cabo da enxada (bis)

---

**O sistema caçador**

**Letra: Magno Gomes e Josiane**

**Nascimento – Pará**

**Música: Magno Gomes**

O sistema Caçador caça a dor  
dos oprimidos.  
O Sistema Caçador caça a dor  
dos oprimidos.

Faço um rabo-de-jacú para me  
abrigar  
Dessa chuva de veneno  
Que não quer parar.  
Combatendo os piratas  
Que querem nos roubar o  
amanhã.  
Somos filhos de Zumbi!  
Quilombo do Rio Guamã!

Combatendo os piratas  
Que querem nos roubar o  
amanhã.  
Sou Tembê Tenetehar!  
Kamará do Rio Guamã!

Não posso querer o céu

Enquanto não tiver a terra.  
O povo não cessa a luta  
Enquanto houver a guerra.  
Resistindo ao latifúndio,  
Que quer assassinar a dignidade.  
Somos filhos de Quintino,  
Buscado a igualdade.  
Resistindo ao latifúndio,  
Que quer assassinar a dignidade.  
Sou Canuto, Caribé,  
Construindo a liberdade.  
Nestas terras de chacina  
O povo vive enclausurado.  
Mas nos resta a poesia;  
Força e luz dos rebelados.  
Quando uma mulher oprimida  
Solta um grito de bravura  
Alimenta a esperança  
De quem sofre a tortura.

Capital, Agronegócio...  
Povo a preço de mercado.  
Mata o riso, cala a prosa,  
Deixa todos derrotados.  
Combater esse Sistema  
É missão de todos nós.  
No projeto popular  
Somos todos, todos são nós.

O Sistema Matador  
Só não mata a esperança  
De quem planta as sementes  
crioulas  
No horizonte das crianças.

O Sistema Caçador  
Caça a dor dos oprimidos.

Mas o povo se levanta,  
Como um boi bumbá,  
Como um pássaro junino,  
Da cultura do Pará!

Mas o povo se levanta  
Como um boi bumbá,  
Como um pássaro junino,  
Da cultura do Pará!

---

### **Construção** **Composição: Chico Buarque**

Amou daquela vez como se fosse  
a última  
Beijou sua mulher como se fosse  
a última  
E cada filho seu como se fosse o  
único  
E atravessou a rua com seu  
passo tímido

Subiu a construção como se  
fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro  
paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho  
mágico  
Seus olhos embotados de  
cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se  
fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se  
fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse  
um náufrago  
Dançou e gargalhou como se  
ouvisse música  
E tropeçou no céu como se fosse  
um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um  
pássaro  
E se acabou no chão feito um  
pacote flácido

Agonizou no meio do passeio  
público  
Morreu na contramão,  
atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse  
o último  
Beijou sua mulher como se fosse  
a única  
E cada filho seu como se fosse o  
pródigo  
E atravessou a rua com seu  
passo bêbado

Subiu a construção como se  
fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro  
paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho  
lógico  
Seus olhos embotados de  
cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se  
fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se  
fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse  
máquina  
Dançou e gargalhou como se  
fosse o próximo

E tropeçou no céu como se  
ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse  
sábado  
E se acabou no chão feito um  
pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio  
náufrago  
Morreu na contramão

atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse  
máquina  
Beijou sua mulher como se fosse  
lógico  
Ergueu no patamar quatro  
paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se  
fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um  
príncipe  
E se acabou no chão feito um  
pacote bêbado  
Morreu na contramão  
atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse  
chão pra dormir  
A certidão pra nascer e a  
concessão pra sorrir  
Por me deixar respirar, por me  
deixar existir  
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a  
gente tem que engolir  
Pela fumaça, desgraça, que a  
gente tem que tossir  
Pelos andaimes pingentes que a  
gente tem que cair  
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos  
louvar e cuspir  
E pelas moscas bicheiras a nos  
beijar e cobrir  
E pela paz derradeira que enfim  
vai nos redimir  
Deus lhe pague

**Como Nossos Pais**  
**Composição: Belchior.**

Não quero lhe falar, meu grande amor  
Das coisas que aprendi nos discos  
Quero lhe contar como eu vivi  
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar  
Eu sei que o amor é uma coisa boa  
Mas também sei que qualquer canto  
É menor do que a vida de qualquer pessoa

Por isso, cuidado, meu bem  
Há perigo na esquina  
Eles venceram e o sinal está fechado pra nós  
Que somos jovens

Para abraçar seu irmão  
E beijar sua menina na rua  
É que se fez o seu braço  
O seu lábio e a sua voz

Você me pergunta pela minha paixão  
Digo que estou encantada como uma nova invenção  
Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão  
Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação  
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração

Já faz tempo, eu vi você na rua  
Cabelo ao vento, gente jovem reunida  
Na parede da memória  
Essa lembrança é o quadro que dói mais

Minha dor é perceber  
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais

Nossos ídolos ainda são os mesmos  
E as aparências não enganam, não

Você diz que depois deles  
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer que eu tô  
por fora. Ou então que eu tô  
inventando  
Mas é você que ama o passado e  
que não vê  
É você que ama o passado e que  
não vê  
Que o novo sempre vem

Hoje eu sei que quem me deu a  
ideia  
De uma nova consciência e  
juventude  
Tá em casa guardado por Deus  
Contando o vil metal  
Minha dor é perceber  
Que apesar de termos feito tudo,  
tudo, tudo, tudo o que fizemos  
Nós ainda somos os mesmos e  
vivemos  
Ainda somos os mesmos e  
vivemos  
Ainda somos os mesmos e  
vivemos  
Como os nossos pais

---

**Eu quero é botar meu bloco na  
rua**  
**Composição: Sergio Moraes  
Sampaio**

Há quem diga que eu dormi de  
touca  
Que eu perdi a boca, que eu fugi  
da briga  
Que eu caí do galho e que não vi  
saída  
Que eu morri de medo quando o

pau quebrou

Há quem diga que eu não sei de  
nada  
Que eu não sou de nada e não  
peço desculpas  
Que eu não tenho culpa, mas que  
eu dei bobeira  
E que Durango Kid quase me  
pegou

Eu quero é botar meu bloco na  
rua  
Brincar, botar pra gemer  
Eu quero é botar meu bloco na  
rua  
Gingar, pra dar e vender

Eu, por mim, queria isso e aquilo  
Um quilo mais daquilo, um grilo  
menos disso  
É disso que eu preciso ou não é  
nada disso  
Eu quero é todo mundo nesse  
carnaval

Eu quero é botar meu bloco na  
rua  
Brincar, botar pra gemer  
Eu quero é botar meu bloco na  
rua  
Gingar, pra dar e vender  
**Asa branca**  
**Composição: Humberto  
Teixeira / Luiz Gonzaga**

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha

Nem um pé de plantaço Por falta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão Por falta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar  Que a fé tá na mulher A fé tá na cobra coral Oh, num pedaço de pão	Certo ou errado até A fé vai onde quer que eu vá Oh, a pé ou de avião  Mesmo a quem não tem fé A fé costuma acompanhar Oh, pelo sim, pelo não	Braços dados ou não  Nas escolas, nas ruas Campos, construções Caminhando e cantando E seguindo a canção
Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão Entonce eu disse: Adeus, Rosinha Guarda contigo meu coração Entonce eu disse: Adeus, Rosinha Guarda contigo meu coração	A fé tá na maré Na lâmina de um punhal Oh, na luz, na escuridão  Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olêlê) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olalá)	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olêlê) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olalá)	Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer
Hoje longe, muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olêlê, vamo lá)  Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olêlê, vamo lá)	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olêlê, vamo lá)	Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer
Quando o verde dos teus olhos Se espalhar na plantaço Eu te asseguro, não chore não, viu? Que eu voltarei, viu, meu coração? Eu te asseguro, não chore não, viu? Que eu voltarei, viu, meu coração?	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olalá)  A fé tá na manhã A fé tá no anoitecer Oh, no calor do verão  A fé tá viva e sã A fé também tá pra morrer Oh, triste na solidão	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (costuma, costuma a fé, não costuma faiar) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (costuma, costuma a fé, não costuma faiar)	Pelos campos, há fome Em grandes plantações Pelas ruas, marchando Indecisos cordões  Ainda fazem da flor Seu mais forte refrão E acreditam nas flores Vencendo o canhão
--- <b>Andar com fé</b> <b>Composição: Gilberto Gil</b>	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (ô, menina) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (oh, yeah, olalá) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer
Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar (olalá) Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	--- <b>Pra não dizer que não falei das flores</b> <b>Composição: Geraldo Vandré</b>	Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer
Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	Andar com fé eu vou Que a fé não costuma faiar	Caminhando e cantando E seguindo a canção Somos todos iguais	Há soldados armados Amados ou não Quase todos perdidos De armas na mão

Nos quartéis lhes ensinam  
Uma antiga lição  
De morrer pela pátria  
E viver sem razão

Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas  
Campos, construções  
Somos todos soldados  
Armados ou não

Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Somos todos iguais  
Braços dados ou não

Os amores na mente  
As flores no chão  
A certeza na frente  
A história na mão

Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando  
Uma nova lição

Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

---

**Canção da América**  
**Composição: Fernando Brant /**  
**Milton Nascimento.**

Amigo é coisa pra se guardar  
Debaixo de sete chaves  
Dentro do coração  
Assim falava a canção que na  
América ouvi

Mas quem cantava chorou  
Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento  
voou  
Com seu canto que o outro  
lembrou  
E quem voou, no pensamento  
ficou  
Com a lembrança que o outro  
cantou

Amigo é coisa pra se guardar  
No lado esquerdo do peito  
Mesmo que o tempo e a distância  
digam: Não  
Mesmo esquecendo a canção

O que importa é ouvir  
A voz que vem do coração

Pois seja o que vier (seja o que  
vier)  
Venha o que vier (venha o que  
vier)  
Qualquer dia, amigo, eu volto a te  
encontrar  
Qualquer dia, amigo, a gente vai  
se encontrar

Seja o que vier (seja o que vier)  
Venha o que vier (venha o que  
vier)  
Qualquer dia, amigo, eu volto a te  
encontrar  
Qualquer dia, amigo, a gente vai  
se encontrar

---

**Luar do Sertão**  
**Composição: Catulo da Paixão**  
**Cearense / João Pernambuco**

Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão

Oh! Que saudade do luar da  
minha terra  
Lá na serra branquejando folhas  
secas pelo chão  
Este luar cá da cidade tão escuro  
Não tem aquela saudade do luar  
lá do sertão

Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão

Se a lua nasce por detrás da

verde mata  
Mais parece um sol de prata  
prateando a solidão  
E a gente pega na viola que  
ponteia  
E a canção e a lua cheia a nos  
nascer do coração

Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão

Coisa mais bela nesse mundo  
não existe  
Do que ouvir um galo triste no  
sertão que faz luar  
Parece até que a alma da lua que  
descansa  
Escondida na garganta desse  
galo a soluçar

Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão

Ai quem me dera se eu morresse  
lá na serra  
Abraçado à minha terra, e  
dormindo de uma vez  
Ser enterrado numa grota  
pequenina onde à tarde a  
sururina  
Chora a sua viuvez

Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó não  
Luar como esse do sertão

**Planeta Água**  
**Composição: Guilherme**  
**Arantes**

Água que nasce na fonte serena  
do mundo  
E que abre um profundo grotão  
Água que faz inocente riacho  
E deságua na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios  
Que levam a fertilidade ao sertão  
Águas que banham aldeias  
E matam a sede da população

Águas que caem das pedras  
No véu das cascatas, ronco de  
trovão  
E depois dormem tranquilas  
No leito dos lagos  
No leito dos lagos

Água dos igarapés  
Onde lara, a mãe d'água  
É misteriosa canção  
Água que o sol evapora  
Pro céu vai embora  
Virar nuvens de algodão

Gotas de água da chuva  
Alegre arco-íris sobre a plantação  
Gotas de água da chuva  
Tão tristes, são lágrimas na  
inundação

Águas que movem moinhos  
São as mesmas águas que  
encharcam o chão  
E sempre voltam humildes  
Pro fundo da terra  
Pro fundo da terra

Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água

Água que nasce na fonte serena  
do mundo  
E que abre um profundo grotão  
Água que faz inocente riacho  
E deságua na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios  
Que levam a fertilidade ao sertão  
Águas que banham aldeias  
E matam a sede da população

Águas que movem moinhos  
São as mesmas águas que  
encharcam o chão  
E sempre voltam humildes  
Pro fundo da terra  
Pro fundo da terra

Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água

Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água  
Terra! Planeta Água

---  
**Carcará**  
**Composição: João Vale /**  
**Gianfrancesco Guarnieri /**  
**Carlos Lyra.**

Carcará  
Pega, mata e come  
Carcará num vai morrer de fome  
Carcará  
Lá no sertão

É um bicho que avoa que nem  
avião  
É um pássaro malvado  
Tem o bico volteado que nem  
gavião

Carcará quando vê roça  
queimada  
Sai voando, cantando, carcará  
Vai fazer sua caçada (carcará)  
Carcará come inté cobra  
queimada

Quando chega o tempo da  
invernada  
No sertão não tem mais roça  
queimada  
Carcará mesmo assim num passa  
fome  
Os burrego que nasce na baixada

Carcará pega, mata e come  
Carcará num vai morrer de fome  
Carcará, mais coragem do que  
homem  
Carcará pega, mata e come

Carcará é malvado, é valentão  
É a águia de lá do meu sertão  
Os burrego novinho num pode  
andá  
Ele pega no bico inté matá

Carcará pega, mata e come  
Carcará num vai morrer de fome  
Carcará, mais coragem do que  
homem  
Carcará pega, mata e come  
Carcará

(Carcará) em 1950, mais de 2  
milhões de nordestinos

(Carcará) viviam fora dos seus  
estados natais  
(Carcará) 10% da população do  
Ceará emigrou  
(Carcará) 13% do Piauí  
(Carcará) 15% da Bahia  
(Carcará) 17% de Alagoas

(Carcará) pega, mata e come  
Carcará num vai morrer de fome  
Carcará, mais coragem do que  
homem  
Carcará pega, mata e come

---  
**Canta canta, minha gente**  
**Composição: Martinho da Vila**

Canta Canta, minha Gente.  
Deixa a tristeza pra lá.  
Canta forte, canta alto,  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.

Cantem o samba de roda,  
O samba-canção e o samba  
rasgado.  
Cantem o samba de breque,  
O samba moderno e o samba  
quadrado.

Cantem ciranda, o frevo,  
O côco, maxixe, baião e xaxado,  
Mas não cantem essa moça  
bonita,  
Porque ela está com o marido do  
lado.

Canta Canta, minha gente.  
Deixa a tristeza pra lá.  
Canta forte, canta alto,  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Mas a vida vai melhorar.  
A vida vai melhorar.

Quem canta seus males espanta  
Lá em cima do morro  
Ou sambando no asfalto.  
Eu canto o samba-enredo,  
Um sambinha lento e um partido  
alto.

Há muito tempo não ouço  
O tal do samba sincopado.  
Só não dá pra cantar mesmo  
É vendo o sol nascer quadrado.

Canta Canta, minha gente.  
Deixa a tristeza pra lá.  
Canta forte, canta alto,  
Que a vida vai melhorar.

Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Mas eu disse: Que vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Ora se vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.  
Mas será que vai melhorar?  
Que a vida vai melhorar.  
Eu já vou é me mandar.  
Que a vida vai melhorar.  
Que a vida vai melhorar.

### **Tocando em frente** **Composição: Almir Sater /** **Renato Teixeira**

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei

Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs

É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro  
Levando a boiada  
Eu vou tocando os dias  
Pela longa estrada, eu vou  
Estrada eu sou

Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs

É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua  
história  
E cada ser em si carrega o dom  
de ser capaz  
De ser feliz

Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs

É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Cada um de nós compõe a sua  
história  
E cada ser em si carrega o dom  
de ser capaz  
E ser feliz

### **Paciência** **Composição: Dudu Falcão /** **Lenine**

Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
A vida não para

Enquanto o tempo  
Acelera e pede pressa  
Eu me recuso, faço hora  
Vou na valsa  
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo  
Espera a cura do mal  
E a loucura finge  
Que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando  
Cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo  
E o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo  
Que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo  
Pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara  
Tão rara  
Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para  
A vida não para não

Será que é tempo  
Que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo  
Pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara  
Tão rara

Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida é tão rara  
A vida não para não

A vida é tão rara

---

**Minha alma (a paz que eu não quero)**

**Composição: Lauro Farias  
/ Marcelo Lobato / Xandão /  
Marcelo Yuka / Falcão.**

A minha alma tá armada e  
apontada  
Para cara do sossego!  
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)  
Pois paz sem voz, paz sem voz  
Não é paz, é medo!  
(Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
conservar  
Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero

conservar  
Pra tentar ser feliz?

A minha alma tá armada e  
apontada  
Para a cara do sossego!  
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)  
Pois paz sem voz, paz sem voz  
Não é paz é medo  
(Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
conservar  
Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
conservar  
Pra tentar ser feliz?

As grades do condomínio  
São pra trazer proteção  
Mas também trazem a dúvida  
Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo  
Faça um filho comigo  
Mas não me deixe sentar na  
poltrona  
No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de  
aluguel  
Neste vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitindo

Às vezes eu falo com a vida

Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
conservar  
Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz  
Qual a paz que eu não quero  
conservar  
Pra tentar ser feliz?

As grades do condomínio  
São pra trazer proteção  
Mas também trazem a dúvida  
Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo  
Faça um filho comigo  
Mas não me deixe sentar na  
poltrona  
No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de  
aluguel  
Neste vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitindo  
Procurando novas drogas de  
aluguel  
Neste vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitindo

Me abrace e me dê um beijo  
Faça um filho comigo  
Mas não me deixa sentar na  
poltrona  
No dia de domingo! (Domingo!)

Procurando novas drogas de  
aluguel

Neste vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitido  
Procurando novas drogas de  
aluguel  
Neste vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitindo

É pela paz que eu não quero  
seguir  
É pela paz que eu não quero  
seguir  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitido  
É pela paz que eu não quero  
seguir  
É pela paz que eu não quero  
seguir admitido

---

**Chão de Giz  
Composição: Zé Ramalho**

Eu desço dessa solidão  
Espalho coisas sobre um chão de  
giz  
Há meros devaneios tolos a me  
torturar  
Fotografias recortadas  
Em jornais de folhas amiúde

Eu vou te jogar num pano de  
guardar confetes  
Eu vou te jogar num pano de  
guardar confetes

Disparo balas de canhão  
É inútil, pois existe um grão-vizir



Há tantas violetas velhas sem um colibri  
Queria usar, quem sabe  
Uma camisa de força ou de Vênus

Mas não vou gozar de nós  
apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar, gastando assim o meu batom

Agora pego um caminhão  
Na lona vou a nocaute outra vez  
Pra sempre fui acorrentado no seu calcanhar  
Meus vinte anos de boy, that's over, baby  
Freud explica

Não vou me sujar fumando apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar, gastando assim o meu batom  
Quanto ao pano dos confetes, já passou meu carnaval  
E isso explica porque o sexo é assunto popular

No mais, estou indo embora  
No mais, estou indo embora  
No mais, estou indo embora  
No mais

---

**Somos quem podemos ser**  
**Composição: Humberto Gessinger**

Um dia me disseram  
Que as nuvens não eram de algodão

Um dia me disseram  
Que os ventos às vezes erram a direção

E tudo ficou tão claro  
Um intervalo na escuridão  
Uma estrela de brilho raro  
Um disparo para um coração

A vida imita o vídeo  
Garotos inventam um novo inglês  
Vivendo num país sedento  
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram  
Quem eram os donos da situação  
Sem querer eles me deram  
As chaves que abrem essa prisão  
E tudo ficou tão claro  
O que era raro ficou comum  
Como um dia depois do outro  
Como um dia, um dia comum

A vida imita o vídeo  
Garotos inventam um novo inglês  
Vivendo num país sedento  
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram  
Que as nuvens não eram de algodão  
Sem querer eles me deram  
As chaves que abrem essa prisão

Quem ocupa o trono tem culpa

Quem oculta o crime também  
Quem duvida da vida tem culpa  
Quem evita a dúvida também tem

Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter

---

**Anúnciação**  
**Composição: Alceu Valença**

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento  
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento  
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido  
Eu não duvido, já escuto os teus sinais  
Que tu virias numa manhã de domingo  
Eu te anuncio nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento  
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido  
Eu não duvido, já escuto os teus sinais  
Que tu virias numa manhã de domingo  
Eu te anuncio nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

---

**O Cio da Terra**  
**Composição: Chico Buarque / Milton Nascimento**

Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão  
Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão

---

**De geração e geração**  
**Composição: Banda Mãe Terra**

Salve a Semente Crioula  
É a herança do chão  
De geração em geração  
Crioulo Sim! Transgênico Não  
É a semente da vida, é a semente do amor  
Traz a memória das lutas, do povo trabalhador  
Esta semente é a certeza, da nossa libertação  
Vamos fazer a mudança, de geração em geração  
Vou ensinar pros meus filhos, o que aprendi com meus pais  
Esta semente é herança, dos povos tradicionais  
Esta semente é a certeza, de um novo amanhã  
É o resultado da luta, dos guardiões e guardiãs  
É o poder dos pequenos, contra a privatização  
Lutando contra os venenos, na nossa alimentação  
Traga a bandeira de luta, vamos fazer mutirão  
Vamos fazer a mudança, de geração em geração

---

**A viagem**  
**Autoria não identificada**

Eu vim de longe pra encontrar o meu caminho  
Tinha um sorriso  
e o sorriso ainda valia  
Achei difícil a viagem até aqui,  
mas eu cheguei,



mas eu cheguei  
Eu vim depressa,  
eu não vim de caminhão  
Eu vim a jato  
neste asfalto e nesse chão  
Achei difícil a viagem até aqui,  
mas eu cheguei,  
mas eu cheguei

Eu vim por causa  
daquilo que não se vê  
Vim nu, descalço, sem dinheiro e o pior  
Achei difícil a viagem até aqui,  
mas eu cheguei,  
mas eu cheguei

Eu tive ajuda  
de quem você não acredita  
Tive a esperança de chegar até aqui  
Vim caminhando,  
aqui estou, me decidi:  
Eu vou ficar, eu vou ficar

---

**Pai Nosso Dos Mártires**  
**Composição: Cirineu Kuhn.**

Pai nosso, dos pobres marginalizados  
Pai nosso, dos mártires, dos torturados  
Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida  
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida  
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão  
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão  
O, o, o, o, o, o, o, o, o

Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador  
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor  
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões  
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de  
canhões  
O, o, o, o, o, o, o, o, o

Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte  
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte  
Protege-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevaletidos  
Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos  
Pai nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos  
O, o, o, o, o, o, o, o, o

Pai nosso, dos pobres marginalizados  
Pai nosso, dos mártires, dos torturados

---

### **A Internacional**

**Composição: Eugène Pottier / Pierre Degeyter / Neno Vasco**

De pé, ó vítimas da fome  
De pé, famélicos da terra  
Da ideia a chama já consome  
A crosta bruta que a soterra  
Cortai o mal bem pelo fundo  
De pé, não mais senhores  
Se nada somos em tal mundo  
Sejamos tudo, ó produtores

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Senhores, patrões, chefes supremos  
Nada esperamos de nenhum  
Sejamos nós que conquistemos  
A terra-mãe livre e comum  
Para não ter protestos vãos  
Para sair desse antro estreito  
Façamos nós por nossas mãos  
Tudo o que a nós nos diz respeito

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Crime de rico a lei o cobre  
O Estado esmaga o oprimido  
Não há direitos para o pobre  
Ao rico tudo é permitido  
À opressão não mais sujeitos  
Somos iguais todos os seres  
Não mais deveres sem direitos  
Não mais direitos sem deveres

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Abomináveis na grandeza  
Os reis da mina e da fornalha  
Edificaram a riqueza  
Sobre o suor de quem trabalha  
Todo o produto de quem sua  
A corja rica o recolheu  
Querendo que ela o restituia  
O povo quer só o que é seu

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional  
Fomos de fumo embriagados  
Paz entre nós, guerra aos  
senhores  
Façamos greve de soldados  
Somos irmãos, trabalhadores  
Se a raça vil, cheia de galas  
Nos quer à força canibais  
Logo verá que as nossas balas  
São para os nossos generais

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Pois somos do povo ativos  
Trabalhador forte e fecundo  
Pertence a Terra aos produtivos  
Ó parasitas, deixai o mundo  
Ó parasita que te nutres  
Do nosso sangue a gotejar  
Se nos faltarem os abutres  
Não deixa o Sol de fulgurar

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

---

### **Ai Que Saudade D'Ocê** **Composição: Vital Farias**

Não se admire se um dia  
Um beija-flor invadir  
A porta da tua casa  
Te der um beijo e partir

Fui eu que mandei o beijo  
Que é pra matar meu desejo  
Faz tempo que não lhe vejo  
Ah, que saudade de ocê  
Ah, que saudade de ocê

Se um dia ocê se lembrar  
Escreva uma carta pra mim  
Bote logo no correio  
Com frases dizendo assim

Faz tempo que não lhe vejo  
Quero matar meu desejo  
Lhe mando um monte de beijo  
Ah, que saudade sem fim  
Oh, ah, que saudade sem fim  
Oh, ah, que saudade sem fim  
E se quiser recordar

Aquele nosso namoro  
Quando eu ia viajar  
E ocê caía no choro

Eu chorando pela estrada  
Mas o que eu posso fazer?  
Trabalhar é minha sina  
Eu gosto mesmo é de ocê

Se um dia ocê se lembrar  
Escreva uma carta pra mim  
Bote logo no correio  
Com frases dizendo assim

Faz tempo que não lhe vejo  
Quero matar meu desejo  
Lhe mando um monte de beijo  
Ah, que saudade sem fim  
Ah, que saudade sem fim

E se quiser recordar  
Aquele nosso namoro  
Quando eu ia viajar  
E ocê caía no choro

Eu chorando pela estrada  
Mas o que eu posso fazer?  
Trabalhar é minha sina  
Eu gosto mesmo é de ocê

Ah, que saudade de ocê  
Ah, que saudade de ocê

E aquele nosso namoro  
Eu ia viajar, e ocê caía no choro  
Ocê ficava daquele jeitinho  
Que nem uma pamonha mal  
costurada, sabe?

Ah, que saudade de ocê  
Ah, que saudade sem fim

### **Canto das Três Raças** **Composição: Mauro Duarte /** **Paulo César Pinheiro**

Ninguém ouviu  
Um soluçar de dor  
No canto do Brasil

Um lamento triste  
Sempre ecoou  
Desde que o índio guerreiro  
Foi pro cativoiro  
E de lá cantou

Negro entoou  
Um canto de revolta pelos ares  
No Quilombo dos Palmares  
Onde se refugiou  
Fora a luta dos Inconfidentes  
Pela quebra das correntes  
Nada adiantou

E de guerra em paz  
De paz em guerra  
Todo o povo dessa terra  
Quando pode cantar  
Canta de dor

E ecoa noite e dia  
É ensurdecador  
Ai, mas que agonia  
O canto do trabalhador  
Esse canto que devia  
Ser um canto de alegria  
Soa apenas  
Como um soluçar de dor

### **Disparada** **Composição: Geraldo Vandré /** **Theo de Barros**

Prepare o seu coração pras  
coisas que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão, eu venho  
lá do sertão  
Eu venho lá do sertão e posso  
não lhe agradecer  
Aprendi a dizer não, ver a morte  
sem chorar  
E a morte, o destino, tudo, a  
morte e o destino, tudo  
Estava fora do lugar, eu vivo pra  
consertar

Na boiada já fui boi, mas um dia  
me montei  
Não por um motivo meu, ou de  
quem comigo houvesse  
Que qualquer querer tivesse,  
porém por necessidade  
Do dono de uma boiada cujo  
vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo, laço firme  
e braço forte  
Muito gado, muita gente, pela  
vida segurei  
Seguia como num sonho, e  
boiadeiro era um rei  
Mas o mundo foi rodando nas  
patas do meu cavalo  
E nos sonhos que fui sonhando,  
as visões se clareando  
As visões se clareando, até que  
um dia acordei

Então não pude seguir valente  
lugar-tenente  
E dono de gado e gente, porque

gado a gente marca  
Tange, ferra, engorda e mata,  
mas com gente é diferente  
Se você não concordar, não  
posso me desculpar  
Não canto pra enganar, vou pegar  
minha viola  
Vou deixar você de lado, vou  
cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi, boiadeiro já  
fui rei  
Não por mim nem por ninguém,  
que junto comigo houvesse  
Que quisesse ou que pudesse,  
por qualquer coisa de seu  
Por qualquer coisa de seu querer  
ir mais longe do que eu

Mas o mundo foi rodando nas  
patas do meu cavalo  
Já que um dia montei agora sou  
cavaleiro  
Laço firme e braço forte num  
reino que não tem rei

---

### **O Dia Em Que o Morro Descer e** **Não For Carnaval** **Composição: Wilson Das Neves** **/ Paulo César Pinheiro**

O dia em que o morro descer e  
não for carnaval  
ninguém vai ficar pra assistir o  
desfile final  
na entrada rajada de fogos pra  
quem nunca viu  
vai ser de escopeta, metralha,  
granada e fuzil  
(é a guerra civil)

No dia em que o morro descer e não for carnaval  
não vai nem dar tempo de ter o ensaio geral  
e cada uma ala da escola será uma quadrilha  
a evolução já vai ser de guerrilha  
e a alegoria um tremendo arsenal  
o tema do enredo vai ser a cidade partida  
no dia em que o couro comer na avenida  
se o morro descer e não for carnaval

O povo virá de cortiço, alagado e favela  
mostrando a miséria sobre a passarela  
sem a fantasia que sai no jornal  
vai ser uma única escola, uma só bateria  
quem vai ser jurado? Ninguém gostaria  
que desfile assim não vai ter nada igual

Não tem órgão oficial, nem governo, nem Liga  
nem autoridade que compre essa briga  
ninguém sabe a força desse pessoal  
melhor é o Poder devolver à esse povo a alegria  
senão todo mundo vai sambar no dia  
em que o morro descer e não for carnaval.

---

### **Oração Latina**

**Composição: César Teixeira**

La la la la laiá la la la laiá la  
Esta nova oração,  
É uma canção de vida  
Pelo sangue da ferida no chão.  
Que não cicatrizará  
Nem tampouco deixará de abrir  
A rosa em nosso coração...

E diga sim...  
A quem nos quer abraçar,  
Mas se for pra enganar  
Diga não...

Com as bandeiras na rua



Ninguém pode nos calar.  
Com as bandeiras na rua  
Ninguém pode nos calar.

E quem nos ajudará  
A não ser a própria gente  
Pois hoje não se consente esperar.  
Somente a rosa e o punhal.  
Somente o punhal e a rosa  
Poderão fazer a luz do sol brilhar.

E diga sim...  
A quem nos quer acolher,  
Mas se for pra nos prender  
Diga não...

Ninguém vai ser torturado  
Com vontade de lutar.  
Ninguém vai ser torturado  
Com vontade de lutar.  
La la la la laiá la la la laiá la  
La la la la laiá la la la laiá la  
E diga sim...  
A quem nos quer acolher...  
Mas se for pra nos prender...  
Diga não...

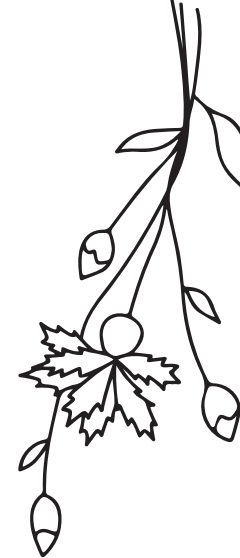
---

### **Maria, Maria**

**Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento**

Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta



Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida

---  
**Xote Ecológico**  
**Composição: Luiz Gonzaga / Aguinaldo Batista**

Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar

E se plantar não nasce, se nascer não dá  
Até pinga da boa é difícil de

encontrar  
Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar  
E se plantar não nasce, se nascer não dá  
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?  
Poluição comeu  
E o peixe que é do mar?  
Poluição comeu  
E o verde onde é que está?  
Poluição comeu  
Nem o Chico Mendes sobreviveu

---  
**A Vitória do Trigo**  
**Composição: Vaine Darde**

Não precisa ser herói  
Para lutar pela terra  
Por que quando a fome dói  
Qualquer homem entra em guerra

É preciso ter cuidado  
Para evitar essa luta  
Pois cada pai é um soldado  
Quando é o pão que se disputa

Se somos todos irmãos  
Se todos somos amigos  
Basta um pedaço de chão  
Para a vitória do trigo

Basta um pedaço de terra  
Para a semente ser pão  
Enquanto a fome faz guerra  
A paz espera no chão

Basta um pedaço de terra  
Para a semente ser pão  
Enquanto a fome faz guerra  
A paz espera no chão

Há planícies que se somem  
Dentre o horizonte e o rio  
E a vida morre de fome  
Com tanto campo vazio

Ao longo dessas porteiras  
De sesmarias sitiadas  
A ambição de erguer trincheiras  
Contra o sonho, das enxadas

Se somos todos irmãos  
Se todos somos amigos  
Basta um pedaço de chão  
Para a vitória do trigo

Basta um pedaço de terra  
Para a semente ser pão  
Enquanto a fome faz guerra  
A paz espera no chão

Basta um pedaço de terra  
Para a semente ser pão  
Enquanto a fome faz guerra  
A paz espera no chão

Se somos todos irmãos  
Se todos somos amigos

---  
**Terra Tombada**  
**Composição: José Forna / Carlos Cezar**

É calor de mês de agosto  
É meados de estação  
Vejo sobras de queimada  
E fumaça no espigão

Lavrador tombando terra  
Dá de longe a impressão  
De losangos cor de sangue  
Desenhados pelo chão

Terra tombada é promessa  
De um futuro que se espelha  
No quarto verde dos campos  
A grande cama vermelha

Onde o parto das sementes  
Faz brotar de suas covas  
O fruto da natureza  
Cheirando a criança nova

Terra tombada  
Solo sagrado chão quente  
Esperando que a semente  
Venha lhe cobrir de flor

Também minha alma  
Ansiosa espera confiante  
Que em meu peito você plante  
A semente do amor

Terra tombada é criança  
Deitada num berço verde  
Com a boca aberta pedindo  
Para o céu matar-lhe a sede

Lá na fonte ao pé da serra  
É o seio do sertão  
A água, leite da terra  
Alimenta a plantação

O vermelho se faz verde  
Vem o botão, vem a flor  
Depois da flor a semente  
O pão do trabalhador

Debaixo das folhas mortas  
A terra dorme segura

Pois nos dará para o ano  
Novo parto de fartura

Terra tombada  
Solo sagrado chão quente  
Esperando que a semente  
Venha lhe cobrir de flor

Também minha alma  
Ansiosa espera confiante  
Que em meu peito você plante  
A semente do amor

Também minha alma  
Ansiosa espera confiante  
Que em meu peito você plante  
A semente do amor

---

### **Só a Luta Faz Valer** **Composição: Zé Pinto**

Quem tá cansado dê licença do  
caminho  
Quem acredita dê as mãos e  
vamos embora  
Pois quem tropeça no primeiro  
desatino

E pouca força na construção  
dessa história  
Não adianta inventar outros  
caminhos  
Porque jamais vão conseguir nos  
convencer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha

Nossos direitos só a luta faz valer  
Esse evento traz presente um

passado  
De uma semente que deu vida ao  
movimento

No broto novo de Macalli e  
Brilhante  
A Encruzilhada Natalino pôs  
fermento

Não adianta inventar outros  
caminhos  
Porque jamais vão conseguir nos  
convencer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer

E os companheiros que  
tomaram no caminho  
Serão lembrados sempre pela  
estrada afora  
Nossa Vingança é ocupar os  
latifúndios  
Já preparando o dia da grande  
vitória

Não adianta inventar outros  
caminhos  
Porque jamais vão conseguir nos  
convencer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer  
Capitalismo nunca foi de quem  
trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer

Reforma agrária é uma luta de  
todos  
Aqui de novo viemos reafirmar

Numa aliança entre o campo e a cidade  
Pois a verdade amanhã triunfará

Não adianta inventar outros caminhos  
Porque jamais vão conseguir nos convencer  
Capitalismo nunca foi de quem trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer  
Capitalismo nunca foi de quem trabalha  
Nossos direitos só a luta faz valer

---

### **Ordem e Progresso** **Composição: Zé Pinto**

Esse é o nosso país  
Essa é a nossa bandeira  
É por amor a essa pátria Brasil  
Que a gente segue em fileira

Queremos que abrace essa terra  
Por ela quem sente paixão  
Quem põe com carinho a semente  
Pra alimentar a nação  
Quem põe com carinho a semente  
Pra alimentar a nação  
Amarelos são os campos floridos  
As faces agora rosadas  
Se o branco da paz se irradia  
Vitória das mãos calejadas  
Se o branco da paz se irradia  
Vitória das mãos calejadas

Esse é o nosso país...

Queremos mais felicidades  
No céu deste olhar cor de anil  
No verde esperança sem fogo  
Bandeira que o povo assumiu  
No verde esperança sem fogo  
Bandeira que o povo assumiu  
A ordem é ninguém passar fome



Progresso é o povo feliz  
A Reforma Agrária é a volta  
Do agricultor à raiz  
A Reforma Agrária é a volta  
Do agricultor à raiz

---

### **Riacho do Navio**

**Composição: Luiz Gonzaga / Zé Dantas**

Riacho do Navio  
Corre pro Pajeú  
O rio Pajeú vai despejar  
No São Francisco  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar

Riacho do Navio  
Corre pro Pajeú  
O rio Pajeú vai despejar  
No São Francisco  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar

Ah! Se eu fosse um peixe  
Ao contrário do rio  
Nadava contra as águas  
E nesse desafio  
Saía lá do mar pro  
Riacho do Navio  
Eu ia direitinho pro  
Riacho do Navio

Pra ver o meu brejinho  
Fazer umas caçada  
Ver as pegá de boi

Andar nas vaquejada  
Dormir ao som do chocalho  
E acordar com a passarada  
Sem rádio e sem notícia  
Das terra civilizada

Sem rádio e sem notícia  
Das Terra civilizada  
Riacho do Navio  
Corre pro Pajeú  
O rio Pajeú vai despejar  
No São Francisco  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar

Riacho do Navio  
Corre pro Pajeú  
O rio Pajeú vai despejar  
No São Francisco  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar

Ah! Se eu fosse um peixe  
Ao contrário do rio  
Nadava contra as águas  
E nesse desafio  
Saía lá do mar pro  
Riacho do Navio  
Eu ia direitinho pro  
Riacho do Navio

Pra ver o meu brejinho  
Fazer umas caçada  
Ver as pegá de boi  
Andar nas vaquejada  
Dormir ao som do chocalho  
E acordar com a passarada  
Sem rádio e sem notícia

Das terra civilizada  
Sem rádio e sem notícia  
Das Terra civilizada

Riacho do navio  
Riacho do navio  
Riacho do navio  
Tando lá não sinto frio

---

### **Procissão dos Retirantes**

**Composição: Martim Cesar / Pedro Munhoz**

Terra Brasilis, continente  
Pátria mãe da minha gente  
Hoje eu quero perguntar  
Se tão grandes são teus braços  
Por que negas um espaço  
Aos que querem ter um lar?

Eu não consigo entender  
Que nesta imensa nação  
Ainda é matar ou morrer  
Por um pedaço de chão

Lavradores nas estradas  
Vendo a terra abandonada  
Sem ninguém para plantar  
Entre cercas e alambrados  
Vão milhões de condenados  
A morrer ou mendigar

Eu não consigo entender  
Achar a clara razão  
De quem só vive pra ter  
E ainda se diz bom cristão

No Eldorado do Pará  
Nome índio Carajás  
O massacre aconteceu

Nesta terra de chacinas  
Essas balas assassinas  
Todos sabem de onde vêm  
É preciso que a justiça e a  
igualdade  
Sejam mais que palavras de  
ocasião  
É preciso um novo tempo  
Em que não seja só promessa  
Repartir até o pão  
(A hora é essa de fazer a divisão)

Eu não consigo entender  
Que em vez de herdar um  
quinhão  
Teu povo mereça ter  
Só sete palmos de chão

Nova leva de imigrantes  
Procissão dos retirantes  
Só a terra em cada olhar  
Brasileiros, feito nós  
Vão gritando, mas sem voz  
Norte a Sul não tem lugar

Eu não consigo entender  
Que nessa imensa nação  
Ainda é matar ou morrer  
Por um pedaço de chão

Pátria amada do Brasil  
De quem és, ó mãe gentil  
Eu insisto em perguntar  
Dos famintos, das favelas  
Ou dos que desviam verbas  
Pra champanhe e caviar?

Eu não consigo entender  
Achar a clara razão  
De quem só vive pra ter  
E ainda se diz bom cristão



## Farinhada

### Composição sem autoria identificada

Vou fazer uma farinhada, muita gente, vou chamar.

Vou fazer uma farinhada, muita gente, vou chamar

Só quem entende de farinha venha peneirar aqui.

Só quem entende de farinha venha peneirar aqui.

Vou chamar os meninos...

Vou chamar as meninas...

Vou chamar quem está de calça...

---

### O Que Vale É o Amor

#### Composição: Zé Vicente

Se é pra ir a luta, eu vou!

Se é pra tá presente, eu tô!

Pois na vida da gente o que vale é o amor (bis)

É que a gente junto vai

Reacender estrelas vai

Replantar nosso sonho em cada coração

Enquanto não chegar o dia

Enquanto persiste a agonia

A gente ensaia o baião

Lauê, lauê, lauê, lauê

É que a gente junto vai

Reabrindo caminhos vai

Alargando a avenida pra festa geral

Enquanto não chega a vitória

A gente refaz a história

Pro que há de ser afinal

Lauê, lauê, lauê, lauê

Se é pra ir a luta, eu vou!

Se é pra tá presente, eu tô!

Pois na vida da gente o que vale

é o amor (bis)

É que a gente junto vai

Vai pra rua de novo, vai

Levantar a bandeira do sonho maior

Enquanto eles mandam, não importa

A gente vai abrindo a porta

Quem vai rir depois, ri melhor

Lauê, lauê, lauê, lauê

Esse amor tão bonito vai

Vai gerar nova vida, vai

Cicatrizando feridas, fecundando a paz

Enquanto governa a maldade

A gente canta a liberdade

O amor não se rende jamais

Lauê, lauê, lauê, lauê

Se é pra ir a luta, eu vou!

Se é pra tá presente, eu tô!

Pois na vida da gente o que vale

é o amor (bis)

---

### (Sem título)

#### Composição: Álefe Passarin

Onde estiver plantar

Ter na semente o seu patuá

Onde estiver plantar

Ter na semente o seu patuá

Aprendendo a ciência da flor

Na seiva da fruta a força do amor

Aprendendo a ciência da flor

Na seiva da fruta a força do amor

Onde estiver cantar

Pra no coração semente brotar

Onde estiver cantar

Pra no coração semente brotar

Aprendendo a ciência da cor

Aprendendo a ciência da cor

Abrindo o caminho para o beija flor

Abrindo o caminho para o beija flor

A história é a cama do Tempo

Como o caule à folha

O galho à fruta

A semente à planta

E o que mora no corpo que bebe

o leite das máquinas que ferem

os peitos das mães indefesas

Vacas

Quem fala delas

Corpo cama de honra ou

desgraça

Deus desabençoe a farsa

Pátria

Que suas mães estão sendo

estupradas

Debaixo da venda de meus

parentes

Em nome do pó, dos cremes

Da condensada mentira que

usam pra roubar as terras de

nossas avós

Floresta abaixo, uma nova cidade

colonial

A ordem do império é não ter

mais quintal

Pra não ver a terra cicatrizando

em broto

E quem planta vivendo o desgosto

De ver sua terra virando chão

pra sapatos isolados da fina

compreensão

Que tudo que se come nasce

nela e não exige cifrão

A fome é uma invenção

E contra ela a revolução

Na retomada dos povos em união

Só quem planta sabe o que é ser

cristão

Não me venha com sua religião

Que o céu é quem tem tradição

E seu entendimento não cabe nas

mãos

Quem mais sabe dele, poder não

divulga

Que sua grandeza, ou salva ou

perturba

Por isso que us bichu cantando

perdura

É nessa condura que a fé se faz

pura

E tudo se faz em divina expressão

Mostrando a verdade e o que é

comunhão

E se te resta dúvida

Ouçã Pajés ao invés de pastores

Não vá no mercado, vá nus

plantadores

Livres do veneno dos grandes

produtores

Esqueça o açúcar, se pegue com

as frutas

Que essas te são as melhores

amigas

E assim quem sabe

Tu ouça as batidas

De teu coração

E a porta do Tempo

Te abre uma brecha

Pra ser compaixão

## **É Bonita De Mais**

**Composição: Zé Vicente**

É bonita de mais, é bonita demais  
A mão de quem conduz a bandeira da paz  
É a paz verdadeira  
Que vem da justiça, irmão  
É a paz da esperança  
Que nasce de dentro do coração

É a paz da verdade, da pura irmandade do amor  
Paz da comunidade  
Que busca igualdade, ô, ô

Paz que é graça e presente, na vida da gente  
De fé, paz do onipotente,  
Deus na nossa frente, Javé

---

## **Baião Das Comunidades**

**Composição: Zé Vicente**

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê

Vou convidar os meus irmãos trabalhadores  
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais  
E juntos vamos celebrar a confiança  
Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê

Vamos chamar os índios que ainda resistem  
As tribos que ainda insistem no direito de viver  
E juntos vamos reunidos na memória  
Celebrar uma vitória que vai ter que acontecer, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê

Convido os negros, irmãos no sangue e na sina  
Seu gingado nos ensina a dança da redenção  
De braços dados, no terreiro da irmandade  
Vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê

Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana e Maria  
A mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor  
E reunidas no altar da liberdade  
Vamos cantar de verdade, vamos pisar sobre a dor, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê

Vou convidar a criançada e a juventude  
Tocadores, me ajudem, vamos cantar por aí  
O nosso canto vai encher todo o país  
Velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir, ê, ê

Desempregados, pescadores, desprezados  
E os marginalizados, venham todos se ajuntar  
A nossa marcha pra nova sociedade  
Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar, ê, ê

Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê  
Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê

Laiá laiá lalailaiá

---

## **Anúnciação**

**Composição: Alceu Valença**

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento  
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Na bruma leve das paixões que  
vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no  
meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao  
vento  
E o Sol quarando nossas roupas  
no varal

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu  
ouvido  
Eu não duvido, já escuto os teus  
sinais  
Que tu virias numa manhã de  
domingo  
Eu te anuncio nos sinos das  
catedrais

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

Na bruma leve das paixões que  
vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no  
meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao  
vento  
E o Sol quarando nossas roupas  
no varal

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu  
ouvido  
Eu não duvido, já escuto os teus  
sinais  
Que tu virias numa manhã de  
domingo  
Eu te anuncio nos sinos das  
catedrais

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

---  
**Sem Medo De Ser Mulher**  
**Composição: Zé Pinto**

Prá mudar a sociedade do jeito  
que a gente quer/ Participando  
sem medo de ser Mulher. (bis)

Por que a luta não é só dos  
companheiros/ participando sem  
medo de  
ser mulher/ Pisando firme  
sem medir nenhum segredo/  
Participando  
sem medo de ser mulher.

Pois sem mulher a luta vai pela  
metade/ Participando sem medo  
de ser  
mulher/ Fortalecendo os  
movimentos populares/  
Participando sem  
medo de ser mulher.

Na aliança operária Camponesa/  
Participando sem medo de ser  
mulher/ Pois a vitória vai ser

nossa com certeza/ Participando sem  
medo de ser mulher.

---

**Terra E Raiz**  
**Composição: Zé Pinto**

A chuva cai sobre a natureza  
E a planta cresce gerando a riqueza  
E o trabalhador luta com certeza  
Pra não faltar o pão sobre a nossa mesa.  
A terra guarda raiz da planta que gera o pão  
A madeira que dá o cabo da enxada e o violão  
Liberdade é pão, é vida  
Terra mãe trabalho e amor é o grito da natureza  
Viola de um cantador.  
A terra guarda raiz...  
É o povo em movimento  
Contra as cercas da concentração  
Com um sorriso de felicidade  
E a história na palma da mão.  
A terra guarda raiz...

---

**Floriô**  
**Composição: Zé Pinto**

Arroz deu cacho e o feijão floriô,  
milho na palha, coração cheio de amor.

Povo sem terra fez a guerra por justiça  
visto que não tem preguiça este povo de pegar  
cabo de foice, também cabo de enxada  
pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.

Com sacrifício debaixo da lona preta  
inimigo fez careta mas o povo atravessou  
rompendo cercas que cercam a filosofia  
de ter paz e harmonia para quem planta o amor.

Erguendo a fala gritando Reforma Agrária,

porque a luta não para quando se conquista o chão  
fazendo estudo, juntando a companheirada  
criando cooperativa pra avançar a produção.

---

### O Que É, o Que É?

Composição: Gonzaguinha

Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita

Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah, meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor  
E será!  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah, meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor  
E será!

Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

E a vida, e a vida o que é?  
Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida de um coração  
Ela é uma doce ilusão  
Êh! Ôh!

E a vida  
Ela é maravilha ou é sofrimento?  
Ela é alegria ou lamento?  
O que é? O que é, meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente  
É um nada no mundo  
É uma gota, é um tempo  
Que nem dá um segundo

Há quem fale que é um divino  
Mistério profundo  
É o sopro do criador  
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer  
Ele diz que a vida é viver  
Ela diz que melhor é morrer  
Pois amada não é e o verbo é sofrer  
Eu só sei que confio na moça  
E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida  
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada  
Por mais que esteja errada  
Ninguém quer a morte  
Só saúde e sorte

E a pergunta roda  
E a cabeça agita  
Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita

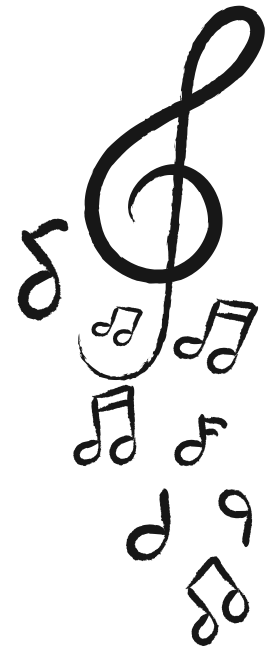
Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah, meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor  
E será!  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz  
Ah, meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor  
E será!  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah, meu Deus!  
Eu sei, eu sei



Que a vida devia ser bem melhor  
E será!  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz

---

### **Coração Civil**

**Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento**

Quero a utopia, quero tudo e mais  
Quero a felicidade nos olhos de um pai  
Quero a alegria muita gente feliz  
Quero que a justiça reine em meu país  
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão  
Quero ser amizade, quero amor, prazer  
Quero nossa cidade sempre ensolarada  
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver  
São José da Costa Rica, coração civil  
Me inspire no meu sonho de amor Brasil  
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real  
Vou sonhar coisas boas que o homem faz  
E esperar pelos frutos no quintal  
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço pra ter poder?  
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter  
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida  
Eu vou viver bem melhor  
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar

---

### **Axé - irá chegar**

**Composição sem autoria definida**

Irá chegar um novo dia  
Um novo céu, uma nova terra  
Um novo mar  
E nesse dia, os oprimidos

A uma só voz, a liberdade, irão cantar

Na nova terra o negro não vai ter corrente  
E o nosso índio vai ser visto como gente  
Na nova terra o negro, o índio e o mulato  
O branco e todos vão comer no mesmo prato

Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado  
Serão juízes deste mundo de pecado  
Na nova terra o forte o grande e o prepotente  
Iirão chorar ate ranger os dentes

Na nova terra a mulher terá direitos  
Não sofrerá humilhações e preconceitos  
O seu trabalho todos irão valorizar, das  
Decisões ela irá participar

Na nova terra os povos todos irmanados  
Com sua cultura e direitos respeitados, farão  
Da vida um bonito amanhecer  
Com igualdade no direito de viver

---

### **Mamãe Oxum**

**Composição: Chico César**

Eu vi mamãe oxum na cachoeira  
Sentada na beira do rio  
Colhendo lírio lirulê  
Colhendo lírio lirulá  
Colhendo lírio  
Pra enfeitar o seu congá  
Ê areia do mar que o céu serena  
Ê areia do mar que o céu serenou  
Na areia do mar mar é areia  
Maré cheia ê mar marejou



## O Lavrador

Composição: Cecílio Nena / Niceas Drumont

Sou apenas um lavrador  
Moro lá no infinito  
Na enxada sou doutor  
No machado eu sou perito  
Os meus versos semeei  
No rancho, no balanço do garrancho  
Que o sol queimou  
No laço, no patacho, no riacho  
No braço da viola que consola um cantador

Minha vida pelos campos  
Que são tantos pirilampos  
Entre troncos e barrancos  
Sou feliz e por enquanto  
Até o presidente come o que eu planto  
Até o presidente come o que eu planto

Sou apenas sonhador  
Da raiz e da semente  
Não há terra meu senhor  
Que eu não faça obediente  
Tantos anos já gastei  
No gado, no arado e no xaxado de um sanfoneiro  
Fiz um filho, sou um livro, plantei árvores  
E o resto dos pecados por ser macho também desejei

Minha vida pelos campos  
Se chover não tem quebranto  
A colheita vai ser boa,  
Tem fartura eu garanto

Até o presidente come o que eu planto  
Até o presidente come o que eu planto

Todos presidentes  
Todos brasileiros  
Todos eles comem  
O que eu planto e o que eu semeio



